

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA - PRAC
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Nivaldo Belo dos Santos

**“A RIMA DE DEUS”:
Como a Religiosidade popular se Expressa nos Cordéis**

Recife-PE

2018

Nivaldo Belo dos Santos

**“A RIMA DE DEUS”:
Como a Religiosidade popular se Expressa nos Cordéis**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Religião, sob a orientação da Prof.^a. Dra.^a Zuleica Dantas Pereira Campos

RECIFE-PE

2018

À vida que sempre me trouxe resiliência e
ao povo Nordestino por sua cultura
enriquecedora

AGRADECIMENTO

Ao Prof^o Dr^o Gilbraz Aragão por me conduzir nos primeiros passos dentro da Universidade, me levando a pensar e a trilhar os caminhos necessários para o desenvolvimento de minha pesquisa.

Agradeço aos professores que participaram dessa trajetória, em especial nas disciplinas feitas no mestrado, pois esses com seus ensinamentos nos leva a uma perspectiva diferenciada sobre o que é pesquisa.

À minha coordenadora e orientadora Prof^a Dr^a Zuleica Dantas por conduzir-me neste trabalho de pesquisa. Sua participação, dedicação e carisma foram fundamentais para que eu chegasse ao fim deste trabalho.

A Nélia Queiroz e Prof^a Valdenice Raimundo por serem sempre tão solícitas e ajuda no âmbito administrativo dentro da universidade, profissionais extremamente dedicadas e honrosas. Muito obrigado por toda ajuda.

Ao meu amigo Junior Antônio pelo incentivo constante quando dizia: “Nivaldo todas as vezes que eu passo na recepção e vejo um cartaz com o título Ciências da Religião eu digo: ‘é a cara de Nivaldo’. Ele tem que vim fazer esse Curso”.

Ao meu amigo Emanuel Artur outro grande incentivador desde o começo meio e fim deste curso. Obrigado por todas as consultorias gratuitas e generosas prestadas durante todo o tempo de pesquisa.

Ao meu grande Amigo Josivaldo Soares por ter sempre acreditado, incentivado e ajudado de todas as formas. “Acreditar no outro é o maior incentivo que você pode prestar” e esse incentivo eu sempre pude perceber ao olhar para você e te ouvir dizer: Você pode! Você é capaz! Obrigado por ser sempre presente mesmo quando distante. Poder contar com você foi fundamental para esse trabalho.

A todos os meus diretores e suas equipes gestoras que sempre entenderam os momentos de loucuras acadêmicas e as necessidades derivadas desse mundo de pesquisas.

Ao meus familiares que mesmo sem entender o que é o mundo Acadêmico sempre estiveram comigo prestando a assistência que lhe eram possíveis.

Por fim a todos que torceram por mim acreditando que sonhar é possível.

“Eu tinha consciência de que isso era representativo da cultura do povo. Era um começo, uma visão mais ou menos completa de vários aspectos de uma cultura local, o que me permitiu avaliar livros de cultura popular de outros lugares. Percebi que há muito preconceito, mas, apesar disso, temos que ser capazes de distinguir os elementos de valor que cada escritor apresenta sobre o contexto do país”

(Francisco Van Der Poel, - Frei Chico)

RESUMO

Este trabalho visa investigar o ciclo da Religiosidade Popular na Literatura de Cordel do nordeste brasileiro. Buscamos nos deleitar nas poesias que contam com riqueza de detalhes a vida desses sertanejos que necessitam que: sua fé tenha corpo físico, que seus santos tenham características parecidas ou iguais às suas e que sua religiosidade tenha elementos que os identifique. A literatura de cordel torna-se, diante dos anseios populares, a Bíblia da religiosidade popular (desenvolveremos essa ideia durante a exposição desse trabalho), é ali que estão presentes os sermões, os ensinamentos, as ordens, suas orações, seus Benditos e seus milagres que envolvem o cotidiano desse povo. Esse estudo visa investigar a relação que o povo faz entre sua religiosidade e a Literatura de Cordel. Essa poesia por muitas vezes marginalizadas traz a história do Povo contada pelo povo. Talvez esse seja o motivo, pelo qual, essa literatura não tenha assumido padrões intelectuais europeus. Dividimos o estudo em três capítulos no primeiro buscamos historicizar a importância dos Cordéis no contexto da cultura popular, fizemos uma caminhada do “Makros” (termos grego), onde o Cordel nasce com padrões eurocêntricos até o “micro” quando ele chega no nordeste e ganha espaço inenarrável que narra fatos da vida cotidiana, política, histórica, romântica e para nossos estudos, destacamos a face da religião cristã não oficial que surge diante das necessidades do povo. Essa necessidade abrange tudo que envolve o Sagrado e o Profano. No segundo capítulo debateremos os elementos que formam essa cultura popular religiosa e que estão presentes na Literatura de Cordel. Assim temos: o céu e o inferno, Deus e o Diabo, os salvadores populares como a figura do Padre Cícero e do Frei Damião. Trabalharemos, ainda, a relação dos milagres presente neste tipo de poesia. No terceiro capítulo refletiremos a relação entre a Cultura Literária e a Religiosidade Popular, explorando o modo como uma se funde à outra, dando espaço à fé do povo e construindo um cenário endêmico que envolve religião, cultura e sociedade. Este trabalho Visa não somente analisar a cultura do povo através das Poesias contidas nos livretos de cordel, mas enfatiza como o povo necessita que a sua fé ganhe corpo e concretude; e a Literatura de Cordel será a porta por onde a fé popular será difundida a todos.

Palavras-chave: cordel, cultura popular, religiosidade, Pe. Cícero, Frei Damião.

ABSTRACT

This work aims to investigate the cycle of Popular Religiosity in Cordel Literature of the Brazilian Northeast. We seek to delight in the poetry that tells in rich detail the life of these sertanejos who need that: their faith has a physical body, that their saints have characteristics similar or equal to theirs and that their religiosity has elements that identify them. The cordel literature would, in the face of popular yearning, make the Bible of popular religiosity (we will develop this idea during the exposition of this work), it is there that sermons, teachings, orders, prayers, blessings and miracles are present. involve the everyday life of this people. This study aims to investigate the relationship that people make between their religiosity and Cordel's Literature, this poetry that is often marginalized brings the story of the People told by the people, perhaps that is why, this literature has not assumed intellectual standards European countries. We divided the study into three chapters in the first one. We sought to historicize the importance of the Cordels in the context of popular culture. We did a "Makros" walk (Greek terms), where Cordel is born with Eurocentric patterns to the "micro" when it arrives in the northeast and it gains unscrupulous space that narrates facts of everyday life, political, historical, romantic and for our studies we highlight the face of the unofficial Christian religion that arises before the needs of the people, this need encompasses everything that involves the Sacred and the Profane. In the second chapter we will discuss the elements that form this popular religious culture and that are present in Cordel's Literature. Heaven and Hell, God and the Devil, the popular saviors who brought here the figure of Father Cicero and Brother Damião, we will still work the relation of the miracles present in this type of poetry. In the third chapter we will reflect the relationship between Literary Culture and Popular Religiosity as one merges with another giving space to the faith of the people and built an endemic scenario that involves religion, culture and society. This work aims not only to annalize the culture of the people through the poetry contained in the cordel booklets, but emphasizes how the people need their faith to gain concrete body and Cordel Literature will be the door through which popular faith will be spread to all.

Key words: cordel, popular culture, religiosity, Fr. Cícero, Friar Damião.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1.....	14
OS CORDEIS NO CAMPO DA RELIGIOSIDADE	14
1.1Origens: Perspectiva Histórica da Literatura de Cordel.....	14
1.2A aproximação com o Cordel Lusitano	16
1.3Inserção da Literatura de Cordel no Nordeste Brasileiro	18
1.4Característica e construção da Literatura de Cordel	22
1.5O Cordel dividido por agrupamento.....	27
1.6Religiosidade Oficial – Catolicismo Romano.....	40
1.7Religiosidade Popular.....	48
1.8Religiosidade Popular e a Literatura de Cordel	51
CAPÍTULO 2.....	55
CORDEIS: PALAVRAS E SÍMBOLOS DE EVOCÇÃO DO SAGRADO	55
2.1 Perspectivas do céu, purgatório e inferno.	58
2.2A visão de Deus e do Diabo	62
2.3Frei Damião	66
2.4 Padre Cicero Romão Batista ou Padim Ciço e A Beata Maria de Araújo	69
2.5 Relação Romeiro e Salvador	78
CAPÍTULO 3.....	83
3 RELIGIOSIDADE POPULAR E A CULTURA LITERÁRIA CORDELISTA	83
3.1 Cultura literária cordelista.....	83
3.4 Catolicismo Popular	86
3.5 Relações entre a religiosidade popular e cultura literária cordelista.....	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS	98
REFERÊNCIA –CORDÉIS.....	104
ANEXOS.....	107

LISTA DE: GRÁFICOS, IMAGENS, TABELA E QUADRO

GRÁFICO 1

Representação da divisão temática do Cordel, segundo Proença29

GRÁFICO 2

Divisão temática da Literatura de Cordel segundo Slater.....30

GRÁFICO 3

Demonstração da ordem natural espiritual58

IMAGEM 1

Cordel “O Doido” de Costa Senna.....31

IMAGEM 2

Cordel “Novo Tempo, o Cangaceiro Que Humilhava a Morte” de Costa Senna.....32

IMAGEM 3

Cordel “É Pinto Nessa Eleição” de Costa Senna.....33

IMAGEM 4

Cordel “O sublime Presente” de Costa Senna34

IMAGEM 5

Cordel “Raul Seixas entre Deus e o Diabo” de Costa Senna.....35

IMAGEM 6

Cordel “O Lobisomem da Avenida São João” de Costa Senna.....36

IMAGEM 7

Releitura do livro “Alice no País das Maravilha” de João Gomes de Sá.....37

TABELA 1

Principais eventos ocorridos na Igreja Católica.....44

QUADRO 1

Credos utilizados pela Igreja Católica.....47

INTRODUÇÃO

Conhecer a Dinâmica em relação ao comportamento da Religiosidade Popular dentro do universo da Literatura de Cordel constitui o objetivo do presente trabalho. As religiões populares se configuram como um campo importante da dimensão da identidade do Povo nordestino uma vez que esse sentimento religioso se constitui num misto de sincretismo entre escravos afros, católicos europeus e índios brasileiros, além, de diversos povos que contribuíram com a cultura religiosa presente os diversos ciclos sociais. A religiosidade popular expressa a realidade do povo pobre e sofrido e está presente entre todos os oprimidos. A diversidade cultural e religiosa que compõe o cenário brasileiro contribui com a sobrevivência de dois elementos, que serão o foco principal do nosso trabalho, são eles: a religiosidade popular e a literatura de cordel. É a partir desses dois aspectos que mostraremos como o povo se utiliza desses elementos para expressar o que vivem e assim daria seguimento a uma cultura que passa de geração para geração.

A religiosidade popular é importante para manter vivo o sentimento de pertença a uma comunidade onde a religiosidade oficial não pode chegar, então fica claro que a religiosidade popular é um sagrado manipulado pelo povo tendo em vista que nas regiões mais distantes das capitais o clero oficial não consegue chegar. Cabe então ao povo realizar os sacramentos que são de obrigação dois ministros autorizados pela igreja. É nesse momento que o povo se apropria da Literatura de Cordel para expressar a sua religião. A Literatura de Cordel será responsável por disseminar, de forma simples, falando a língua do povo para o povo, os ensinamentos presentes na Bíblia e que o povo, semianalfabeto, não consegue interpretar. É através da Literatura de Cordel, também, que esta religiosidade se populariza e os Santos canonizados pelo povo, ainda são impressos nos versos destes livretos rezas, benditos, ensinamentos, exortações e tudo que compõem o cenário religioso.

Este trabalho se divide em três momentos. No Primeiro Momento iremos historicizar a importância dos cordéis no contexto da cultura popular, percebido na repercussão do campo religioso, neste momento iremos *linkar* a história do cordel na Europa com a história do cordel no Brasil, tendo em vista que o Cordel brasileiro tem apenas raízes lusitanas; entretanto, aqui no nordeste ganha características endêmicas que não se comparam a nenhum outro lugar do mundo. Achamos relevante trazer a história desse livreto construindo uma espécie de viagem que nos

traz da Europa, passando por alguns países da América e chegando ao nordeste brasileiro.

No segundo momento iremos debater e classificar os elementos da cultura Religiosa Popular presente nos cordéis. Aqui faremos uma análise nos utilizando de diversos cordéis e inúmeros autores que compõem o cenário da cultura popular. Extrairemos destes, os elementos religiosos que estão impregnadas nos seus versos. Esse, também, é o momento de fazer eclodir os santos populares contrapondo a construção do bem e do mal dentro deste universo.

No nosso terceiro e último momento, iremos avaliar a relação entre a cultura literária cordelista e a religiosidade popular; identificaremos qual a relação entre esses dois pilares da cultura popular assinalando como a Literatura de Cordel e Religiosidade Popular se relacionam. Veremos que há uma relação de codependência pois, a religiosidade se utiliza da linguagem fácil e de acesso imediato para chegar ao povo e em contra partida a Literatura de cordel se expande graças ao elementos religiosos que habitam nos versos dos livretos.

O que nos motivou a pesquisar esse tema foi as riquezas que há escondida por traz das mais diversas expressões populares do nordeste. Uma das expressões culturais mais difundida no nordeste é a literatura de cordel, que ao longo dos estudo podemos perceber o quando caminham de mãos dadas com a religiosidade popular. Perceber também que os versos “engrado” utilizados pelos poetas trazem, muitas vezes de forma disfarçadas os anseios religioso de um povo que por muitas vezes pareciam ser esquecidos pela Igreja de Roma e assim criavam e recriam as mais diversas formas de religiosidade.

A religiosidade popular é uma característica de toda grande religião, essa é a capacidade que essas grandes religiões têm de se renovar e se manter viva. A Literatura de Cordel é a forma com que o poeta encontra para levar conhecimento para o seu povo e, em contrapartida, a população, pobre, anseia por informação. Mas será a linguagem a seu modo rebuscada não encontra espaço na literatura clássica. É com essas características que podemos afirmar que essas duas expressões populares são dependentes uma da outra.

Para o desenvolvimento desses três momentos pesquisamos no acervo do Memorial de J. Borges, Museu do cordel (caruaru) e sites especializados em Literatura de Cordel diversos cordéis que tinham como característica a temática religiosa popular. Escolhemos

temas que abordassem de forma explícita elementos da Religiosidade Popular, Santos Canonizados pelo povo e/ou fatos do dia-a-dia que liguem o nordestino ao sagrado que recobre o seu imaginário. Destacamos ainda que nos debruçamos sobre os livretos que abordavam o Catolicismo popular, por ser a religião mais trabalhada e aceita pela sociedade da época. A não aceitação de outras religiões não exclui a incorporação de elementos de outras expressões religiosas no catolicismo popular essa incorporação fortifica a religiosidade local. Os cordéis que analisaremos fazem menção a religiosidade popular, assim buscamos exclusivamente Livretos que abordassem essa temática de forma mais explícita. Nos preocupamos com as rimas que os cordelista se apropriaram para expressar a religiosidade popular e assim não exploraremos as xilogravuras que são parte importante dos cordéis, principalmente nas ilustrações de suas capas.

Além da Literatura de Cordel não poderíamos deixar de destacar o estudo feito sobre o pensamento de alguns autores que contribuíram grandiosamente para cultura popular, religiosidade popular e a literatura de cordel, como: Gilberto Freyre (**Literatura de Cordel: Antologia**), Candace Slater (**A Vida no Barbante: A Literatura de Cordel no Brasil**), Émile Durkheim (**As Formas Elementares da Vida Religiosa**) Max Weber (**Sociologia das Religiões**), João Batista Libânio (**A Busca do Sagrado**), Fernando Pessoa (**Obra Poética**), entre outros. Nos utilizamos, ainda, do Catecismo da Igreja Católica e de alguns poetas consagrados como José Pacheco, José Marcos da Silva, José Martins de Athayde e J.B. Xavier. A metodologia utilizada na nossa pesquisa foi a contribuição cultural deixada pelo povo e captada pelos poetas populares e analisadas por grandes estudiosos da área.

Diante disso, o presente estudo pretendemos dar uma contribuição à compreensão de como a religiosidade popular se expressa na literatura de cordel e, com isso, procuramos entender um pouco de como a religiosidade popular está presente no dia a dia do homem nordestino.

CAPÍTULO 1

OS CORDEIS NO CAMPO DA RELIGIOSIDADE

[...]
 O que chamam de Cordel
 Na Vera realidade
 É a grande Literatura
 Popular de qualidade
 Folhetos vindos de longe
 Das européias cidades

Já no século quatorze
 Na Holanda, Portugal,
 Espanha, França e Alemanha,
 Toda Europa ocidental
 Já havia estes folhetos
 Em circulação normal
 [...]

O cordel de Melanio Maia com o título “Cordel do Cordel” nos conduz a uma breve história do cordel, desde o medievo até a contemporaneidade. Como vimos, na segunda e terceira estrofe, a Literatura de Cordel Brasileira, ainda, continua nos levando a uma discussão a respeito de sua origem. Assim, pretendemos neste capítulo, compreender a importância dos cordéis no cenário da religiosidade popular no Nordeste.

1.1 Origens: Perspectiva Histórica da Literatura de Cordel

Sabemos que a Literatura de Cordel tem origem na literatura oral e sendo seus poetas detentores do dom da narrativa encontramos poesias similares por diversos continentes como: Europa, Ásia e África. Não podemos esquecer que a origem dessa Literatura passa por adaptações dos romances vivenciados por poetas medievais. Trazemos, ainda, a passagem ultramarina da Literatura de Cordel, em Portugal, França, Inglaterra, Alemanha, Holanda e Espanha.

Este tipo de literatura recebe outros nomes nos mais diversos países da Europa. Na França recebe o nome de *littérature de colportage* que era direcionada a públicos distintos, para a comunidade rural tínhamos o *Occasionnels* e para a comunidade urbana o *Cannard*.

Na Inglaterra também havia uma divisão, os folhetos românticos eram chamados de *Cocks/catchpenniers* e os folhetos de caractere históricos eram denominados de *Broadsides*. No Entanto entre os Cordéis Nordestinos e os Cordéis Ingleses há duas diferenças principais: 1) o folheto nordestino é quase sempre em verso, e no *chapbook* inglês predominava a prosa; 2) no Nordeste usa-se uma ilustração que se denomina xilogravura apenas na capa, enquanto os *chapbooks* ingleses têm gravuras ilustrando o corpo do texto.

Na Espanha os folhetos eram conhecidos como *Pliegos Suelos* ou *hojas*. O formato é muito semelhante aos folhetos brasileiros, consiste em uma folha de tamanho real dobrada duas vezes para formar oito páginas, caracterizando assim, folhetos com páginas múltiplas de oito. Nos *Pliegos* são abordados temas de diversos gêneros, tais como: religião, amores, milagre, canções. Temas que remetem muito aos Cordéis Brasileiros. Ainda sobre os *Pliegos*, Antonio Rodriguez-Monino diz que:

Por pliego suelto se entiende, en general, un cuaderno de pocas hojas destinado a propagar textos literarios o históricos entre la gran masa lectora, principalmente popular." (...)El pliego suelto es la fuente donde bebe el pueblo español sus conocimientos de la poesía, la novela y, a veces, la historia¹." (MONINO, 1970, p.10-11)

O que havia de semelhante entre as literaturas desses diversos países eram o público a que ela se destinava. Sempre pessoas simples.

Impresso em papel ruim, esses escritos eram vendidos, especialmente no campo, às vezes até lidos em voz alta, na maioria por vendedores ambulantes dos meios mais desfavorecidos, que não tinham outros meios de subsistência. Do século XVIII ao XIX, o vendedor ambulante foi o principal emissor de textos. Sua importância estava principalmente no fato de que respondia à necessidade de ler para as pessoas simples do campo.

Essa literatura popular chega a América como passatempo dos navegantes. No México se encontra um tipo de desafio poético/verbal que em muito se assemelha aos repentistas Nordestinos. Esse tipo de verso mexicano recebe o nome de "contrapunteo". Um exemplo deste tipo de poesia são os *versejos* do

¹Por folha solta entende-se, em geral, um caderno com poucas páginas destinado a propagar textos literários ou históricos entre a grande massa de leitura, principalmente popular. "(...) A folha solta é a fonte onde o povo espanhol bebe seu conhecimento de poesia, romance e, às vezes, história. (Tradução nossa)

contrapunteo de Pedro Infante y Jorge Negrete. Esse tipo de duelo nem sempre vem acompanhado de um título, porém podemos perceber nesta poesia a presença de elementos religiosos como “malo y bueno” e “del malvado” neste último fazendo referência ao maligno.

[...]
 Yo soy Malo no lo niego
 pero quisiera mezclar
 malo y bueno, por si sale
 algo que sea regular...
 [...]
 Como no será lo bueno
 para el placer del malvado...
 con la miel y su veneno
 ahí anda el pobre purgado.

No Peru, Chile e na Argentina se encontra um tipo de literatura mais semelhante aos cordéis brasileiros. São os “corridos”, um exemplo, citado por Luyten (2006, p. 12), é o “El fusilamiento del general Felipe Ángeles” que fala sobre a revolução mexicana.

[...]
 “Yo no soy de los cobardes
 que le tremen a la muerte
 La muerte no mate a nadie
 la matador es la suerte.”
 [...]

Diante do que vimos exposto fica claro que os cordéis da América, mais precisamente, da América do Sul são utilizados como informativos de diversos acontecimentos que se desenvolvem na sociedade. Outra coisa que ainda continuamos a observar é a presença sempre marcante de elementos que liga o personagem a algo sobrenatural, neste corrido percebemos a coragem em lidar com a “morte” que o autor emprega, graças a fé que o General expressa.

1.2 A aproximação com o Cordel Lusitano

O Cordel chega ao Brasil, segundo o pesquisador italiano Silvano Peloso (1996), com os desbravadores do novo mundo que por muitas vezes, para cessar o silêncio do mar, faziam uso de leituras solitárias ou comunitárias de contos, canções e orações, desta forma trouxeram vários folhetos de cordéis em suas bagagens.

Jogavam com cartas e dados (embora severamente proibido) e, frequentemente quando a monotonia da vida de bordo e a quietude convidavam ao silêncio, era a vez da leitura solitária no canto do navio, ou daquela coletiva em voz alta, todos sentados em círculo. Desta maneira, muitos textos, prevalentemente da literatura popular, chegaram ao novo mundo com as bagagens do colono, constituindo as primeiras bibliotecas à disposição de todos (PELOSO, 1996, p. 48).

Segundo Marco Haurélio em seu Livro “Breve história da Literatura de Cordel” (2010, p. 19), quando os folhetos Lusitanos transpassam o mar e chegam ao Brasil passam a ser chamados de Literatura de Cordel, devido à exposição que tinham nas feiras livres. Em Portugal recebem outras denominações, que não se fixaram no Brasil como: “folhas soltas”, “folhas volantes” e “literatura de cegos”, nesta última, adquiriu esta nomenclatura já que a comercialização foi feita durante muito tempo pela Irmandade do Menino Jesus dos Cegos de Lisboa.

Outra característica que aproxima os Cordéis Brasileiros dos nossos irmãos europeus era a forma com que eles eram divulgados nas feiras. A princípio essa divulgação era feita de forma cantada, essa prática levava a população com entusiasmos as feiras e festivais onde essa versão oral também era consumida pela corte e pela igreja.

No Nordeste brasileiro essa divulgação oral será de fundamental importância, pois os cantadores e repentistas usando a “peleja” (desafios verbais), história de amor e heroísmo, preces e notícias levava o povo analfabeto ao delírio com seus trovadores e jograis.

Slater (1984, p10) observa que as versões dos folhetos portugueses tiveram grande contribuição na construção do cordel nordestino, mas destaca um aspecto do cordel: “com exceção de pequeno número de preces em prosa”, ele é exclusivamente poético.

Diegues júnior (1977) explica que a mistura da cultura europeia, indígena e africana deram uma particularidade aos nossos cordéis que já demonstrava o espírito brasileiro de ser:

[...] embora se faça, ou se fazia, não raro, a diferenciação do que era de origem portuguesa, ou de origem indígena, ou de origem africana, a verdade é que no Brasil essas origens de transculturação, num processo criativo que testemunha o espírito já brasileiro, e não puramente europeu ou indígena ou africano (JÚNIOR, 1977, p. 18).

Sobre o multiculturalismo influenciado pelos mais diversos povos que deixam sua contribuição diariamente na nossa cultura, Slater (1984) questiona que não se pode precisar quando, em que condições e a quantidade com que tais folhetos penetraram no Brasil colônia para serem “transculturados”.

Almeida, tem um posicionamento contrário entre a ligação do Cordel Nordestino e a origem com a Literatura Lusitana. Ele nos mostra que o Nordeste, por sua rica cultura, favorece o crescimento dessa expressão popular quando diz que:

O Nordeste é a região mais rica do Brasil em poesia popular. Ali nasceu e se desenvolveu a literatura de cordel. Dali se expandiu para outras partes do território nacional. Vem de muito longe essa manifestação da inteligência brasileira, gerada pelo cruzamento das raças e favorecida pelas condições do meio (ALMEIDA, 1976, p.1).

Proença também defende a origem portuguesa de nosso cordel, afirmando que “o autor de folhetos de poesia popular tem a sua tradição, como é infalível, em Portugal (1986, p. 27)”.

1.3 Inserção da Literatura de Cordel no Nordeste Brasileiro

Tudo conduziu para o Nordeste se tornar o ambiente ideal em que surgiria forte, atraente, vasta a literatura de cordel. Em primeiro lugar, as condições étnicas: o encontro do português e do africano ali se fez de maneira estável, contínua, não esporadicamente. Houve tempo suficiente para a fusão ou absorção de influências (DIEGUES JÚNIOR, 1986, p. 39).

A região Nordeste do Brasil é marcada pelo estereótipo de pobre devido à seca que assola o povo, no entanto, percebemos nas palavras de Diegues Júnior que a região é muito rica pelas diversas influências que recebe dos povos que fazem parte de sua cultura contribuindo para o enriquecimento da religiosidade nordestina, que recebeu influência de todos os povos que eram trazidos constantemente para o país. Esses povos cheios de cultura religiosa acabam contribuindo de forma direta ou indireta para a fixação do cenário místico/religioso presente neste tipo de poesia.

No início da colonização a Comunicação com as áreas urbanas demorava dias e a população tinha necessidade de se informar dos acontecimentos. Dessa necessidade surge fortemente a presença dos livretos de Cordéis suprimindo a carência das áreas desfavorecidas de informação e de intelectuais. O cordel interiorizado surge como uma manifestação escrita que irá tratar de diversos assuntos entre eles à religiosidade do povo que é uma marca muito forte.

A literatura popular escrita é consumida pelo povo que não sabe ler direito, mas que tem carência de comunicação e sente necessidade de se manter informado do que está acontecendo não somente no seu mundo municipal ou nacional ou internacional (AMARAL,1976, p. 12).

Um jovem nordestino logo que aprendia a ler, já tinha conhecimento que uma das suas funções seria de recitar as rimas do Cordel não deixando passar nenhum detalhe. A riqueza de detalhe era fundamental para tal manifestação por esse motivo, não era difícil de encontrar jovens que se dedicavam a educação tendo em vista o peso que ele carregaria. No cordel “A peleja do aluno brigão com o aluno estudioso” de Antônio Carlos de Oliveira Barreto, percebemos dois fatores importantes. O primeiro, a dedicação de um bom aluno e, o segundo, o quanto a indisciplina se assemelha a figura do diabo.

[...]
 O meu nome é João
 Sou um aluno educado
 Trata bem os meus colegas
 Eu nunca fui perturbado
 Respeito os meus professores
 E sou sempre elogiado
 [...]
 O José deixou de ser
 Um aluno endiabrado.
 Abrir os olhos para a vida
 Tornou-se disciplinado
 E por todos da escola
 Passou a ser adorado
 [...]

É relevante consideramos que a Literatura de Cordel Nordestina é um fenômeno consideravelmente novo (se comparados com outros tipos de literaturas), descende das poesias dos repentistas, isso por que a Literatura de Cordel tem rima assim como as poesias cantadas dos tão famosos Cantadores de Repente. Zumthor (1997, p.13) afirma que: “As emoções mais intensas suscitam o som da voz”, é com essa emoção que os poetas vão cantar e escrever seus versos e casos. A efervescência criada a partir da ação individual ou/e coletiva dos poetas suscita no povo a fé que, no Nordeste Brasileiro, está diretamente ligada à ação de ouvir. É com estas ações de ouvir que muitos poetas iam rezar os seus benditos, despertando o sentimento religioso que inspirará a construção impressa dessa fé.

José de Ribamar Lopes (1994, p. 15), diz que ninguém é um poeta popular por que se denomina ou simplesmente por que quer ser. Para assim ser, tem que viver

no meio do povo e escrever sobre suas necessidades, apropriando-se da sua linguagem e cultura. É por isso que os Cordéis Nordestinos estão impregnados de uma fidelidade sem igual, pois desvenda a realidade de um povo tido como sofredor. O autor ainda desenha um cenário profundo sobre as condições sociais, culturais, psicológicas e religiosas do povo Nordestino. Foi buscando a essência que o poeta tira do seu povo que o cordelista Patativa do Assaré (1999, p.27) escreve:

Repare que a minha vida
É deferente da sua.
A sua rima pulida
Nasceu no salão da rua.
Já eu sou bem deferente,
Meu verso é como a semente
Que nasce inriba do chão;
Não tenho estudo nem arte,
A minha rima faz parte
Das obra da criação.

Mas, porém, eu não invejo
O grande tesôro seu,
Os livro do seu colejo,
Onde você aprendeu.
Pra gente aqui sê poeta
E fazê rima completa,
Não precisa professô;
Basta vê no mês de maio,
Um poema em cada gaio
E um verso em cada fulô.

O que expressa o Cordel na escrita é o conteúdo da literatura oral. São os acontecimentos decorrentes dos diversos temas que compõe a vida cotidiana, religiosa e brejeira do nordestino. É assim que Cascudo (1989) destaca também a importância da oralidade para esta Cultura que com ajuda da Poesia Cantada escreve a realidade do povo sertanejo:

[...] Pela sua obediência aos ritos modernos ou antigos de escolas ou predileção individuais, expressa uma ação refletida e puramente intelectual. A sua irmã mais velha, a outra bem velha e Popular, age falando, cantando, representando, dançando no meio do povo, nos terreiros das fazendas, nos pátios das igrejas nas noites de “novena”, nas festas tradicionais do ciclo do galo, nos bailes do fim das safra de Açúcar, nas salinas, festas dos “padroeiros”, potirum, ajudas bebidas nos barracões amazônicos, espera de “Missa do Galo”; ao ar livre, solta álaacre, sacudida, ao alcance de todas as críticas [...](CASCUDO, 1984, p. 27).

As necessidades do povo em obter interação com o seu espaço, que vai além das paredes de suas simples casas, suscita a busca por conhecimento. E que lugar melhor se não os livretos, simples e baratos, de cordéis para contribuir com essa aquisição? São as Literaturas de Cordéis que irão oferecer as mais diversas temáticas. Para informar, divertir ou expressar o sagrado e o profano segundo os costumes Católicos Romanos, quase tudo serve de motivo aos poetas populares para escreverem seus folhetos: desde as adaptações dos romances épicos, até assuntos históricos brasileiros, assuntos e personalidades ligadas à religiosidade, ao misticismo, à vida campestre e crimes. Então, classificados por Jorge Amado, o Cordel é:

Nascida do povo e por ele realizada, a Literatura de Cordel corresponde às necessidades de informação, comentário, crítica da sociedade e poesia do mesmo povo que a concebe e a consome. É, ao mesmo tempo, o noticiário dos fatos mais importantes que ocorrem no mundo, no país, no estado, na cidade, no bairro, e sua interpretação do ponto de vista popular. É, ao mesmo tempo, a crítica por vezes contundente e a visão poética do universo dos acontecimentos. É puritana, moralista, mas igualmente cínica e amoral, realista e imaginosa – dentro de suas contradições perdura a unidade fundamental do choque da cultura e da vida do povo com a sociedade que limita, oprime e explora as populações pobres e trabalhadoras. Pode-se dizer, em resumo, que a literatura de Cordel é uma arma do povo contra seus inimigos. (BAHIA, 1997)

Os poetas populares detêm um conhecimento muito especial do seu povo a exemplo temos: a fala, os costumes, seus rituais místico-religiosos, além de participar ativamente das necessidades dos seus leitores que muitas vezes se confundem com os personagens principais presentes nos escritos. Esse conhecimento ímpar faz com que esses poetas carreguem um título, não de nobreza, mas de tamanha relevância. Essa observação fica clara no que nos escreve Gilberto Freyre, quando pesquisava a importância dessa literatura para o Brasil.

É curioso que o mais doutorado por Sorbonnes, Columbias, Munsters e Sussex, dos brasileiros de hoje, seja o que menos ostenta seus títulos doutoralmente ou magistralmente acadêmicos. E mais pertence ao número dos que pensam, sentem, escrevem, de ouvidos atentos ao que lhe vem de seus compatriotas rústicos e até analfabetos, através da chamada Literatura de Cordel. (FREYRE, 1983, p.17).

Assim, o cordel nordestino coloca homens e mulheres, com poucos recursos, na posição de autores, escritores, vendedores, compositores de suas próprias histórias. Esses poetas populares que ditam, agora, um novo modelo de nordestino

atuante e construtor de novos caminhos literários e religiosos, se assemelham aos escritores que integravam o grupo dos intelectuais da elite. No entanto, não podemos deixar de registrar que no Brasil, a maioria dos cordelistas são homens. O papel da mulher, neste caso, vem sendo de auxiliar os maridos e os pais, quando esses são poetas.

Há mulheres que escrevem, porém são raros os cordéis assinados por elas. Essa observação não passa despercebida por Candace Slater quando esteve no Brasil em meados do século XX e fez a seguinte afirmação:

As mulheres têm tradicionalmente auxiliado os maridos ou pais, quando autores, a escrever e rever histórias, e tem havido algumas famosas mulheres repentistas; porém, hoje, apesar de poder-se encontrar um ocasional folheto escrito por mulher, praticamente todos os profissionais são homens (SLATER, 1982, P. 27).

Com a indagação de Slater percebemos o quanto essa Literatura é um muno restrito e se não encontramos uma número expressivo de mulheres escrevendo cordel encontramos menos ainda mulheres que falem de religiosidade nesses escritos.

1.4 Característica e construção da Literatura de Cordel

De acordo com o *site* “estudos práticos”², a literatura de cordel possui características bem particulares, que a difere das demais literaturas. São elas:

1. A xilogravura é um ponto muito forte e marcante dessa Literatura;
2. O folclore brasileiro tem sua presença garantida, pois conta fatos do dia-a-dia que agregam personagens místicos;
3. Por ser de papel de segunda, os custos são muito baratos, contribuindo assim para uma aquisição popular muito maior do que os livros clássicos. Além disso, essa dinâmica contribui para a prática da leitura;
4. Alguns textos seguem um modelo próprio como é o caso dos Cordéis Românticos;

² Disponível em: www.estudospraticos.com.br. Acesso: 20 nov. 2017

5. Os personagens quase sempre são dotados de grande inteligência e para os casos precisam ser resolvidos essa astúcia é indispensável;

6. Quando a literatura trata de um romance percebemos, que os personagens quase sempre sofrem por não poderem desfrutar desse amor. As causas desse impedimento iram variar de acordo com a história que está sendo trabalhada;

7. O herói das histórias nunca sai perdendo, mesmo se ele não atingir seus objetivos, os autores tratam de favorecê-los de alguma forma, para deixar a história equilibrada.

A Literatura de Cordel Nordestina é rimada através de versos que se dividem em estrofes, no cordel, as estrofes mais usadas são: quadra (que caiu em desuso), sextilha, septilha, oitava, quadrão, decima, Martelo, martelo agalopado, galope à beira mar e meia quadra.

Quadra é basicamente uma estrofe de quatro versos. A quadra é mais usada com sete sílabas. Obrigatoriamente tem que haver rima em dois versos (linhas). Cada poeta tem seu estilo e sua forma de conduzir suas rimas. Alguns poetas preferem rimar, esta modalidade, a segunda com a quarta “linha”. A seguir temos um exemplo de uma quadra de Cordel. O poeta Patativa do Assaré com o Cordel Intitulado “Filho de Gato é Gatinho”, neste cordel percebemos uma maldição que acompanha essa família e que passará para sua filha recém-nascida. De forma engraçada e rápida O autor brinca com a questão do roubo e da malandragem dos personagens envolvidos na trama.

[...]
 Era o esposo assaltante **perigoso**,
 O mais famoso dentre os marginais,
 Porém se ele era assim **astucioso**,
 Sua esposa roubava muito mais.
 [...]

Sextilha é uma das formas mais utilizadas nos cordéis. Esta modalidade passou a ser a muito indicada para os longos poemas de caracteres religiosos além de serem muito usadas nas sátiras políticas e sociais. No cordel de Carlos Augusto Mélo e Silva percebemos diversos elementos que compõem a religiosidade nordestina. No seu

cordel “A peleja do diabo com o santo milagreiro” Carlos Augusto fala de uma discursão que São Raimundo Dos Mulundus tem com o diabo. Na discursão percebemos, claramente, elementos que ligam pessoas que praticam o bem às coisas sagradas; e para aquelas que fazem o contrário, recai o peso das maldições, que são administradas pela figura do diabo.

[...]
 Eu vou rezar o longo terço
 Para espantar todo o pecado,
 Expulsar toda maldade
 e ficar bem aliviado
 porque tenho muita fé
 e Deus está ao meu lado
 [...]
 vai para lá com sua reza
 crença, fé e orações
 porque há fracos de espírito
 sem fé em seus corações
 e contra esses coitado
 é que recai as maldições
 [...]

Septilha usa-se o estilo de rimar os segundo, quarto e sétimo versos e o quinto com o sexto, podendo deixar livres o primeiro e o terceiro. Estrofe (rara) de sete versos; sentença (de sete em sete). Estilo muito usado por José Antônio Torres, o Zé Catolé, no seu Cordel “O velho que enganou o Diabo”. Neste livreto percebemos a visão que o nordestino tem do Diabo, aqui denominado de Lúcifer, um ser enganador e aproveitador. Quase sempre percebemos Cordéis em que, o autor, coloca esse personagem da religiosidade nordestina como um disfarce que sempre é percebido por característica que são dadas a ele e que esse será derrotado por “pessoas” mais espertas que ele.

[...]
 O velho disse consigo
 Eu engano este ladrão
 Eu sei que é Lúcifer
 Porém não faço questão
 Comigo ele se embaraça
 Porque trabalha de graça
 O inverno e o verão.
 [...]

Oitava são estrofes de oito versos de sete sílabas. A diferença dessa categoria popular das categorias clássicas são as formas com que as palavras são rimas. Seu

formato deriva da junção de duas quadras. Vejam como o segundo verso desta oitava de Casimiro de Abreu (1837 – 1860).

[...]
 Como são belos os dias
 Do despontar da existência
 – Respira a alma inocência
 Como perfumes a flor;
 O mar – é lago sereno,
 O Céu – Um manto azulado,
 O mundo – um sonho dourado,
 A vida um hino de amor.
 [...]

Decima é a forma mais erudita, recebe esse nome por que também é utilizada pelos repentistas. A décima também se utiliza da redondilha, mas é nesse formato que aparecem versos de arte maior, como o Martelo Agalopado e o Galope à beira-mar. No cordel de João di Carvalho intitulado “É desse sertão que eu sinto saudade no coração” percebemos a forte presença da vida dura que tem um sertanejo e mesmo assim ama profundamente sua terra e o seu maior sofrimento seria viver longe do que ele mais ama. Dessa forma qualquer castigo seria perdoado por Deus, que Este tem forte presença na vida do sertanejo.

[...]
 De uma manhã orvalhada
 De uma chuva no terreiro
 Da sombra de um juazeiro
 Do mujido da boiada
 De um prato de coalhada
 De um guizado de capão
 De ver dona conceição
 No quintal tangendo um pinto
 É desse sertão que eu sinto
 Saudade no coração
 [...]

Martelo Agalopado não se tem compromisso com o número de versos, as estrofes são alongadas até que se obtenha o sentido completo da mensagem que se quer passar. O martelo Agalopado tem estrofe dez versos e de dez sílabas, é uma das modalidades mais antigas na literatura de cordel. Paulo Camelo nos mostra um exemplo de um Martelo Agalopado no seu poema “Velha rede”.

[...]
 "Atirei meu casaco sobre a mala,
 e me pus novamente a caminhar.
 Essa longa jornada para o mar
 escondeu do meu rosto o riso, a fala.

Eu deixei minha rede lá na sala
 e parti com vontade de voltar.
 Precisava, entretanto, trabalhar
 pra poder ser alguém, ganhar a vida
 e ter mais liberdade. Essa ferida
 em minh'alma eu não sei se vai sarar
 [...]."³

Galope à Beira Mar essa categoria criada pelo Cearense José Pretinho depois de uma possível derrota em um desafio de repente onde se utilizava da categoria de Martelo Agalopado é um poema de décimas (estrofes com dez versos), com versos hendecassílabos (onze sílabas). Nesse Galope o último verso sempre termina com uma expressão que lembre o galope. A mais comum e tradicional é "galope na beira do mar". Outras expressões podem surgir, porém, desde que terminem com a palavra ou a sílaba "mar".

Cantor das coivaras queimando o horizonte,
 das brancas raízes expostas à lua,
 da pedra alvejada, da laje tão nua
 guardando o silêncio da noite no monte.
 Cantor do lamento da água da fonte
 que desce ao açude e lá fica a teimar
 com o sol e com o vento, até se finar
 no último adejo da asa sedenta,
 que busca salvar-se da morte e inventa
 cantigas de adeuses na beira do mar.
 ("Galope à beira-mar" – Luciano Maia)

Por que será que há tantos gêneros dentro de uma única literatura? Por que é importante essa diversificação de estilos? Bem as respostas estão ligadas a diversidade cultural do próprio cordel e do povo que dela se utiliza. É de fundamental importância para o cordelista saber escrever, nas diferentes formas de escritas que compõem essa Literatura, pois contemplar um só estilo cansaria o leitor. Por exemplo, em um livro que reunisse uma coletânea de cordéis, se todos fossem da métrica oitava, ou decima, o leitor não se sentiria estimulado a ler. No entanto, se essa coletânea estiver carregada de diversos estilos, prenderá o leitor pela dinâmica que a própria Literatura transmite. Podemos usar como exemplo do que foi exposto acima em relação à diversidade de estilos presente em alguns Cordéis, o livro "Guriatã: um cordel para menino", do Cordelista Marcus Accioly, livro em que o Autor usa de grande

³<http://www.camelo.recantodasletras.com.br/visualizar.php?id=215893>. Acessado em 02/03/2018

parte dos modelos estilísticos do Cordel para descrever as várias histórias presente em seus contos. A exemplo temos na página 120 do Livro de Marco Accioly um verso que se encaixa na categoria quadra e o verso seguinte temos um exemplo de uma sextilha reafirmando o exposto em relação a dinâmica da alternância dos versos:

[...]
 -ei, Ferrabrás, Furacão,
 Limpa-Trilhos, Rompe-Ferro,
 Como carne, catrevage,
 Que uma facada eu não erro!

Tubarão, Boto, Xaréu,
 Cioba, enchova, Baleia,
 Minha faca é de aço bom,
 De um aço que não mareia,
 Me cega lua nenhuma
 Nem sol nenhum me encandeia.

Ecô! Ecô meus Cachorros!
 Mordei, ó minhas cadelas!
 Vamos à Ilha onde o mar
 De canas verdamarelas.
 [...]

A exemplo, tiramos os versos da página 120 do Livro de Marco Accioly onde o primeiro verso se encaixa na categoria quadra, o verso seguinte temos um exemplo de uma sextilha e por fim votamos ao exemplo de um verso em quadra. Reafirmando o exposto em relação a dinâmica, para o leitor, da alternância dos versos.

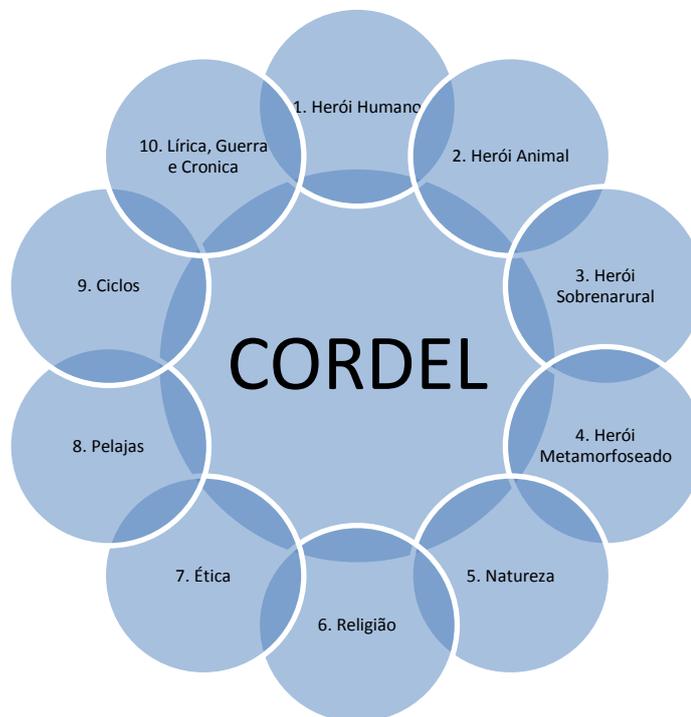
1.5 O Cordel dividido por agrupamento

O que podemos perceber é que independente de ser escrito por homem ou mulher o Cordel é construído dentro de um agrupamento de temas que o insere em um determinado grupo. Segundo Slater (1984), para se produzir um cordel “precisa-se apenas de 3 passos... Escrever, imprimir e distribuir”. Onde essa produção não enriquecia nenhum homem, nenhum poeta. Esses poetas eram muitas vezes quem vendia de porta em porta ou até mesmo nas feiras seus próprios livretos, passando muitas vezes meses fora de casa nessa “peleja” Esses fatores dificultam a vida de poetas que pretendiam viver de sua arte.

A maioria dos poetas pena para pagar as contas no fim do mês. Alguns, confessadamente, têm sido mais bem sucedidos que outros. João Martins de Ataíde, por exemplo, pôde comprar uma série de casas no centro do Recife com os locros de sua venda de seus folhetos. João José da Silva despachava, em certa época, por via aérea, sua mercadoria poética para grandes cidades. Não obstante, mesmo os poetas de maior sucesso nunca foram especialmente abastados. Assim embora José Bernardo da Silva tenha se tornado um dos maiores impressores de folhetos do Nordeste, com agentes de Belém até Maceió, a esposa dele, Ana, continuou a abrir as páginas dos livretos com tesoura, durante quase vinte anos, até quando ele, finalmente comprou uma guilhotina. (SLATER, 1984, p. 29)

Diante de tanta informação cultural dessa Literatura, alguns pesquisadores como é no caso de Proença (1986) criaram subdivisões para melhor entender ou analisar esses cordéis:

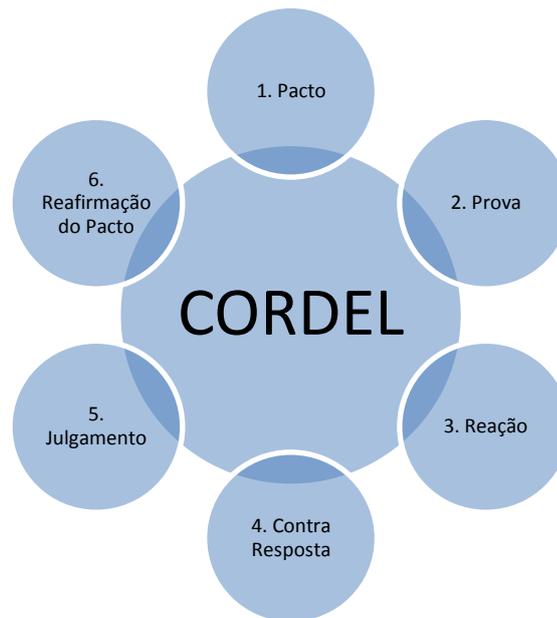
Gráfico 1 Representação da divisão temática do Cordel, segundo Proença



Fonte: Própria Autoria

Slater (1984) desconsidera essas informações e indaga que as mesmas são de uma subjetividade muito frágil já que essas divisões pretendem unicamente dar a visão de quem as faz. Ainda assim ela propõem 6 (seis) subdivisões que estão pautadas na observância da maioria dos cordéis analisado pela mesma.

Gráfico 2 divisão temática da Literatura de Cordel segundo Slater.

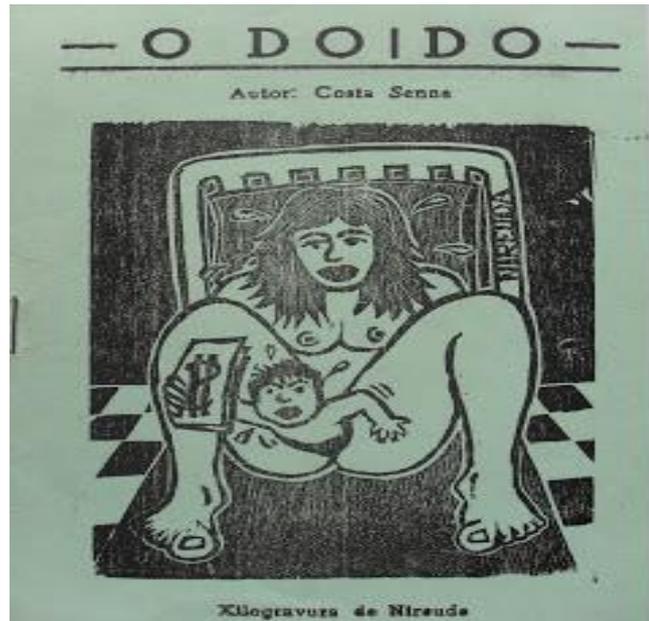


Fonte: Própria Autoria

Diante das diversas divisões propostas por diferentes pesquisadores, trouxemos alguns temas para exemplificar a dinâmica dessa fragmentação classificatória. Os Cordéis que iremos nos utilizar para expor essa divisão foram encontrados no Museu do Cordel, localizado na Feira de Caruaru. Tentamos trazer para o nosso estudo cordéis que retratassem com fidelidade essa divisão temática esse é o motivo da escolha que iremos apresentar a seguir:

- Cordéis cômicos e/ou satíricos: São os que abordam questões do cotidiano da vida humana na forma de denúncia social ou que tem um cunho simplesmente cômico;

IMAGEM 1- Cordel “O Doido” de Costa Senna



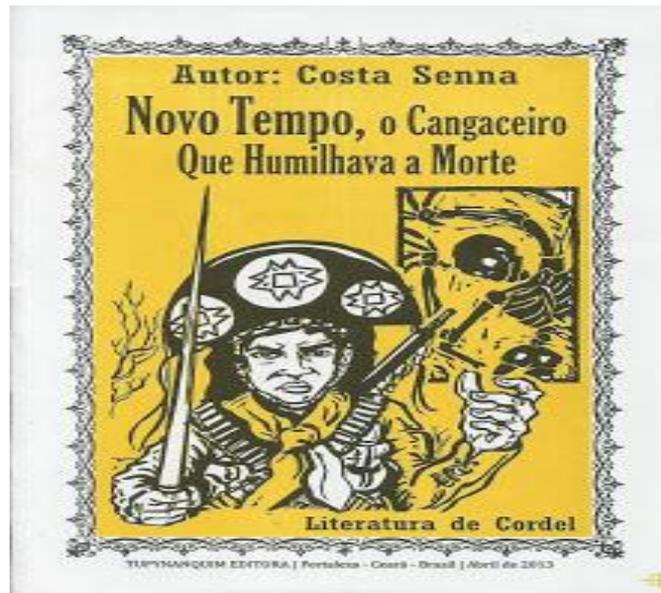
Fonte: <http://poetacostasenna.blogspot.com/p/cordeis.html>. Acesso em 05/JAN/2018

Você pensa que sou louco
 pelo jeito de falar
 com as minhas mãos rebeldes
 fazendo gestos no ar,
 te olhando cara a cara
 sem medo que a tua cara
 venha a minha descarar

Sou ciente que sou doido,
 mas tu és doido também,
 se eu gritar "xô" doido,
 aqui não fica ninguém.
 Não importa a postura,
 mas um pouco de loucura
 cada um dá gente tem

- Cordéis do ciclo social: São os que trazem como tema central a organização da sociedade marcada pelo regime do patriarcado vigente nos primórdio da construção social, banditismos ou mas, precisamente o cangaço e principalmente os que trazem Lampião, as secas periódicas em algumas regiões do Nordeste;

IMAGEM 2- Cordel “Novo Tempo, o Cangaceiro Que Humilhava a Morte” de Costa Senna



Fonte: http://3.bp.blogspot.com/JyTGuW3dhcM/UqZDQjCo3EI/AAAAAAAAAvQ/ZeT_8ks0rks/s320/c_cang.jpg Acesso em 05/JAN/2018

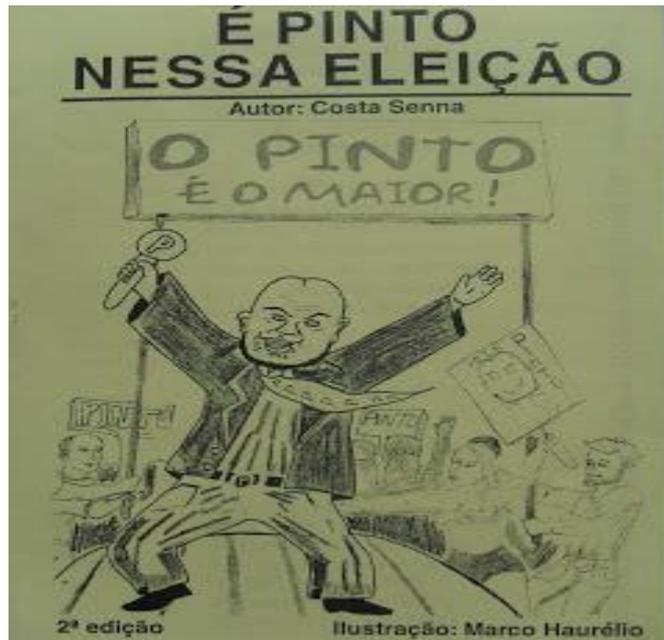
[...]

Os cabras de Lampião
Cada um tem uma história,
Sabiam a cor da derrota
E o brilho da vitória
Mas desse que vou falar
Nadou nas águas da glória.

Pois mesmo não tendo ele
Um corpaço alto e forte
Brigava de peito aberto
Por ter pacto com a sorte,
Confiava tanto nessa
Que até humilhava a morte

- Cordéis que tratam de temas políticos, comentando ações do governo em geral, esse tipo de tema era por muitas vezes o único meio em que os Nordestinos se apropriavam no intuito de denunciar e/ou satirizar os político;

IMAGEM-3 Cordel “É Pinto Nessa Eleição” de Costa Senna



Fonte: http://3.bp.blogspot.com/-x-zUY3awKGk/Ts5KpG7m6gI/AAAAAAAAAMU/JKZS9J8Xhxs/s320/SAM_1221.JPG Acesso 08/JAN/2018

[..]

Se caso você pretende
Entrar numa eleição,
Disputar um cargo público
Precisa muita atenção.
Ter todo, todo cuidado
Pra não sair nada errado
E não ter contradição.

Veja cuidadosamente
Tudo que vai ser usado.
Seu grupo de assessores
Tem que ser capacitado,
Mostrando assim que você
Com certeza vai vencer
Por ser homem preparado

- Cordéis que trazem o fervor do romantismo falando de amor e fidelidade, com destaque para os amores proibidos ou maridos bem-sucedidos e enganados;

IMAGEM-4- Cordel “O sublime Presente” de Costa Senna



Fonte: http://3.bp.blogspot.com/-mJmDgK3r_FU/TpBu8Bk3cyl/AAAAAAAAA0/KW4jXWHcePQ/s320/SAM_0941.JPG

Acesso em 12/JAN/2018

[...]

Hoje está fazendo um ano
que a gente se conheceu.

Amor à primeira vista
pelos meus olhos desceu.

Feito sublime canção,
pousou no meu coração,
afetizando o meu eu.

Veio com cheiro de vida
sorridente, perfumado.
Tal ser de outro mundo,
talvez um anjo encarnado.

Não tive como evitar
os raios do seu olhar
me deixaram acorrentado.

- Cordéis que apontam para a questão religiosa, discutindo a ideias do castigo divino, da violência e da descrença em Deus; há forte presença dos elementos religiosos na Literatura de Cordel, contam ainda a influência do bem e do mal, do sagrado e do profano do fasto e do nefasto;

IMAGEM 5- Cordel “Raul Seixas entre Deus e o Diabo” de Costa Senna



Fonte: http://4.bp.blogspot.com/-sVW_i1qkLbA/TpBv7RfnKJI/AAAAAAAAAABI/MArS5EMHdGk/s320/SAM_0943.JPG Acesso em /12/JAN/2018

[...]

Oh! Deusa mãe do poeta,
Mulher luz do meu destino,
Acende a minha lucidez
Com o teu saber divino -
Nessa hora não me deixas,
Pois vou contar Raul Seixas
Desde quando era menino.

Raul nasceu na Bahia,
Terra de São Salvador,
Desde criança já tinha
O sonho de ser cantor.
No Nordeste brasileiro,
Esse bravo mensageiro
O seu umbigo enterrou

[...]

- Cordéis que recontam histórias da literatura universal ou apresentam lendas folclóricas, assim como bichos com características humanas e que recriam livros clássicos;

IMAGEM-6- Cordel “O Lobisomem da Avenida São João” de Costa Senna

Fonte: http://1.bp.blogspot.com/-oJqKttcUG14/Ts5JuyH2JDI/AAAAAAAAAMM/YLN0aPuE8tM/s320/SAM_1220.JPG Acesso em 19/JAN/2018

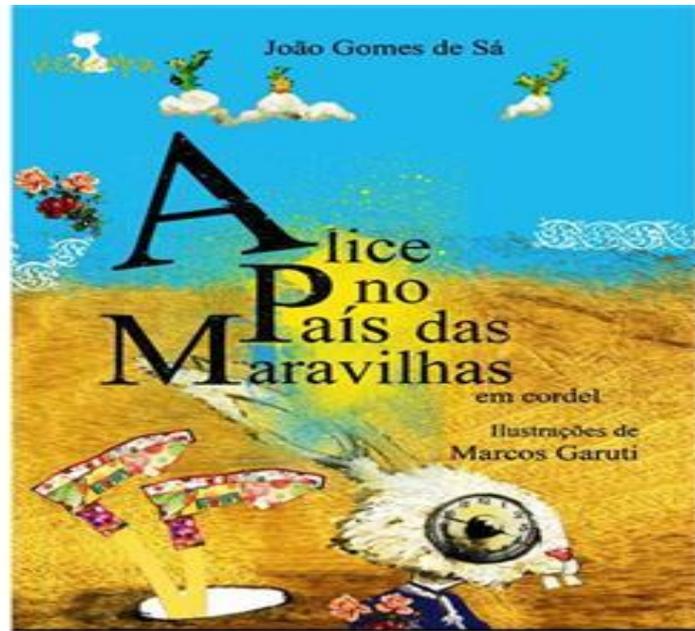
Acredite se quiser
 No fato que vou narrar
 Quem gosta de boemia
 De tudo pode encontrar
 Essa não é brincadeira
 Até me dá tremedeira
 Quando começo a pensar.

Mas como sou um poeta
 De verso firme e fiel
 Vou traçando meu destino
 Entre as linhas de papel
 Do moço que falo agora
 Rogo a Nossa Senhora
 Que já o tenha no céu.

Um novo grupo que se insere nas subdivisões acima citadas são as adaptações de grandes clássicos da Literatura Erudita em Literatura de Cordel. Essa adaptação ocorre com o intuito de aproximar os nordestinos de clássicos tidos como elitizados ou da cultura europeia. Essas transformações acontecem com diversos gêneros, dando uma significação local para alguns elementos ou objetos. Vejamos um exemplo de adaptação o que o poeta Gomes de Sá fez quando escreveu, em cordel, “Alice no País das Maravilhas”, ele até mesmo incluiu frutas e animais característicos do nordeste dentro da famosa história de Lewis Carrol ,na história, a Alice vai atrás de

um coelho engravatado e cai em um buraco, Gomes de Sá coloca Alice caindo em uma cacimba, poço artesanal usado como reservatório de água, de tantos sertanejos, esse poço é algo regional, próximo do homem nordestino o que facilita a sua interação e o seu gosto pela “nova” história.

IMAGEM 7 Releitura do livro “Alice no País das Maravilhas” de João Gomes de Sá



Fonte: https://imgmanagercb-a.akamaihd.net/livros/alice-no-pais-das-maravilhas-em-cordel-joao-gomes-de-sa-marcos-garuti-8574922102_300x300-PU6eb714f2_1.jpg Acesso em 21/JAN/2018

[...]
 Aí caiu na cacimba,
 Perdeu a concentração
 E, conforme ia caindo,
 Surgia um grande clarão.
 Em vez de se esborrachar,
 Amenina foi parar
 Num grande salão
 [...]

Outros exemplos dessa nova onda cordelista são as adaptações de: João Gomes de Sá "O Corcunda de Notre Dame", do francês Vitor Hugo; João Martins de Athayde "Amor de Perdição", de Camilo Castelo Branco; Apolônio Alves dos Santos, "A Escrava Isaura", de Bernardo Guimarães; Evaristo Geraldo, "a Dama das Camélias" de Alexandre Duma Filho; Moreira d Acopiara, "Robson Crusoé" de Daniel Defoe; Klévisson Viana "Os Miseráveis" de Victor Hugo. Esses dois últimos títulos nos levando a um cunho que nos liga direta/indiretamente a religião. Alguns autores de

folhetos explicitam a maneira pela qual interagem com os livros que tomam para ler (Almeida Filho, 1963, p. 1):

[...]
 Já tomei por distração
 Ler romances de amor
 Onde bebo a poesia
 Da pena dum escritor
 Que sabe satisfazer
 A alma dum trovador.
 Há poucos dias atrás
 Li um famoso romance
 Chamado: "A Noiva do Diabo"
 Decorei lance por lance
 Para transformá-lo em versos
 Como está no meu alcance.
 [...]

Ambientar histórias em Literatura de Cordel não significa apenas metrificar (Arte que ensina os elementos necessários à feitura de versos medidos. Sistema de versificação particular a um poeta: (Dicionário Aurélio) e rimar (Identidade de som na terminação de duas ou mais palavras. Palavra que rima com outra (Dicionário Aurélio) um texto; são fundamentais, também, adequar à sintaxe e o léxico, pois essa Literatura requer um complexo sistema que a Caracteriza de acordo com o gênero e seu autor

Apesar das inúmeras divisões defendidas por esses pesquisadores vamos usar de uma só dessas, a denominada religião. No entanto isso não nos impede de transitar nas demais no intuito de descrever ou trabalhar melhor a temática religiosa. Pois, mesmo com as divisões fica clara a fusão que pode existir de uma temática com outra, tento em vista que esta Literatura não é um fato premeditado ou ensaiado e sim uma cultura viva, que são escritas no fervor do momento em que a história se desenvolve deixando de ser somente história para virar "história-poesia" como verseja o poeta Flavio Dantas Jaçanã de Nossa Senhora de Fátima 18/09/2013.

Amigos estou de volta
 Transpirando inspiração,
 Pra falar sobre nossa santa
 A quem temos devoção,
 Nossa Senhora de Fátima
 A quem peço sua benção.
 [...]
 Essa Santa é nosso guia
 Em qualquer situação,
 Praqueles que são devotos

Nunca falta a benção,
Praqueles que são de fora
Não falta a proteção.

Desde o princípio da humanidade o homem busca respostas para justificar as evidências dos acontecimentos que ocorrem em seu derredor. Essa busca gera um sentimento de fragilidade levando-o a criar seres em que ele possa recorrer as suas ajudas ou até mesmo para culpar diante de fatos que julgue não merecedor. É diante deste contexto que o homem cria o sentimento religioso.

Com o homem nordestino esse sentimento não seria diferente e por muito se confunde com os anseios dos primórdios da humanidade, é por esse motivo que a questão religiosa está ligada diretamente à cultura popular desse povo. Essa necessidade humana de buscar a religiosidade fica clara no pensamento de LABURTHE-TOIRA (1997, p. 196):

A religião parece ser a mais antiga dessas manifestações do pensamento. Chegou-se a definir o homem como o “animal religioso”, aquele que inicia sepultamentos e outros rituais. Mas as atitudes religiosa em si mesma são extremamente variadas, para não dizer heteróclitas. (LABURTHE-TOIRA 1997, p. 196)

Para Durkheim, o homem busca vivenciar esse sentimento em comunhão com os seus, com sua comunidade comungando assim dos mesmos ideais. Já que, também, comunga das mesmas inquietações como a seca e a dureza da vida nos sertões. Há ainda outra coisa em comum entre esses homens, além do já descrito, é o fato de buscarem aspirações no que está mais perto, nos santos populares, reafirmando a vida em comum unidade.

A sensação de sair de si, pela imersão no coletivo, através do gozoso contato com algo que é mais importante do que eles próprios, individualmente. Essa experiência transcendental reaviva a possibilidade da vida em conjunto, em uma esfera em que todos são iguais, comungam de uma mesma comunidade moral e compartilham a grande satisfação de que a vida social é possível (DURKHEIM 1989, p. 206).

Essas experiências vividas em comunidade suscitam as festas santas, datas comemorativas e as romarias que visão separar o profano do sagrado. São as “interdições religiosas” citadas por Durkheim (1989, p. 320), além dessa interdições esse espírito comunitário cria templos religiosos que no nordeste temos o exemplo do Juazeiro do Norte.

Daí a instituição dos templos e dos santuários: são porções de espaços destinadas às coisas e aos seres sagrados e que lhes serve de hábitat, pois estes só podem se estabelecer ali com a condição de apropriar-se totalmente daquele chão num raio determinado. (DURKHEIM 1989, p. 326).

Trazendo a fala de Durkheim para a atualidade temos uma vasta área geográfica determinando os espaços sagrados, principalmente no que diz respeito à cultura popular essa cultura vai dar abertura ou aporte para a escrita da literatura de cordel. No Nordeste, a religiosidade popular, extremamente rica, conta com seus romeiros que não medem sacrifício para aproximar-se do que eles determinam como sagrado, essa aproximação vem através de procissões, romarias e através do pagamento de promessas. Essas devoções estão ligadas aos santos populares, consagrados pelo povo como é o caso de Padre Cícero (o padim ciço), Frei Damião e Antônio Conselheiro.

As romarias, independentes de qual seja seu santo de devoção, têm características bem parecidas, como por exemplo: as peregrinações estão sempre acompanhadas de muitas canções que exaltam a devoção a esses santos. Os santos populares são o suporte da religiosidade escrita nos livros de cordel.

A religiosidade é impressa nos livros de cordel graça, a toda essa necessidade que há no homem de deixar sua fé marcada. É na construção dessa marca que surgem as poesias que exaltam os chamados santos populares que fazem parte do panteão religioso do povo. Outro motivo da religiosidade se fazer presente nas rimas dos cordéis é a forma com que ela pode chegar ao povo. O cordel torna-se, em muitos casos, a “escritura sagrada” aonde a linguagem chega com facilidade direta ao povo que não busca requintes, mas simplicidades.

A Literatura de Cordel ainda configura-se em um momento como a voz do povo que não sabe como falar ou como chegar ao seu sagrado, e em outro como os avisos que preveem castigos aos que não vive uma boa fé, a mesma fé que já foi citada por Durkheim, como uma fé comunitária.

1.6 Religiosidade oficial – Catolicismo Romano

No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem e disse-lhe: ‘Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo.’ Não temas, Maria,

conceberás e darás à luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus. Maria perguntou ao anjo: ‘Como se fará isso, pois não conheço homem?’ Respondeu-lhe o anjo: ‘O Espírito Santo descerá sobre ti. Então disse Maria: ‘Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tu palavra’” (cf. Lc 1,26-38).

O anuncio da natividade de Jesus é, sem dúvida, um divisor de águas nas formas de expressão religiosa vistas na história, isso porque, o que está sendo proclamado será a pilastra central de uma religião, denominada Cristianismo, que nascerá baseada no nascimento, vida e morte de Jesus.

O cristianismo dará lugar a algumas vertentes conhecidas que iremos conhecer um pouco. No entanto, o nosso objetivo será enfatizar a Religião Católica Romana. As outras informações nos servem de aporte para adentrarmos no universo pertinente ao nosso tema.

A religião oficial ou religião Romana consiste no do catolicismo, divisão ocorrida no cristianismo, que faz parte das três principais religiões Abraâmicas. As religiões Abraâmicas são monoteístas, sua origem comum é reconhecida em Abraão ou no reconhecimento espiritual identificado por ele (João Gouveia 2012, p. 20). O cristianismo é uma religião centrada na vida e nos ensinamentos de Jesus de Nazaré, tais como são apresentados no Novo Testamento. Catecismo da Igreja Católica, a fé cristã acredita exclusivamente em Jesus como Cristo filho de Deus, Salvador e Senhor. (Parágrafo 108)

A religião cristã têm três vertentes principais: O catolicismo subordinado aos bispos romanos e assim ao seu chefe maior, o Papa; A Ortodoxa oriental, que se dividiu da igreja católica após o grande cisma ou Cisma do Oriente⁴; e o protestantismo, que surgiu durante a reforma do século XVI, liderada, por Matinho

⁴O Cisma do Oriente é a nomenclatura dada à separação da Igreja Católica, ocorrida em 1054, envolvendo de um lado a Igreja chefiada pelo papa, em Roma, e de outro a igreja chefiada pelo patriarca, em Constantinopla (conhecida antigamente como Bizâncio e na atualidade como Istambul). O Cisma foi o resultado de uma constante distanciamento entre as práticas cristãs efetuadas pelas duas vertentes do catolicismo, além de representar uma disputa pelo poder político e econômico na região mediterrânica. Na igreja cristã de Constantinopla nasceram algumas práticas religiosas, consideradas heréticas pelo ocidente, por ir também atentavam contra a fé estabelecida por Roma. As principais heresias presentes no Império Bizantino foram às práticas dos monofisistas e dos iconoclastas. Os monofisistas acreditavam que Jesus Cristo tinha uma existência unicamente divina, visão teológica que se opunha à prerrogativa ocidental da natureza humana e divina de Cristo. Já o movimento dos iconoclastas caracterizava-se pela oposição à adoração de imagens, levando-os a destruírem os ícones religiosos em três de menção e aderindo as pinturas. Tais posições distanciavam-se do cristianismo pregado pelo papa em Roma. Essas duas heresias foram os principais motivos da separação entre as duas “religiões”. (CHARTIER, 1988, p. 47)

Lutero, impulsionada pelo descontentamento que adquiriu em relação às práticas do catolicismo na Idade Média. (CHARTIER, 1988, p.15-22)

Segundo o dicionário da língua portuguesa, “católico”, refere-se às pessoas ligadas à igreja que têm um líder denominado Papa; porém a palavra “católico” é anterior ao nascimento da igreja. Em grego, “católicos” quer dizer aquilo que é conforme o todo, ou seja, o singular da palavra “católico” seria universal. Porém, mesmo com essa denominação, o sentido da palavra vai muito além da terminologia da mesma.

A palavra, “católico” foi usada em documentos históricos pela primeira vez designando a igreja na carta de Santo Inácio de Antioquia à Igreja de Esmirna, escritas após sua prisão, que o levou ao martírio em Roma.

“Segui ao Bispo, vós todos, como Jesus ao Pai. Segui aos presbíteros como aos Apóstolos. Respeita e os diáconos como ao prefeito de Deus. Ninguém ouse fazer sem o Bispo coisa alguma concernente à Igreja. Como válida só se tenha a Eucaristia celebrada sobre a presidência do bispo ou de um delegado seu. A comunidade se reúne onde estiver o Bispo e onde está Jesus Cristo, está a Igreja Católica. Sem a união do Bispo não é lícito Batizar nem celebrar Eucaristia; só o que tiver a sua aprovação será do agrado de Deus e assim será firme e seguro o que fizeste” (carta de Santo Inácio a Igreja de Antioquia, 107 d.C)

Percebemos que os ensinamentos de Santo Inácio de Antioquia eram antes de tudo deixar claro que os sacramentos da igreja só são permitidos se estiver presente um representante oficial da igreja católica. Estamos falando da Fé Oficial, que difere da que iremos estudar mais à frente, como o catolicismo Popular, por exemplo, que vai dar uma abertura para que o povo faça suas celebrações e sacramentos. Na igreja oficial, no catolicismo oficial não será permitido a popular, a realização de algumas práticas que são exclusivas das autoridades eclesiais.

No catolicismo oficial encontramos uma presença maior de documentos que direciona essa fé do povo pelos trilhos que a igreja quer que o povo percorra. Essa tradição religiosa tem alguns pilares como A Trindade, A Virgem Maria e os Santos Canônicos, divergindo dos Santos Populares presentes no catolicismo não oficial. A ideia de que a fé católica e seus elementos são únicos, invioláveis, incontestáveis é uma construção histórica reconhecida nas necessidades encontrada pelo Império Romano na Idade Média. Para termos um conhecimento maior, iremos dialogar à luz

do que Jacques Le Goff nos traz a respeito de como foi implantado o cristianismo neste período, e de como a Igreja Católica Passa a desenhar Deus para construir seu império, que reinará até os dias atuais.

A Antiguidade tardia é o período em que o Deus dos cristãos se torna o Deus único do Império romano. Esse Deus é um Deus oriental que consegue se impor no Ocidente. Os primeiros grupos de cristãos se desenvolveram um pouco à maneira de uma seita, que faz conquistas e cujo número de membros cresce. E esses grupos foram favorecidos, nos séculos II e III, pelo interesse cada vez maior em torno das divindades e dos cultos salvadores; cultos de terapeutas, que cuidam simultaneamente das doenças do corpo e da alma, e da existência humana (LE GOFF 1924, p. 18)

O cristianismo se torna Religião reconhecida pelo Império, por que não se encontrava mais na religião romana uma consolidação para manter as suas convicções religiosas da época, dessa forma perceberam que a cada dia o cristianismo se fortalecia.

O Imperador Constantino decidiu tornar o cristianismo a religião oficial do Império Romano mais por necessidade políticas que espirituais. Foi um jogo de cintura que ele encontrou para unificar o seu império, isso depois do édito de Milão (acordo entre o império e os líderes cristãos. O acordo visa o fim da perseguição aos cristãos), que ele resolveu não somente tolerar, mas tornar oficial. Resolvendo recorrer ao Deus da nova religião de quem ele esperava a sua salvação, e não apenas a sua, mas também a de todo seu império; que a princípio será apenas uma salvação terrestre e política porém, logo vai se tornar uma salvação religiosa. Dessa forma, no século IV, o cristianismo passa de religião perseguida a religião Oficial do Estado e o Deus que era rejeitado é agora o Deus oficial e único.

Assim se realizam, no correr do século IV, a transformação do cristianismo de religião perseguida em religião de Estado e a transformação de um deus rejeitado em um Deus oficial. Os homens e as mulheres que viveram na Europa ocidental passam, em poucos decênios, do culto de uma multiplicidade de deuses a um Deus único. Existia certamente no paganismo greco-romano uma tendência crescente a considerar que os diferentes deuses constituíam mais ou menos uma pessoa coletiva, que era deus. Esse deus, porém, se escreve com um d minúsculo. É o deus de Cícero. Quando chega o cristianismo, Deus assume um D maiúsculo. Isso marca com clareza a tomada de consciência da passagem para o monoteísmo (Idem, p. 19-20)

A passagem para o monoteísmo só irá acontecer graficamente quando o cristianismo chega com a consciência de que o Deus único da Trindade passaria a escrever-se com “D” maiúsculo enquanto o deus do paganismo se escreveria com “d” minúsculo. Não houve uma grande resistência entre a população Romana para aceitar o Deus cristão. Quem realmente fez uma resistência foram aqueles que praticavam cultos a outros deuses. Alguns chefe de algumas tribos também fazem a resistência contra o Deus dos cristãos; já em outros casos, a falta de estrutura dos bárbaros favorecia a conversão das Tribos.

Além da falta de estruturas físicas e literárias (Bíblica), essas tribos não encontravam mais apoio no império romano e seus templos e lugares sagrados passaram a ser destruídos por alguns Santos dos primórdios da Igreja: “os grandes santos do início da Idade Média são destruidores de templos e de arvores sagradas [...] e houve nisso um Campeão em: São Martinho, no fim do século IV. São Martinho batizou o espaço em nome do novo Deus” [...] (idem, p. 21-22).

Aos olhos dos grandes intelectuais da época em Roma e na Grécia o cristianismo era, na verdade, um escândalo onde logo depois, devido à crucificação de Cristo, iria se chamar de “o escândalo da Cruz”. Porém, na Idade Média, mesmo diante dos questionamentos que alguns intelectuais levantavam, não existia outro Deus senão o Deus dos cristãos. Até para as pessoas mais intelectuais era difícil de reconhecer outros Ícones que pudessem receber o nome de Deus.

Para nos situamos melhor nos caminhos percorridos que trouxeram a igreja aos dias atuais, preparamos uma cronologia dos principais acontecimentos relatados no livro dos pesquisadores A. Kenneth Curtis, J. Stephen Lang e Randy Petersen intitulado “Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo: do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na China”.

Deve-se considerar que, ainda hoje, alguns acontecimentos históricos do cristianismo são debatidos quanto à precisão de suas datas, ou seja, os subsídios cronológicos aqui expostos estão amparados por uma tolerância relevante à obtenção de dados fidedignos.

TABELA-1- Principais eventos ocorridos na Igreja Católica

01 Nascimento do Messias em Belém.
33 Crucificação, morte e ressurreição de Jesus Cristo em Jerusalém.
64 O incêndio de Roma
70 Tito destrói Jerusalém os cristãos de Jerusalém são dispersos pelo mundo.

156 d.C. Surge o termo "Igreja católica".
196 Tertuliano começa a escrever livros cristãos
218 Surge o ensinamento de Pedro ter sido o primeiro Papa.
312 Início da adoração aos santos e A conversão de Constantino
367 A carta de Atanásio reconhece o cânon do Novo Testamento
405 Jerónimo completa a Vulgata
787 Instituição ao culto às imagens e às relíquias no II Concílio de Nicéia.
880 Início da canonização dos santos.
1054 O cisma entre Oriente e Ocidente
1095 O papa Urbano II lança a primeira Cruzada
1160 A Igreja Católica estabelece os Sete Sacramentos.
1206 Francisco de Assis renuncia à riqueza
1321 Dante conclui A divina comédia
1456 João Gutenberg produz a primeira Bíblia impressa
1478 O estabelecimento da Inquisição espanhola
1500 Primeira missa celebrada no Brasil.
1517 Martinho Lutero afixa As noventa e cinco teses
1540 O Papa aprova os jesuítas
1854 O Papa Pio XII cria o dogma da Imaculada Conceição de Maria
1870 I Concílio do vaticano proclama o dogma da infalibilidade (qualidade de infalível) papal.
1890 É decretada a separação entre a Igreja e o Estado Brasileiro.
1960 Início da renovação carismática moderna
1962 Início do Concílio Vaticano II
1980 Com o grande crescimento dos evangélicos no Brasil, João Paulo II torna-se o primeiro papa a visitar o país.
2005 Morte do Papa João Paulo II
2013 Renúncia do Papa Bento XVI
13/05/2013 Eleito o Papa Francisco

Fonte: Própria autoria

Percebemos que desde o início, a Igreja Católica, nas pessoas de seus líderes, se esforçou ao máximo para que a fé cristã fosse a única a ser disseminada por toda Terra. Esse desejo tem princípios Bíblicos.

E disse-lhes: Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura.

Marcos 16:15

E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações, e então virá o fim.

Mateus 24:14

Tema toda a terra ao Senhor; temam-no todos os moradores do mundo.

Salmos 33:8

Em verdade vos digo que, em todas as partes do mundo onde este evangelho for pregado, também o que ela fez será contado para sua memória.

Marcos 14:9

Em verdade vos digo que, onde quer que este evangelho for pregado em todo o mundo, também será referido o que ela fez, para memória sua.

Mateus 26:13

Ouvi isto, vós todos os povos; inclinai os ouvidos, todos os moradores do mundo,

Salmos 49:1

Mas importa que o evangelho seja primeiramente pregado entre todas as nações.

Marcos 13:10

Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo.

João 17:18

E com ele enviamos aquele irmão cujo louvor no evangelho está espalhado em todas as igrejas.

2 Coríntios 8:18

Ide e apresentai-vos no templo, e dizei ao povo todas as palavras desta vida.

Atos 5:20

E, saindo eles, percorreram todas as aldeias, anunciando o evangelho, e fazendo curas por toda a parte.

Lucas 9:6

E, indo, pregai, dizendo: É chegado o reino dos céus.

Mateus 10:7

Dei-lhes a tua palavra, e o mundo os odiou, porque não são do mundo, assim como eu não sou do mundo.

João 17:14

Todas essas passagens e datas que acabamos de ver fazem parte da tradição da Igreja, porém dissertar sobre o que vem a ser tradição da Igreja Católica não é falar de simples costumes, evangelização ou acontecimentos do seu passado que se perpetuaram durante todo esse tempo. No entanto a maior tradição da igreja é a (“Sagrada Tradição” de guarda o depósito de fé da Igreja), que conserva o que Jesus ensinou descritos nos versículos citados. Esse depósito de fé é também chamado de Revelação, ou seja, aquilo que Deus ensinou de Si e Seus mistérios aos homens, mas, sobretudo, por meio de Cristo, que depois foi ensinado pelos apóstolos, guardado e vivido na Igreja primitiva. Essa verdade revelada está contida na Tradição da Igreja e na Sagrada Escritura, a Bíblia.

A Sagrada Escritura e a Tradição contêm, pois, toda a doutrina revelada; a Tradição chega para nós hoje, acima de tudo, por meio da liturgia, na vida e pregação dos santos Canônicos, nos escritos dos padres e doutores da Igreja, que nos primeiros séculos transmitiram a fé. O Magistério da Igreja, que sob a assistência do Espírito

Santo, conserva e interpreta essa Revelação (cf Jo16, 12-13; Lc 22,32; Jo 21,15) e, por fim, os símbolos da fé (os credos, como o dos apóstolos e o Niceno-Constantinopolitano).

QUADRO-1- Credos utilizados pela Igreja Católica

CREDO APÓSTOLOS	NICENO-CONSTANTINOPOLITANO
<p>Creio em Deus, Pai todo-poderoso, Criador do céu e da terra; E em Jesus Cristo, seu único Filho, Nosso Senhor, Que foi concebido pelo poder do Espírito Santo; Nasceu da Virgem Maria; Padeceu sob Pôncio Pilatos, Foi crucificado, morto e sepultado; desceu à mansão dos mortos; ressuscitou ao terceiro dia; Subiu aos Céus, Está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso, De onde há de vir a julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo; Na santa Igreja Católica; Na comunhão dos Santos; Na remissão dos pecados; Na ressurreição da carne; Na vida eterna. Amém</p>	<p>Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso, Criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis. Creio em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho Unigênito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos: Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado não criado, consustancial ao Pai. Por Ele todas as coisas foram feitas. E, por nós, homens, e para a nossa salvação, desceu dos céus: e encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e se fez homem. Também por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos; padeceu e foi sepultado. Ressuscitou ao terceiro dia, conforme as escrituras; E subiu aos céus, onde está sentado à direita do Pai. E de novo há de vir, em sua glória, para julgar os vivos e os mortos; e o seu reino não terá fim. Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida, e procede do Pai; e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado: Ele que falou pelos profetas. Creio na Igreja una, santa, católica e apostólica. Professo um só batismo para remissão dos pecados.</p>

	Espero a ressurreição dos mortos; E a vida do mundo que há de vir. Amém.
--	--

Fonte: Própria autoria

Seguir todos os ensinamentos da igreja é estar em comunhão com a mesma. No entanto nem sempre essa Igreja consegue estar em todos os lugares pregando o evangelho e direcionando o povo nos seus costumes e preceitos. É neste momento que leigos com algum entendimento sobre os rituais e dogmas assumem um papel que antes era designado ao clero. Com isso, nasce nas regiões mais distintas a religião ministrada pelo povo ou religiosidade popular.

1.7 Religiosidade Popular

Já que os homens não são capazes de dar a si mesmos a salvação que desejam, eles admitem que uma força (ou várias) que os excede poderia dominar o mal e a ordem do mundo dando-lhes a vida. A esta força superior misteriosa chamam, conforme o caso, deus, espírito, etc. Ela pode, sob certas condições, comunicar-se com o homem, que capta assim o *maná*, palavra proveniente da Oceania para designar o elemento indefinido que proporciona sorte e sucesso. (TOLRA; WARNIER, 1997, p.199)

Percebemos que o homem cria, de acordo, com suas necessidades, seus seres sagrados para, assim, justificar os acontecimentos que são decorrentes de seus dias. Esses seres desempenham funções majestosas na vida dessas pessoas que se agrupam de acordo com o deus que lhe-representa, as comunidades decorrem desse agrupamento, e esse sentimento de criar/recriar é o que muitos estudiosos denominaram como religiosidade.

Religiosidade é um sentimento apurado de cada indivíduo, é como ele se sente diante do Sagrado. E dentro da classe popular fica evidente a necessidade que se tem de externalizar esse sentimento, quando esse povo sem conhecimentos eclesiásticos, coloca para fora as suas afeições, que formam uma intercessão entre as práticas populares e a religião oficial (catolicismo europeu). Dessa mediação nascem as necessidades religiosas, ou a religiosidade popular.

A religiosidade popular reúne crenças, superstições, práticas, rituais, narrativas, símbolos etc, que não são necessariamente elementos apenas encontrados no catolicismo, pois agrupam em sua mística fundamentos de outras

religiões de matrizes africanas e indígenas, que fazem parte marcante da historicidade do nordestino. Já a religião, tende à adesão de aspectos formais e a doutrina oficializada pela Igreja de Roma, que em sua essência não muda, segue um parâmetro irreduzível e imutável. No entanto, diante da religiosidade popular, que tende a ser uma janela aberta para espiritualidade, recebe adaptações que aproximam o povo desses dogmas ou sacramentos eclesiástico. A igreja inclina-se a aproveitar esses anseios populares, o povo, às vezes, quer um Deus, porém quer um Deus misturado e a igreja deve, sem dúvida, aproveitar as características populares para alimentar o sentimento de religião oficial no meio desse povo. Ela destina-se a abraçar para não perder, porém não deixa de impor suas doutrinas dogmáticas.

A região é uma das engrenagens que movem a sociedade, o que dinamiza a vida e explica certas coisas que, a princípio, não teriam explicação, como o nascimento e morte, céu e inferno, sagrado e profano. Essa movimentação que a religião faz no meio social é o que despertam a curiosidade de vários sociólogos clássicos que contribuíram com suas opiniões caracterizando o que para eles seria religião e como ela balança os meios populares.

O sociólogo Émile Durkheim, em sua obra “Formas Elementares da Vida Religiosa” definiu a religião como um sistema agregador de rituais, símbolos e crenças que definem o que é sagrado e o que é profano e que estes por meio de uma “seleção social” unem uma comunidade de religiosos formando divisões a partir da crença exercida por determinado grupo. Ainda, segundo Durkheim, a religião tem um caráter funcionalista: a religião é uma força ambientada na sociedade porque tem o poder de transformar crenças coletivas, as diversas funções que a religião se encarrega de desenvolver na sociedade.

A teoria funcionalista determina a religião como auxiliadora de diversas funções para a sociedade: dá significado e desígnio à vida; oferece às pessoas o sentimento de que elas pertencem a uma coletividade; fortalece a união e a estabilidade social; serve como um provedor do bem social; promove o bem estar, tanto físico como psicológico e motiva as pessoas a trabalharem para que haja mudanças sociais. Todo esse dinamismo provocado pela religião leva o homem a um crescimento espiritual.

O sociólogo Max Weber, em uma de suas obras denominada “Sociologia das Religiões”, caracterizava a religião de forma diferentes, como um apoio a outras

instituições sociais existente nas diversas comunidades que se desenvolvem nos entornos da dinâmica religiosa.

Podemos assim pontuar que essa outra instituição recebe o nome de religiosidade popular, tendo em vista que sua forma de celebrar gera quase outra instituição, tão concreta quanto a Religião Oficial. Essa religiosidade popular se concretiza no Catolicismo Popular que vislumbra a evangelização através dos aspectos culturais de cada comunidade. Vejamos o que nos diz a CONCLUSÕES DA III CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO em relação à religiosidade popular e a sua ligação com o catolicismo, também, popular.

[...] Entendemos por religião do povo, religiosidade popular ou piedade popular o conjunto de crenças profundas marcadas por Deus, das atitudes básicas que derivam dessas convicções e as expressões que as manifestam. Trata-se da forma ou da existência cultural que a religião adota em um povo determinado. A religião do povo latino-americano em sua forma cultural mais característica, é expressão da fé católica. É um catolicismo popular (DOCUMENTO DE PUEBLA, parágrafo 441)⁵

A crença do povo desafortunado, sem estudo e semianalfabeto (doravante determinada pela conferência dos bispos como Catolicismo Popular), mesmo sendo vivenciada pelos pobres e simples, atinge todos os setores sociais e por muitas vezes é este Catolicismo Popular que tem a missão de reunir os povos em um único grupo, tendo por princípio, a sociedade individualista em que esses povos desprovidos, fazem parte.

No catolicismo popular seu núcleo é o conjunto de valores que tende a resolver problemas cristãos não entendidos. Por exemplo, a incompreendida existência humana, na “sapiência popular católica tem uma capacidade de síntese vital; engloba criadoramente o divino e o humano, Cristo e Maria, espírito e corpo, comunhão e instituição, pessoa e comunidade, fé e pátria, inteligência e afeto” (Documento de Pueblo, parágrafo 445). Para o povo não é interessante fragmentar sua fé, distinguindo um lugar para Jesus, outro para Maria. Nessa concepção religiosa os dois habitam o mesmo espaço místico e esse espaço não se limita a Jesus e Maria, mas

⁵Texto Oficial das Conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, acompanhado do parágrafo que lhe é pertinente. Conferência ocorrida em Puebla de los Angeles, México, 27-1 a 13-2 de 1979, conhecido como Documento de Puebla, neste documento os bispos discutiram sobre diversos temas, entre eles a Religiosidade e Catolicismo Popular presente e crescente não só na América Latina, mas que estava crescente e evidente no Brasil.

a tudo que pertence à esfera religiosa. Por muitas vezes, o que a Catolicismo Oficial entende com profano, e que não poderia coabitar com o sagrado, no Catolicismo Popular essa separação não se materializa.

Um exemplo dessa não separação é que o Catolicismo Oficial determina no seu §1876 quando diz que “A repetição dos pecados, mesmo veniais, produz os vícios, entre os quais avultam os pecados capitais”. Assim todo ato de repetição ou não que faça mal ao corpo, que é morada do Espírito Santo, torna-se um pecado. O cigarro seria uma fonte de pecado e não cabe aos fies e nem aos santos esse vício. Porém, percebemos que não se separa elementos da vivencia do povo do catolicismo. Vejamos o seguinte exemplo:

[...]
 São Pedro depois da janta
Gritou por Santa Zulmira:
 -Traz o cigarro caipira
Acendeu no de São Pranta
 Apertou o nó da manta
 Vestiu a casaca e veio
 Abriu a porta do meio
 Falando até agastado:
 -Triste do homem empregado
 Que só lhe chega aperreio⁶
 [...]

No trecho do Cordel “O grande Debate de Lampião com São Pedro” de José Pacheco, já citado em um momento anterior, percebemos com clareza o uso do cigarro por um santo do Catolicismo Oficial, mas isso não seria possível se não fossem as características dadas pelo povo a esta Cena, que acontece em pleno cosmo celestial.

Outro pecado que percebemos sendo associado a esta cena no céu é a forma com que São Pedro trata Santa Zulmira, as palavras utilizadas para esse tratamento são “gritou” e “agastado”; essa última no dicionário da língua portuguesa é sinônimo de cólera e ira. A Ira é um dos 7 pecados capitais, porém a forma de falar também está ligada à questão do machismo onde, nas comunidades mais interioranas, a mulher estava para servir o homem. Novamente voltamos para a questão da não separação de certos elementos da vivência popular com elementos eclesiástico. Essa característica de agregar diversos componentes da vida social/cultural e de outras religiões, é a grande marca do Catolicismo Popular.

⁶ As palavras grifadas darão um suporte a nossa análise sobre o vício como pecado e que no Catolicismo Popular não se separa do sagrado.

1.8 Religiosidade Popular e a Literatura de Cordel

A fé comunitária expressada por Durkheim (1989, p. 323) transforma-se, no Nordeste, em fé do povo ou religiosidade popular. Como podemos perceber ao longo do que foi exposto, a Literatura de Cordel toma o gosto do povo por ser uma literatura barata e que além de descrever a vida do povo, fala com a voz do povo para o povo. A necessidade de se mostrar também se encontra na expressão religiosa. O povo vai se utilizar dessa literatura, de faço acesso, para imprimir a face do sagrado e do profano e muitas vezes esses dois não precisam ter um lugar distinto, em muitos casos eles se misturam.

No interior do Nordeste ou nos subúrbios das grandes capitais percebemos a forte marca do culto popular que não se limita ao Catolicismo Romano este culto popular agrega diversos grupos religiosos, grupos que nem sempre tinham espaços na sociedade dominante que não recebiam esse título só pelo seu poder aquisitivo, mas dominante pelos seus costumes cultura e religião.

É na Literatura de Cordel que esses povos esquecidos, marginalizados e semialfabetizados encontraram espaço para imprimir sua marca religiosa. Há diversos cordéis que falam de santos canonizados pelo povo, percebemos a presença de religiões de matrizes africanas, os ciganos também tem seu lugar, além, das religiões cristãs que estão sempre presente devido a grande maioria dos cordelistas pertencerem a este grupo. No entanto essas expressões religiosas nem sempre são aceitas como uma religião. Em alguns Cordéis as expressões não Cristãs são tidas como “adoradoras do diabo”.

No nordeste é quase que impossível separar a temática religiosidade dos livretos de Cordel isso porque o povo se utiliza dessa expressão popular para dar ênfase a sua fé e reafirmar a religião dominante da época. Ao longo de nossos estudos percebemos que umas das características marcantes da Literatura de Cordel são as suas divisões temáticas (como já nos foi exposto), que nos leva a entender que quaisquer acontecimentos eram relatados nos diversos grupos temáticos, desse modo encontramos a diversidade de temas trabalho feito por diversos poetas, tema que constrói o retrato da religiosidade da sociedade nordestina.

Determo-nos ao tema Religioso ou Religiosidade Nordestina levando em consideração que neste grupo de cordéis destacam-se alguns personagens que por

si só já constituiria outro grupo temático devido às inúmeras influências que exerciam na vida do povo e a popularidade desses personagens dentro dos grupos sociais.

Contido neste grupo religioso encontram-se personagens como os cangaceiros tendo como peça principal Lampião, que figura, em inúmeros cordéis, ora na perspectiva do sagrado (“A chegada de Lampião no Céu” do autor Guaipuan Vieira), ora como um profano (como relata José Pacheco em “A chegada de Lampião no Inferno”), além dos santos populares e os Beatos, destaco aqui, Antônio Conselheiro, Padre Cícero Romão Batista (padim ciço) e Frei Damião De Bozano entre outros Santos do Catolicismo Romano, podemos destacar, ainda, a forte presença da Virgem das Dores, uma vez que ela faz um elo com a vida e pregação de Padre Cícero.

As poesias encontradas neste grupo não diferem das demais em seus aspectos estruturais (quadra sextilha e etc), algumas dessas poesias são marcadas pelo seu forte teor doutrinal como percebemos no Cordel de Vicente de Paula “O Encontro do Crente com Católico”

[...]
 Vi dois homens discutindo
 Me Aproximei para escutar
 Era um crente e um católico
 Que não paravam de falar
 O crente falava para o católico
 – O senhor tem que aceitar
 [...]

Outro tipo de poesia que nos remete ao cunho religioso é o Cordel de Abraão Batista intitulado “A macumbeira que foi fazer um despacho e despachou-se”, percebemos o quanto o poeta reafirma a sua religiosidade no Catolicismo Secular, criminalizando todos aqueles católicos que recorrem a outros tipos de “ajudas espirituais” chamados de “católicos vira-latas” essas ajudas espirituais, a que esses católicos recorrem, são as práticas religiosas de outras denominações tais como: indígenas, africanas, ciganas e etc.

Crato é uma cidade
 Que tem macumbaria
 Feiticeiro, pai de santo
 Cartomante e magia;
 Os políticos desolados
 Procuram daqueles lados
 Uma dica pra seu dia.

O feiticeiro tem parte
 Com as artimanhas do cão
 Quem faz macumba, não presta
 Não pode ser bom cristão
 O macumbeiro é fruto
 Do satanás que é bruto
 Destruidor sem ação
 [...]

A tentativa esmagadora de criminalizar a Religiosidade Popular é uma negação da miscigenação religiosa que ocorre de forma rápida nos meios sócias, em que o povo tem pouco acesso à cultura dominante destacamos a alfabetização.

A religiosidade popular segundo Frei Chico, em entrevista concedida ao programa Opinião Minas em 2013⁷, nasce na mistura de rituais, celebrações, orações Benditos, procissões e outros elementos que ganhou força nas expressões das pessoas que precisam materializar algo que transmitam um elo entre os seu material (o humano) e o seu sagrado, que neste caso são os deuses a quem esse povo recorrem. Na Religiosidade Popular o povo celebra os rituais com ou sem os sacerdotes é o caso das benzedeadas e do raizeiros. Dessa forma a religião é o povo. Vejamos o exemplo do cordel de Tonha Mota com o título de “Mamãe era Benzedeadas”.

[...]
 Para picada de inseto,
 Minha mãe sempre dizia
 As orações, que fazia,
 Eram do vô Anacleto
 Pense num velho correto,
 Em tudo que ele fazia!
 Ensinar sempre queria,
 Pena que era analfabeto
 O meu avô predileto,
 Anacleto José Maria.

Se alguém se machucava,
 Ou então se contundia
 Mamãe rezava e cozia,
 Era assim que ela curava
 O paciente avisava,
 Para voltar outro dia
 Rezava uma Ave-Maria,
 À Jesus Cristo entregava,
 E o doente curava,
 Pela fé, ela dizia.
 [..]

⁷parte 1 encontrada no endereço http://youtu.be/Mk_RqvA55dk,

A Literatura de Cordel torna-se de fundamental importância para essa prática popular por que o povo passa a materializar sua religião em um escrito que agora toma forma, que se difere da Bíblia em que o povo não tinha conhecimento suficiente para interpretar devido às condições de alfabetização.

E no meio do povo o entendimento torna-se crucial para a propagação da fé. O cordel dará suporte, já que dispõem de uma linguagem de fácil acesso, a essa expansão do sagrado que se liga diretamente com a cultura que é viva.

Os aspectos que formam a teia que envolvem cordel e religiosidade popular nos leva a refletir como essas pessoas se constroem e reconstrói diante daquilo que para eles são sagrado. É dessa forma que no próximo capítulo trataremos de como essa fé busca consistência nos meios populares e de como necessita de elementos para materializar-se. A Religiosidade Popular precisa de uma aproximação do seu sagrado para se tornar viva. A Literatura de Cordel torna-se uma espécie de Bíblia onde se constitui os diversos elementos e símbolos do Catolicismo não oficial.

CAPÍTULO 2

CORDEIS: PALAVRAS E SÍMBOLOS DE EVOCAÇÃO DO SAGRADO

Após nossa análise anterior, acerca da importância dos cordéis no cenário da religiosidade popular no Nordeste, aqui debateremos os elementos da cultura religiosa popular presente nos cordéis. Este, na religiosidade popular torna-se uma espécie de Bíblia como forma de aproximação do sagrado. É nele que encontramos diversos elementos e símbolos do Catolicismo não oficial.

Este sagrado, presente em toda sociedade antiga e mesmo moderna, a seu modo, que consiste numa relação com o divino, mediatizado por um conjunto ritual – sacerdote, templo, cerimônia, objetos sagrados, etc – vem sendo gerido pela Igreja católica. Mesmo numa sociedade semi-secularizada, como a brasileira, a Igreja continua administrando, se não com exclusividade, ao menos com visível hegemonia, as cerimônias religiosas. De fato, permanece ainda vivo na nossa sociedade o desejo de sacralizar os grandes eventos da vida, tais como nascimento, casamento, funeral, formatura, festas pátrias, etc (LIBANO 1990, p. 44)

Religiosidade popular se difere da religião elitista. Na religião popular reunimos: crenças, práticas, rituais, narrativas e símbolos originais de outras fontes que não são aquelas aceita pela liderança da igreja, porém são toleradas por eles. Essa aceitação ocorre por que o número daqueles que praticam a religiosidade popular é de uma grande massa e que para defender ou manter a religião essa massa é de certa forma liberada para praticar o seu sentimento religioso. O contrário acontece na religião elitista, onde as suas bases estão pautadas na Literatura escrita, erudita e oficial, dando, assim um sentido de originalidade.

Outro fator que contribui com a impressão dessa religiosidade nos cordéis está ligado, diretamente, ao analfabetismo dos Nordestinos. Sobre isso Antônio Candido (2006) nos diz:

Se pensarmos nas condições materiais de existência da literatura, o fato básico talvez seja o analfabetismo, que nos países de cultura pré-colombiana adiantada é agravado pela pluralidade linguística ainda vigente, com as diversas línguas solicitando o seu lugar ao sol. (CANDIDO, 2006, p. 142)

Com esse contexto temos as condições ideais para o fortalecimento da Literatura de Cordel e a efervescência da Religiosidade Popular. A Religiosidade Popular está presente no cotidiano dos povos não tendo como se separar. Frei Luiz Carlos Susin (2007) afirma que a religiosidade popular está muito colada as experiências de vida, assim, quando percebemos essa relação entre a religiosidade popular e a vida do cotidiano dos nordestinos percebemos a atitude e gesto que expressa à relação pessoal ou comunitária com Deus, essa relação se dá através de atos concretos.

O Santo Padre Bento XVI chama de “precioso tesouro da Igreja Católica essa fé que é fortemente marcada pela religiosidade popular. Na sessão inaugural da Conferência de Aparecida, a 13 de maio de 2007, afirmou: Esta religiosidade se expressa também na devoção aos Santos com as suas festas patronais, no amor ao Papa e aos demais Pastores, no amor à Igreja universal como grande família de Deus que nunca pode, nem deve, deixar abandonados ou na miséria os seus próprios filhos. Tudo isto forma o grande mosaico da religiosidade popular que é o precioso tesouro da Igreja Católica na América Latina, e que ela deve: proteger, promover e, naquilo que for necessário também, purificar”.

A expressão popular precisa materializar o seu sagrado e o uso de elementos para fazer um elo entre o mundo humano e o mundo espiritual dessa forma usam elementos como: beijar a cruz, fazer romaria, peregrinações, promessas, acender velas, celebrações, benzedoiras, padres, santos populares e etc. Além disso, a religiosidade popular se utiliza de outros tipos de elementos para se conectar ao sagrado, por exemplo, percebemos que alguns poetas se utilizam das expressões do povo para falar para chegar ao povo e no nordeste a de Cordel torna-se um caminho concreto dessa ligação que se faz com o sobrenatural.

Encontramos na Literatura de Cordel elementos que nos remete ao sagrado, que se manifestam através de palavras, símbolos ou redentores. A religiosidade popular ao se utilizar dos livretos de Cordel terá lado a lado a face do bem e do mal, muitas vezes para avisar sobre castigos, premonições e indicar caminhos. Nesse tipo de Literatura não temos os discurso da camada pobre, mas o relato dos poetas que transmite muito mais do que o seu conhecimento “acadêmico”, propagam a realidade do povo.

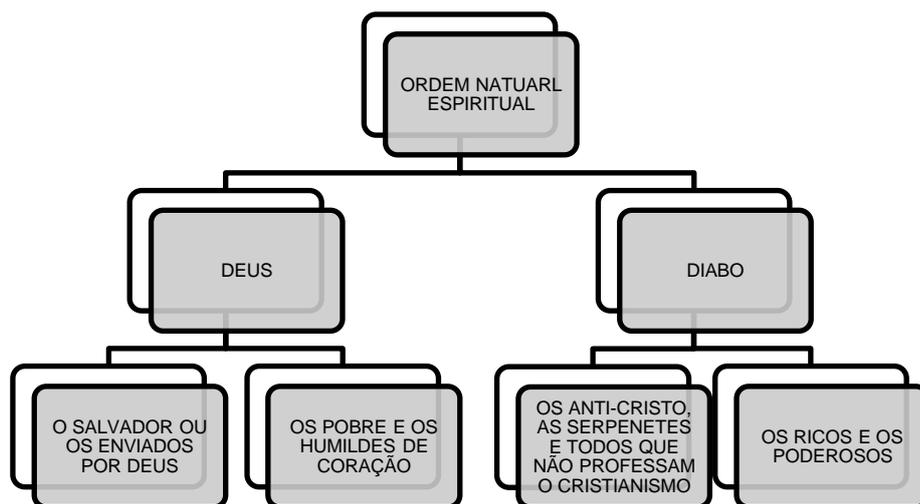
Os elementos religiosos aparecem na Literatura de Cordel de diversas formas podemos perceber a caracterização do Salvador e das condições extraordinárias em

que o mesmo é investido da missão, encontramos a presença de anjos, da mãe de Deus, elementos de Anunciação e predestinação.

Dentro desse ciclo de elementos religiosos encontramos ainda os milagres e os castigos que são enfatizados como prova do poder e proteção. Temos ainda as profecias sobre o fim do mundo nas quais a vivência toma corpo nas imagens polarizadas do Céu/inferno, bons/Maus, os que se salvam/ os que se perdem, pobreza/riqueza, podemos perceber com esses que haverá sempre os dois lado da vida nordestina. Essa visão seria um tipo de ordem natura das coisas.

Se a ordem natural da vida do nordestino resumisse a pobres e ricos, os que mandam e os que obedecem, os que tem poder e os que não têm, essa verdade transpassa o mundo matéria e transforma o mundo espiritual, em uma ordem natural onde o céu e o inferno, o bem e o mal, salvação e condenação e Deus e o Diabo coexistem lado a lado. Nesta classificação teríamos os intercessores como mediadores das coisas dos homens e das coisas de Deus e os que trabalham para a condenação do homem.

GRÁFICO 3 Demonstração da ordem natural espiritual



Fonte: Própria autoria.

O gráfico acima determina o lugar em que cada elemento deve ocupar dentro da ordem natural espiritual que lhe é pertinente, separando, ainda, o sagrado do profano.

2.1 Perspectivas do céu, purgatório e inferno.

O entendimento popular e o entendimento eclesiástico se diferem de forma muito forte percebemos nos Cordéis de José Pacheco com os títulos de “A chegada de Lampião no céu” e “A chegada de Lampião no Inferno” e “A chegada de Lampião no Purgatório” de Luiz Gonzaga de Lima, essa divergência se dá por que o povo pobre e semianalfabeto não tem conhecimento teológico para interpretar as escrituras ou os documentos oficiais da Igreja, dessa forma buscam “adaptações” para a concepção do Céu, purgatório e inferno elementos que estão presentes em seu dia-a-dia através dos santos e salvadores.

O Catecismo da Igreja Católica (1997, p. 246), define o céu como:

Os que morrem na graça e na amizade de Deus, e que estão, totalmente, purificados vivem para sempre com Cristo. São para sempre semelhantes a Deus, porque o veem ‘tal como ele é’ (1 Jo 3,2), face a face. (...) Essa vida perfeitíssima com a Santíssima Trindade, essa comunhão de vida e de amor com ela, com a Virgem Maria, os anjos e todos os bem-aventurados, é denominada ‘o céu’.

Percebemos que, segundo o Catecismo da Igreja Católica, o céu é um lugar para quem teve uma vida pura, santa e que anda nos preceitos determinado pelo Bíblia. Com a força do discurso da Igreja diante do exposto pelo catecismo algumas pessoas tentam e procurar viver uma vida merecedora deste plasma celestial.

O cenário cristão eclesiástico dispõe de um arsenal simbólico, empobrecido criativamente e pouco atraente para a formulação do imaginário popular, acerca da morada celeste. Para os nordestinos o céu resumisse a um lugar habitado por anjos, santos a virgem Mãe de Deus, com nuvens e um trono no qual Deus está sentado com a Trindade. O contexto popular apresenta o céu, simplesmente, como uma morada. Sem dar grandes evidências de sua importância ou beleza comungando, assim, com o apático imaginário, acerca do céu criado nos meios populares (PESSOA, 1974, p. 209).

No imaginário nordestino percebemos que o céu é um lugar onde todos os que sofrem ou sofreram tem seu lugar. Constatamos isso no Cordel “A chegada de Lampião ao céu” de José Pacheco.

[...]

Disse o bravo Virgulino
 Senhor não fui culpado
 Me tornei um cangaceiro
 Porque me vi obrigado
 Assassinaram meu pai

Minha mãe quase que vai
 Inclusive eu coitado
 [...]

Essa estrofe responde as seguintes perguntas: o que faz um integrante do banditismo nordestino, no Céu? Que figura esses personagens representa para a religiosidade popular? Lampião um dos personagens mais comentados da Literatura de Cordel é comparado com Robin Hood recebeu essa comparação do historiador inglês Eric Hobsbawm como um exemplo de nobre saqueador, vingador ousado e defensor dos oprimidos (Hobsbawm, 1975, p. 33). Ter um título de defensor dos pobres é sem dúvida se tornar um enviado por Deus e assim merecedor de toda devoção.

É por esses títulos e tantos outros que Lampião ganha destaque ao entrar no céu. No imaginário popular Lampião era só mais um que lutava contra a fome e contra as maldades do “mundo sertanejo”, porém nunca perdeu sua fé no Padre Cícero ou na Virgem Santíssima sempre respeitando e clamando por sua piedade.

[...]
 Respondeu a Virgem Santa
 Maria Imaculada
 Já falaste com meu Filho?
 Vamos não negues nada
 – Já ó Mãe Amantíssima
 Senhora Gloriosíssima
 Sou uma alma condenada
 [...]

O nordestino aproxima seus personagens místicos da sua realidade isso faz com que o céu seja algo em que eles possam tocar. No imaginário nordestino concebesse a ideia do sagrado a partir daquilo que eles vivem, não sendo possível muitas vezes imaginar um “céu de canduras” tendo em vista que a sua realidade nos sertões tem outra conotatividade. No céu eclesiástico qualquer vício não seria aceito, pois os vícios terrestres são pecados e esses não são aceitos no céu.

[...]
 São Pedro depois da janta
 Gritou por Santa Zulmira:
 -Traz o cigarro caipira
 Acendeu no de São Pranta
 Apertou o nó da manta
 Vestiu a casaca e veio
 Abriu a porta do meio
 Falando até agastado:
 -Triste do homem empregado
 Que só lhe chega aperreio

[...]

No trecho do Cordel “O grande Debate de Lampião com São Pedro” de José Pacheco, percebemos com clareza que São Pedro Grita com Santa Zulmira ordenando que ela trouxesse logo seu Cigarro e que o acenda no de outro santo ali presente, São Pranta. Além do vício do cigarro, identificamos que o cigarro pedido pelo santo é um “cigarro de paia”, tanto usado pelos sertanejos. Percebemos também que na sociedade nordestina o que predomina é o patriarcado, pois São Pedro grita com Santa Zulmira que é mulher e que esta inferior a ele como homem, ainda São Pedro não é dotado de gentileza ao grita algo, inadmissível para um santo do plano celestial.

As características apresentada por São Pedro são típicas de pessoas que deveriam estar no purgatório, mas o imaginário popular não se alto condena, muito pelo contrário, ele se constrói diante de sua realidade.

Para a o Catecismos da Igreja Católica o purgatório uma espécie de purificação que todos os que cometem faltas leves devem passar no intuito de obter a mora eterna e celestial.

Os que morrem na graça e na amizade de Deus, mas não estão completamente purificados, embora tenham garantido a salvação eterna, passam, após sua morte, por uma purificação, a fim de obterem a santidade necessária para entrarem na alegria do Céu (1997, p. 247).

O poeta Luiz Gonzaga de Lima retrata como muita maestria o tempo de purificação que a Igreja determina para obtenção da entrada no céu com o Cordel “A Chegada de Lampião ao purgatório”. Pois Lampião teria cometido os pecados expostos na Carta aos Gálatas que expõe as obras da carne que se opõe as obra do espírito assim: “As obras da Carne são manifestas: fornicção, impureza, libertinagem, idolatria, feitiçaria, ódio, eixos, crimes, ira, discussões, discórdias, divisões, invejas, bebedeiras, orgias e coisas semelhantes a esta” (5,19-20), esses pecados tornaria um homem como Lampião um forte candidato ao purgatório não sendo aceito ao céu ou ao inferno, pois no céu precisaria estar totalmente puro e não aceito no inferno por que este plano espiritual seria para faltas bem mais graves, como por exemplo, pecar contra o Espírito Santo.

[...]

Lampião não sendo aceito
No Inferno nem no Céu,
Caminhou pelos espaços
Vagando de léu em léu,

Sentindo o peso das culpas
Sem admitir desculpas,
Como um verdadeiro réu.

Assim passou muitos anos
Perdido na amplidão
Até que um dia avistou,
Numa linda região,
Cravos, rosas e jasmins
Ornamentando os jardins
De uma bonita mansão.

[...]

No imaginário popular o tempo de purificação que se dá através do purgatório nos leva a uma comunhão com o sagrado maior nos permitindo a entrada na mansão celestial. A fé do povo ainda parece presa ao que está escrito, porém percebemos que no caso do Cordel de José Pacheco sobre o comportamento de São Pedro fica clara que essa fé tende a proteger os costumes mais evidentes e enraizados na cultura local, como é o caso da grosseria (quando ele grita com Santa Zulmira) e na o caso em que os Santos tem o costume de fumar.

A visão sobre o sagrado é muito determinada na religiosidade popular, segundo o seu próprio entendimento e alusão ao que vivem. Por exemplo, podemos ver que no caso do inferno que apesar de ser um lugar habitado pelo caos em que Deus não habita, há semelhança com a vida real. Um inferno em que há: porteiro, padaria, mercado, gabinete, armamento de fogo, padaria, dinheiro e todas as outras construções de uma cidade típica sertaneja é o que vamos encontrar no Cordel de José Pacheco nomeado de “A chegada de Lampião ao inferno”.

[...]

– Chega, traga um armamento!
Assim gritava o vigia,
Trás a pá de mexer doce
Lasca os ganchos de Caria
Trás os birros de Macau
Corre, vai buscar um pau
Na cerca da padaria!

[...]

Houve grande prejuízo
No inferno, nesse dia
Queimou-se todo o dinheiro
Que Satanás possuía
Queimou-se o livro dos pontos
Perderam seiscentos contos
Somente em mercadoria

[...]

O inferno não parece ser algo que amedronte esse povo tendo em vista toda semelha com a realidade que se faz. Essa visão popular do inferno se opõe a visão ensinada pela Igreja Católica Oficial quando no Catecismo diz que: O ensinamento da igreja afirma a existência eterna do inferno. As almas dos que morrem em estado de pecado mortal descem imediatamente depois da morte ao inferno, onde sofreram as penas do inferno, “o fogo eterno” (1997, p. 249). A Igreja em seu documento oficial caracteriza o inferno simplesmente como um braseiro em que os pecadores passaram a vida eterna queimando e que o maior castigo seria a distância da Presença de Deus.

2.2 A visão de Deus e do Diabo

A religiosidade popular é uma forma expressiva da enculturação da Fé. Não se trata apenas de uma expressão religiosa, mas de outros valores que agregam peso a essa manifestação são valores como: critérios, condutas, atividades e imagens que se configuram no íntimo do catolicismo oficial e que se constitui a sabedoria do povo formando uma espécie de Nova Matriz Cultural Religiosa, essa expressão de fé é de suma importância para a igreja. A religiosidade Popular é a resistência de um povo que se apegua a sua cultura que sobrevive de geração a geração.

É diante desses elementos culturais que se imprime a face da religiosidade popular aproveita a devoção do povo para ajudá-lo a crescer na sua fé e na intimidade com o seu Deus. Essa nova expressão não pode fugir dos pilares centrais do catolicismo, que se intitulam por Deus, Jesus Cristo e o Espírito Santo.

Na Literatura de Cordel, podemos identificar a presença de um desses pilares e o seu contrário, neste caso estamos falando de Deus X Diabo. Vejamos no Cordel de José Marcos da Silva intitulado de “A missão de Deus”, a visão que o poeta tem de Deus.

[...]

Vou falar de um assunto
 Que julgo muito importante
 E com isso abordo um ponto
 Bem central e interessante
 No qual a Bíblia Sagrada
 Registra de capa a capa
 Do primeiro ao último livro
 Trata-se de uma missão
 Que o Autor da Criação
 Cercou de bastante brilho

Percebemos que o autor coloca em sua primeira estrofe Deus como “um assunto muito importante”, porém não percebemos uma aproximação do povo com Deus. O que nos parece é que essa aproximação é feita através de Jesus Cristo e dos Santos Populares que abordaremos em um momento mais adiante.

Quando falamos do oposto de Deus na Religiosidade Popular nos deparamos quase que de imediato com a figura do Diabo. O imaginário nos apresenta sempre uma disputa entre o bem e o mal que se configura nas pessoas desses dois pilares opostos. No Cordel “A Luta entre Deus e o Diabo” de autoria do poeta J.B. Xavier percebemos a simbiose dessas duas forças opostas, mas que uma vive em função da outra.

[...]
Então Deus e o Diabo
Travaram luta mortal
Para ver com quem ficava
Todo o bem e todo o mal.
[...]

A luta entre o Bem o mal configura uma luta interior que muitas vezes os sertanejos travam com seu “próprio eu” a fim de permanecer no bem e não cair na tentação do pedado apresentada pela figura do Diabo. “A luta” apresentada por J.B. Xavier é na verdade uma discursão onde Deus e o Diabo tenta mostrar seu poder sobre o homem. Característica típica da Religiosidade Popular, pois no Catolicismo oficial Deus Jamais “brigaria” com o Diabo.

A menção que se faz entre o bem e o mal na ligação desses dois ícones (Deus e o Diabo) é claramente percebida no Cordel de Gonçalo Ferreira da Silva intitulado “A Discussão do Crente e o Macumbeiro” onde o autor nos coloca uma divisão do bem e do mal através da religião a qual o Nordeste pertence, vejamos:

[...]
Convide seus Orixás
Iansã, Nanã, Ogum,
Omulu, Xangô, Oxóssi,
Iemanjá e Oxum,
Mariazinha da Praia
que quero dar uma vaia
pois não respeito nem um.

– Atire esta Bíblia fora –
disse Pilintra arrogante,
respeite a religião
que segue o seu semelhante

senão eu lhe meto o murro
 porque o destino do burro
 é morrer ignorante.

Neste Cordel as Religiões que formam a base Cristã sempre estarão do lado do bem e o contrário ocorrem com os que praticam as outras religiões de outras matrizes. Esse entendimento foge à regra quando tratamos das benzedeiças e raizeiros que tem suas bases nas religiões de matrizes africanas e indígenas essa abertura que o catolicismo popular oferece a esse tipo de sincretismo nos leva a uma aceitação e a um fortalecimento que acrescenta um fator a mais dentro desse grupo religioso. Como vimos no Cordel anterior não há, dentro da Religiosidade Oficial, espaço para as Religiosidade Popular é o que Abraão Batista deixa claro em “A macumbeira que foi fazer um despacho e despachou-se”. Na verdade tanto é condenado quem Manipulam essa magia como os que recorrem a essas práticas, pois segundo Abraão Batista são considerados “católicos vira-latas”. Com contundência e de maneira bastante severa e agressiva, o poeta afirma que:

[...]
 No Crato tinha uma velha
 Conhecida macumbeira
 Possuía ajudantes
 Para a sua maneira
 E nos despachos cobrava
 Mas do ganho sobrava
 Pra fazer uma só feira

O dinheiro que ganhava
 Daquela vil profissão
 Não dava pra quase nada
 Só restava confusão
 Pensava que tinha tudo
 Mas ao leitor não iludo –
 - era dinheiro do cão

Mesmo assim a macumbeira
 Tinha grande freguesia
 Os católicos vira-latas
 Ela mesma os possuía
 O que a velha ganhava
 Depressa ela gastava
 Como uma pobre vadia.

O fato é que o bem sempre estará ligado à figura do Deus criador, pai dos homens, inefável e bondoso e o mal do Diabo destruidor, tentador, enganador e nos parece que tudo que não fosse oficial, como é no caso do Catolicismo Romano, seria

automaticamente interligado com a figura do Diabo, obviamente não estamos nos referindo ao catolicismo popular e sim as outras expressões de fé, como é o caso do Cordel acima citado, onde a Macumbeira é tida como servidora do Diabo e tudo que pertença ou venha dessa senhora tornam-se coisa diabólica, um exemplo seria o dinheiro que recebia pela sua profissão.

O Diabo também é uma figura bem presente na literatura de Cordel, pois contrapõe a ideia do bem, como já vimos, dentro do Imaginário popular. O Diabo se configura com características bem humanas com seus próprios aspectos e personalidade que são atribuídas não somente a Ele, mas aos seus seguidores. Percebemos essas características no cordel a “Idade do Diabo” de Marco Haurélio.

[...]
 O tal sujeito trajava
 A veste da escuridão,
 Na boca tinha um charuto
 E uma bengala na mão —
 Do corpo todo exalava
 O cheiro da maldição.

— Cá estou às suas ordens,
 Disse o sujeito a Antônio.
 Este logo percebeu
 Que aquele feio quelônio,
 Fedendo a chifre queimado,
 Devia ser o demônio.
 [...]

Percebemos que os serviços do Diabo sempre são solicitados por aqueles que buscam sair do sofrimento de forma fácil e rápida. No entanto vemos claramente que, assim como nos Cordéis que rogam a Deus e quem aparece são seus Intercessores, Anjos ou Santos, os Cordéis que pedem a ajuda do Diabo são sempre marcado pela presença dos seus seguidores, bruxas, macumbeiros (esses dois de uma forma preconceituosa, mas entendemos aqui o contexto social em que eles foram escritos) e Demônios isso por que no imaginário popular o Diabo vem como o próprio coisa ruim, ou seja, Lúcifer o opositor direto de Deus e os Demônios, no contextos cristão tem uma ideia diversa, pois trata-se de algumas criaturas a subalternas ao Diabo essa ideia encontramos nas palavra do autor Howard Schwartz (2004, p. 227), em seu Livro “Árvore das Almas. A mitologia do judaísmo” (em inglês Tree of Souls. the mythology of Judaism).

Os Cordéis são de suma importância para o registro das características que compõe o cenário da religiosidade de um povo que mesmo sofrendo não deixa de crer

nos seus santos que segundo suas crenças são pessoas enviadas pelo próprio Deus. Nessa Literatura tem espaço para tudo que diz respeito ao desenvolvimento dessa dinâmica religiosa. E não poderíamos esquecer-nos de falar de alguns personagens, como Frei Damião e Padre Cicero que são peças muito importantes, tanto quanto o próprio Deus.

2.3 Frei Damião

[...]
 Muita gente até dizia
 Que Frade Frei Damião
 Andava muito ligeiro
 Em frente da procissão
 Teve alguém que observava
 Que o Frade caminhava
 Com os pés altos do chão

A fé do povo nos seus santos populares é de uma grandeza tão profunda, que o sobre natura tornasse visível aos olhos de quem crer que pode ser possível até mesmo caminhar como os pés fora do chão. Percebemos com clareza a ênfase ao sobre natura no trecho do cordel acima citado escrito pelo poeta Apolônio Alves dos Santos com o título de “Adeus a Frei Damião”.

Colocar Frei Damião com os “pés fora do chão” é tentar separar o profano do Sagrado. Tentar colocar o Santo popular, em lugar de destaque onde os pecadores não podem alcançar. Está fora do chão implica dizer que é um lugar onde somente aqueles que têm uma aproximação com o Ser Supremo, podem permanecer. Neste caso, Frei Damião dentro do conceito de religiosidade popular é o ser que mais se aproxima do Sagrado Supremo. Logico que teremos outros Santos, canonizados pelo povo, que se aproximar deste sagrado, como é o caso de Padre Cicero.

A prática de separação do sagrado e profano é uma constância dentro de várias sociedades, não se limitando assim ao Nordeste Brasileiro, mas em toda espécie humana. Essa separação é observada por Émile Durkheim:

Os seres sagrados são, por definição, seres separados. O que os caracteriza é que, entre eles e os seres profanos, há uma solução de continuidade. Normalmente, uns são exteriores aos outros. Todo um conjunto de ritos tem por objetivo realizar esse estado de separação que é essencial. Como sua função é evitar misturas e aproximação indevidas impedir, que um dos domínios avances sobre o outro [...] (1996, p. 318)

Ainda sobre Frei Damião Temos vários cordéis que revelam castigos para quem zombam do Sagrado que ele representa ou até mesmo do sagrado que ele é para os romeiros. Esses grupos fervorosos acreditam que ao desrespeitar a um desses santos, aqui Frei Damião, estão desrespeitando o próprio Deus. E a estes desrespeitos temos os castigos verzejados no cordel “A mulher que virou cobra” de Pedro Bandeira (Juazeiro do norte/CE, S/D)

[...]
 Jesus me dando memória
 Não faltando inspiração
 Vou ver se conta uma história
 Chegada do Maranhão
 Enquanto a coragem sobra
 Descrever dobra por dobra
 Da mulher que virou cobra
 Por zombar de Frei Damião
 [...]

Outro exemplo dos castigos é dado aos zombadores que não querem ouvir a palavra do santo, que se tornou uma espécie de salvador, é o folheto “O Rapaz que virou bode porque profanou Frei Damião” de José costa Leite:

[...]
 Ninguém espera bom tempo
 Por causa da curtição
 O povo vive marchando
 Na sala da perdição
 Nada de bom se espera
 Breve chega o fim da era
 Trazendo mais aflição

 O povo de hoje só quer
 Jogo cachaça e Forró
 Namoro e chumbregação
 Dona boa e Catimbó
 O mundo não presta mais
 Dizem que agora um
 Rapaz virou bode em Maceió
 [...]

Durkheim (1858-1917, p. 319), traz uma separação do sagrado e do profano a fim de concretizar o respeito que o Objeto Santo, ou seja, o Sagrado merece. Quando o respeito não estava sendo posto em pratica é que surgem Cordéis alertando as pessoas para os castigos. Esses Escritos literários ainda busca resgatar no povo o fervor a fé. Assim diz Durkheim:

[...] A interdição religiosa implica necessariamente a noção do sagrado, vem do respeito que o objeto sagrado inspira e tem por finalidade impedir que falte esse respeito [...] (1996, p. 319).

Outras formas de separações que devem existir entre o sagrado e o profano são através das vestimentas, aqui no Nordeste Brasileiro temos vários exemplos dos castigos que uma pessoa pode sofrer se não se apresentar dignamente em uma celebração ou ritual sagrado. As vestes traduz o respeito que se deposita no ambiente em que o romeiro está inserido. Durkheim diz que:

Os seres sagrados não somente são separados dos profanos, como também nada do que concerne, direta ou indiretamente, a vida profana deveria se misturar à vida religiosa [...] (1996, p. 324).

Sobre a separação descrita por Durkheim, sobre o que concerne ao sagrado e ao profano, o poeta José Francisco Borges escreve a respeito de uma moça que cheia de vaidades com a modernidade da época foi assistir a missa celebrada por Frei Damião de Top Less ignorando assim os conselhos de seus pais e os castigos do Celebrante. O cordel intitulado “A Moça que Virou Jumenta porque falou de Top Less com Frei Damião” de José Francisco Bergues.

[...]

Nunca foi se confessar
e nunca fez uma prece
usava todas as modas
que neste mundo aparece
a primeira que usou
a moda do topless

[...]

Ela cheia de maldade
ficou mangando na hora
dizendo eu vou ouvir
aquele velho caipora
usando meu topless
com os dois seios de fora

[...]

Quando ele viu a marmota
que aos seus pés chegou
disse vai vestir a roupa
pra chegar onde estou
por que isso é uma moda
que a besta fera mandou

[...]

Esses são, sem dúvidas, exemplos de como a falta de respeito com o sagrado pode acarretar em uma punição aos zombadores, que praticam seus desrespeitos mesmo estando sobre aviso dos mais velhos ou dos mais devotos.

2.4 Padre Cicero Romão Batista ou Padim Ciço e A Beata Maria de Araújo

Um santo só existe pela vontade dos seus fiéis e ele é o que a aldeia ou o grupo de fiéis quer que ele seja. O santo não é mais do que um nome, uma imagem e uma lenda, ou por outras palavras, é um símbolo, uma norma de conduta ou um modelo onde se refletem os valores sociais. (MOISÉS 1990, p.115)

O historiador Moises do Espírito Santo defende que um santo só existe se o povo assim o quiser, Padim Ciço é uma das figuras santa mais popular diante do povo nordestino. O Santo Popular viveu boa parte de sua vida no meio desse povo, passando pelas mesmas dificuldades, enfrentando a seca e a escarcas de comida.

No ano de 2006, o Bispo do Crato, D. Fernando Pânico, anunciou que iria reaver junto ao Papa Bento XVI a beatificação e posteriormente a Canonização do Padim, esse anuncio é muito importante para Igreja Oficial, mas para os milhares de Romeiro a abertura ou reabertura desse processo não tem importância, pois o povo já canonizou Padre pelos seus inúmeros feito que se ligam ao dia-a-dia desse povo.

Padim Ciço sempre esteve ligado aos anseios do povo. Além de sua vida eclesiástica foi prefeito, vice-governador e deputado federal. Essa vida tão dinâmica deu origem a diversos escritos sobre sua vida que se alternavam em conquistas políticas e conquista milagrosas.

Padre Cicero chega ser tão popular quanto o próprio Jesus Cristo devido à aproximação que o povo tem com ele e com seus diversos milagres, alguns romeiros chega a dizer que Padre Cícero tinha “cheiro de ovelhas” fazendo referência aos próprios fies e assim há uma comparação com Jesus Cristo (aspecto esse que trataremos no decorrer desse trabalho através dos diversos cordéis), que sempre atendeu os gritos de suas ovelhas durante a seca espiritual e o Padim Ciço que também atendia os gritos de socorro dos fies na seca tanto da alma quando da geográfica.

Os concelhos de Padim Ciço refaziam as almas dos fiéis e reafirma a ligação com Deus, porém não era somente sobre a seca da alma que o Padre aconselhava

ele era um defensor da natureza e deixou vários sermões contundentes a esse respeito e que se tornaram Cordéis como verseja o Cordelista Cícero Manoel no Cordel intitulado “Os conselhos de Padre Cícero para Preservar a Mãe Natureza”

[...]

Meu padrinho deixou dito:
 “Amiguinho não seja mal,
 Peço não derrube o mato
 Não corte um só pé de pau,
 Não toque fogo na roça
 Caatinga ou canavial.

Não cace mais, deixe os bichos,
 Que livre possam viver,
 Crie boi e bode em cercados,
 Soltos vão lhe aborrecer,
 Deixe o pasto descansar
 Pra depois se refazer.

[...]

Preserve a mãe natureza
 Não faça poluição,
 Não joguem lixo nos rios
 Isso traz preocupação,
 Jogue lixo no lixeiro
 E não jogue ele no chão.

Com os rios poluídos
 Neles ninguém pode entrar,
 As águas que eram limpas
 Ninguém pode mais usar,
 Preserve a fonte da vida
 Que a água pode acabar

Padim Ciço sempre foi um homem de grandes concelhos e de grandes Milagres. Um dos grandes milagres ligados a essa Personalidade é a transformação da hóstia em sangue na boca da beata Maria de Araújo quando ela participava da comunhão, o milagre aconteceu diversas vezes, porém a primeira vez ocorreu em março de 1889, tendo provocado grande especulações no seio do catolicismo oficial e popular. Daniel Walker faz um relato sobre esse milagre na biografia que escreveu sobre o Santo.

Quando dei à Beata Maria de Araújo a sagrada forma, logo que a depusitei em sua boca imediatamente transformou-se em porção de sangue, que uma parte engoliu, servindo-lhe de comunhão, e outra correu pela toalha, caindo algum no chão; eu não esperava e vexado para continuar com as confissões interrompidas, que eram ainda muitas, não prestei atenção e por isto não apreendi o fato na ocasião em que se deu; porém, depois que depusitei a âmbula no sacrário, e vou descendo, ela vem entender-se comigo cheia de aflição e vexame de morte, trazendo a toalha dobrada, para que não vissem, e levantava

a mão esquerda aonde nas costas havia caído um pouco e corria um fio pelo braço, e ela com temor de tocar com a outra mão naquele sangue, como certa de que era a mesma hóstia, conservava um certo equilíbrio para não gotejar no chão (WALKER, 2014 p. 45)

Esse fato histórico e milagroso será o início de toda a perseguição que o Padre ira sofrer juntamente com a beata. Contaremos um pouco dessa história embasado nos versos da Cordelista Maria do Rosário em seu Cordel intitulado “Beata Maria do Araújo”

Foi uma religiosa
De muita dedicação
Reconhecida beata
Por toda a população
E tinha por Padre Cícero
Muita consideração
[...]

A beta sempre foi reconhecida e conhecida pelo Padre desde os seus 12 anos de idade foi o padre quem lhe deu a primeira Eucaristia. O Padim Ciço via na Beata Maria uma mulher mística que transmitia a paz e o amor pelos seus.

[...]
No ano de oitenta e nove
Um fato lhe ocorreu
Estava assistindo a missa
Quando a hóstia recebeu
Das mãos de Padrinho Cícero
E veja o que aconteceu:

Ao abrir a sua boca
Quando estava a comungar
A hóstia ficou em sangue
Sem saber como explicar
Foi por cento e treze vezes
Que chegaram a contar
[...]

A Literatura de Cordel, como sempre, tem o papel de informar ou até mesmo de ser o Jornal do Povo devido à tentativa fidedigna com que ela narra às histórias que se desenvolve. Histórias de pouca ou grande repercussão tem espaço garantido nos seus versos. O milagre que estamos trazendo é de imensa repercussão nordestina e mundial seja no Catolicismo Romano quanto no popular.

[...]
A Igreja investigou
E pegou muito pesado
O caso como um milagre

Nunca foi mesmo aceitado
 E depois de grande inquérito
 Deu tudo por encerrado
 [...]

Por duas vezes a Igreja Romana foi chamada a investigar o milagre e não retificou o que para o povo já era tido como poder de Deus. A pesquisadora Maria do Carmo Pagam Forti revela ao Jornal Diário do Nordeste (acesso em 12/04/2018), que a igreja passava por um período de “romanização”, a finalidade desse momento era impedir que surgissem outros centros de romaria concentrando assim as peregrinações em Roma. A pesquisadora ainda revela que a sociedade tanto na esfera eclesiástica quanto na política/social da época era machista e que não iria aceitar uma mulher ganhar tanto destaque a ponto de ser reconhecida oficialmente como portadora de tamanho milagre.

Encontramos ao longo de nossa pesquisa que existem 130 Milagres Eucarísticos, no entanto os oitos principais estão espalhado pela Europa são eles: i) Lanciano – Itália no ano 700, ii) Orvieto – Bolsena – Itália 1263, iii) Ferrara – 28/03/1171, iv) Offida – Itália 1273, v) Sena Cáscia – Itália 1330, vi) Turim – Itália 1453, vii) Sena – Itália 1730, viii) Milagre Eucarístico de Santarém Portugal (1247).

O que nos leva a refletir e retomar ao período de romanização, que visava um eurocentrismo cristão, desta forma, ainda segundo a pesquisadora Maria do Carmo Pagam Forti, seria inconcebível que “uma mulher, preta, pobre analfabeta e negra” pudesse receber essa manifestação tão divina. Caso a igreja aceitasse esse evento como milagre qual seria a resposta da Igreja para o mundo quando fossem questionados a respeito do que “Jesus iria vim fazer no Sertão Nordestino” diante de possíveis questionamentos era preciso acabar com os rumores.

Esses eventos tiveram consequências serias para a religiosidade popular que envolvia o povo, a beata e o Padim Ciço.

[...]
 A consequência que teve
 Foi do Padre a suspensão
 Dos seus atos na Igreja
 Com grande humilhação
 Tempos depois também veio
 Pra ele a excomunhão

O Padre Cícero sofreu
 Até a morte chegar
 Não desprezou a Igreja
 Obedeceu, quis ficar

E sobre o caso da hóstia
Ninguém podia falar

Falando agora em Maria
Foi triste o destino seu
Nos inqueritos que houve
Com tudo muito sofreu
Levou uma vida penada
Depois do que aconteceu

Lá na cidade do Crato
Maria foi torturada
Na casa de Caridade
Ela foi enclausurada
Proibida de sair
Era muito vigiada
[...]

Padim Ciço mesmo sendo obrigado a ficar em silêncio nunca desistiu da igreja talvez esse fosse um dos motivos que fez o povo se aproximar ainda mais do Padre é por esse e outros que diversos autores escrevem sobre a vida, desse, que talvez seja a pessoa mais tratada na Literatura de Cordel.

O homem loiro de estatura baixa, sempre pronto a escutar e aconselha modificou a estrutura da religiosidade por fazer parte direta dos que rodeavam o mistérios da sua fé. Mesmo excomungado pela Igreja Oficial, Padim Ciço foi santificado pelo povo e o seu povoado que antes tinha entre 10 e 15 casebres cresceu sem parar tornou-se uma espécie de Jerusalém do Nordeste, lugar de romaria e meditação, essa rebeldia, do povo (em aceitar como santo, mesmo sendo condenado), tornou esse homem um do mais bem quisto por uns e um dos mais especulados por outros. A respeito da excomunhão do Padim Ciço o poeta Abraão Batista em seu Cordel “Padre Cícero o cearense do século” relata que:

[...]
A igreja o condenou
mas Padre Cícero cresceu
Crato o repudiou
o que ele não mereceu
mas Juazeiro do Norte
com carinho o acolheu
[...]

Ainda podemos verificar que neste mesmo Cordel Abraão Batista atribui diversas características ao Santo legitimando o seu trabalho e aceitação pelo povo. Esse homem do século, como cita o poeta, traz o peso de ser o responsável pelas mudanças de vida da população, mas principalmente pela mudança na fé do povo,

que sem dúvida terá o Padim Ciço Romão como um servo de Deus. Como exemplos de algumas características atribuídas ao Padim Ciço por seus serviços Abraão destaca:

- i. Caraterística de Assistente Social, devido ao trabalho que exercia para o povo;

[...]
 Pra mim, Padre Cícero foi
 um assistente social
 pois aqui no Brasil todo
 ninguém encontra um igual
 foi conselheiro amigo
 e político sem rival.
 [...]

- ii. Característica de animador do povo colocando tempero nas vidas dessa gente. Sabemos que o tempero é o que dá sabor aos alimentos e o Padim tinha essa função de dá sabor na vida sofrida do povo;

[...]
 Padre Cícero foi e é
 a nossa carta principal
 é um coringa valente
 na crista do ideal
 é o tempero do povo
 é molho, açúcar e sal.
 [...]

- iii. Característica ser o salvador econômico da região tendo em vista as romarias que acontecem na cidade onde o Padre Morou, propiciando emprego aos moradores;

É o alimento do povo
é o emprego que ele tem
em nome dele, se ganha
 é o trabalho que vem
 em nome do invisível
 dizendo: é santo Amém.

Fica claro diante do exposto nos versos de Abraão o porquê do Padre Cícero torna-se tão popular no Nordeste. A exposição desse homem em querer ajudar os Nordestinos lhe envolveu em uma áurea espiritual que trouxe lhe características de um salvador como percebemos nos versos acima citados.

O Padre sempre foi um líder, não somente religioso, mas também político. O envolvimento político o levou a conhecer, e de certa forma se envolver, com o Cangaço. Frederico Pernambucano de Melo⁸ descreve o envolvimento do Padre quando necessitou dos serviços do cangaço para combater a coluna preste em seu Livro “Benjamim Abrahão: Entre Anjos e Cangaceiros” (2012, p. 45). Essa guerrilha que envolve de um lado, Cangaceiros, jagunços, policiais e de certa forma o clero local se forma na tentativa de proteger o Juazeiro das ideias de Carlos Prestes. Iremos nos utilizar da Poesia cordelística de Mariane Bigio “O encontro de Luís Carlos Prestes e Lampião (2012)” para decorrer um pouco mais sobre o envolvimento do Padim Ciço com Lampião nessa etapa da história do Sertão do Cariri.

[...]
 Virgulino, conhecido
 Sob o vulgo Lampião
 Famoso Rei do Cangaço
 Governador do Sertão
 Foi em busca do “Padim”
 Lá o encontrou por fim
 Padre Cícero Romão
 [...]
 Ao chegar nesta cidade
 Foi muito bem recebido
 Aos pobres lhes dava esmola
 Jornalistas destemidos
 Lhe faziam entrevista
 Portou-se como um turista
 Pelo Padre protegido
 [...]
 Mas a súbita visita
 Tinha a sua intenção:
 Virgulino recebeu
 O cargo de Capitão
 a patente controversa
 sendo por ele malversa
 em troca d’uma Missão
 [...]

Lampião foi convidado por Padre Cícero para juntar-se a um grupo de defensores, entrou na cidade do Juazeiro recebendo as bênçãos e a proteção do morador mais ilustre da região recebeu título de Capitão e concedeu entrevista para o documentário de produção de Benjamim Abrahão isso aumentou ainda mais o ego de “governador dos sertões”. O Batalhão patriótico nunca chegou a encontrar se com

⁸Frederico Pernambucano de Melo Em 1988 foi eleito para a Academia Pernambucana de Letras (APL); é membro do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano. Historiador e advogado, Pernambucano de Mello foi procurador federal no Recife e, de 1972 a 1987, integrou a equipe do sociólogo Gilberto Freyre na Fundação Joaquim Nabuco, que o reconhecia, já em 1984, como “mestre dos mestres em assuntos de cangaço”.

coluna, pois Lampião descobriu que o seu título de nada valia e novamente se embrenhou no cangaço.

[...]
 Nomeado comandante
 por Floro Bartolomeu
 no Batalhão Patriótico
 um destino recebeu
 Com seu bando enfrentaria
 As tropas da rebeldia
 O que nunca aconteceu
 [...]
 O confronto encomendado
 Jamais se concretizou
 Lampião rompeu o pacto
 À caatinga retornou
 A Coluna e o Cangaço
 Não dividiram espaço
 No que a história nos contou
 [...]

A relação amigável entre essas duas figuras é sem dúvida umas das coisas mais intrigantes da religiosidade popular, tendo e vista a dificuldade de conceber o envolvimento o Santo com um bandido tão procurado. No entanto o Juazeiro transformou-se em um lugar de acolhida de todos aqueles que buscavam abrigo nos braços do Padim Ciço. Na cidade moravam os familiares do Cangaceiro e sempre que podia Lampião era bem acolhido pelo Padre.

Essa ligação de acolhimento com todos, trouxe ao Santo um respeito venerável dos que frequentavam o grupo de Lampião. Já o Capitão Virgulino encontra-se “enfeitando lhe o peito, comprido com lenço de cores vivas, atado no pescoço por grande e vistoso anel, deixando ver ao esvoaçar das pontas, medalhas de Padre Cícero, breves, bentinhos e rezas que lhe fecham o corpo resguardando o das balas” (RANULFO 1980, p.29). Segundo o que vemos nos relatos de Ranulfo a fé de Lampião no santo o aproximou ainda mais da áurea religiosa dos Sertões Nordestinos e fé expressada por ele gerará inúmeros Cordéis relatando a fé, o apressado e a amizade entre o sagrado (Padim Ciço) e o profano (Lampião).

João Martins de Athayde ira escrever inúmeros Cordéis revelando a fraternidade entre esses dois personagens que não se limitam ao mundo material. Como veremos no Cordel deste mesmo poeta denominado “A visita de Lampião ao Padre Cícero Romão”, quando esse chega ao céu.

[...]
 Depois de ser atendido

São Sebastião falou
 -meu ilustre Padre Cícero
 ainda pouco chegou
 seu amigo Lampião
 vindo de mala e surrão
 para falar com o senhor
 [...]
 Padre Cícero o esperava
 Encostado na sacristia
 Quando avistou o amigo
 Teve bastante alegria
 Dele um aperto de mão
 E falou com emoção
 -faz tempo que não lhe via.

Lampião da mesma forma
 também se emocionou
 beijou a mão do padrinho
 e sem demorar falou
 -eu Hoje venho sem pressa
 e assim toda a conversa
 dessa forma começou

Os fieis do Santo são os principais divulgadores de suas obras, seus feitos e milagre que começam na sua juventude Lira Neto (2009, p. 38) evidencia bem o inicio dos seus milagres, tendo em vista que milagre é tudo aquilo que não se tem uma explicação lógica.

[...] quando jovem, Cícero conseguia ler da janela do seminário o leteiro dos navios ancorados no alto-mar a quilômetros de distância. Também havia quem jurasse que na falta de cabide apropriado o padre já conseguira a proeza de fixar o chapéu, como que por encanto, em plena parede lisa. E não faltava quem repetisse que Cícero sabia respirar até debaixo d'água: certa vez, nos tempos de seminário, teria se mostrado capaz de mergulhar no mar de Fortaleza e permanecer submerso por um tempo tão grande que os colegas, assustados, chegaram a dá-lo como morto. (LIRA NETO 2009, p. 38)

O trecho acima citado de Lira Neto nos leva a compreender bem a explicação que os sertanejos davam quando não podiam elucidar as atividades diárias do Padim Ciço assim todos os seus feitos eram convertidos em milagres.

Talvez a necessidade dos nordestinos em ter um salvador próximo fez Padre Cícero se tornar o Padim Ciço e uma das figuras mais versadas da Literatura de Cordel. Segundo Potier (2013, p. 174) o Cordel tem grande responsabilidade pela transformação da figura desse personagem religioso e sem dúvida de um político

poderoso, contribuindo com a propagação e com a atualização das histórias sobre seus feitos.

Nessa perspectiva, a figura de Padre Cícero se reconstrói mediante as várias publicações de Cordel, uma vez que esse gênero literário traz em muitas das suas publicações relatos de milagres e premonições. O maior milagre do Padre Cícero foi o de Transforma o vilarejo pobre e sem vida na Cidade Conhecida como a Meca do Sertão, O Juazeiro do Norte onde os devotos do Padim tem que visitar uma vez por ano.

Todos esses feitos transformam esses santos, sagrados pelo povo, em salvadores por excelência. É pensando neste aspecto que iremos discutir no próximo ponto, Como se dá a relação entre Salvador e os Romeiros.

2.5 Relação Romeiro e Salvador

Olha lá no alto do horto
 ele tá vivo padre não tá morto
 Olha lá no alto do horto
 ele tá vivo padre não tá morto
 viva meu padim viva meu padim
 Cicero Romão viva meu padim
 viva também Frei Damião
 em todos os anos setembro novembro
 vou ao juazeiro alegre e contente
 cantando na frente sou mais um romeiro
 vou ver meu padim
 de bucho cheio ou barriga vazia
 ele é o meu pai ele é o meu santo
 é minha alegria

As estrofes acima citada fazem parte da música de Luiz Gonzaga em homenagem a esses salvadores do povo. O fato de, na poesia de Luiz Gonzaga, Frei Damião ser lembrado com pouca ênfase não diminui o seu prestígio diante dos seus fies romeiros. Os poetas José Fernando de Oliveira com o Cordel “O sonho de Frei Damião Profetizando o Futuro” e José Bernardo da Silva em “O nascimento de Padre Cícero” narram com grande contundência a chegada do “Salvador” e os poderes que lhes são concedidos no intuito de salvar e libertar os sertanejos das mãos dos poderosos e da fome que mata o povo de Deus.

[...]
 Lá no país da Itália
 na cidade de Bozano
 de um casal de agricultores
 por ordem do soberano

nascia Frei Damião
 nosso conselheiro humano
 [...]
 “O sonho de Frei Damião Profetizando o Futuro”

[...]
 Em mil oitocentos
 e quarenta e quatro então
 a 24 de março
 véspera da anunciação
 dia que o verbo encarnou
 nasceu o nosso pastor
 padrinho Cícero Romão
 [...]
 “O nascimento de Padre Cícero”

A necessidade de se ter um Messias é tão importante que o povo para se dá veracidade aos seus santos se criam histórias quem envolve a Virgem Mãe de Deus como é o caso do Cordel “Nascimento, Vida e Morte de Padre Cícero Romão” de Antônio Domingos Santos o poeta relata a troca de crianças pela Virgem Mãe de Deus.

[...]
 Porque quando ele nasceu
 viram ali uma visão
 nisto entra uma mulher
 com um rosário na mão
 também trazia um menino
 ficando ali no salão
 [...]
 Perguntou a criada a ela
 Dona, quem entrou aqui
 os meninos estão trocados
 e uma mulher eu vi
 para trocar os meninos
 ela saiu por ali.
 [...]

Apesar dos sinais de predestinação os santos populares não ficam livres de perseguições dos poderosos e até mesmo da própria Igreja Oficial. A perseguição sofrida por Padre Cícero fomenta a ideia de um substituto que esteja a sua altura. Porém nada muda nas relações que tem com seus romeiros, pois sempre haverá a necessidade dos que precisam de proteção e dos que podem proteger. O salvador do Nordeste não pode ficar somente no plano espiritual, ele tem que ganhar corpo e características humanas, mesmo que esse seja um misto onde caminhe entre o divino e o profano. Entendemos que o Salvador é aquele que se identifica com os

sofrimentos e valores do seu povo ai esse respeito temos o exemplo do Cordel de Rodolfo Coelho Cavalcante intitulado “Frei Damião o Missionário do Nordeste”.

[...]
 Nos Estados nordestinos
 Da Bahia ao Maranhão
 De sempre em sempre aparece
 Fazendo SANTA MISSÃO
 Um frade já bem velhinho
 Seguindo o mesmo caminho
 Do padre Cícero Romão
 Trata-se de Frei Damião
 De porte simples, sereno
 Com uma batina velha
 De estatura pequeno
 Pelas cidades pregando
 Ao povo anunciando
 Como Jesus Nazareno

[...]
 Quando surge um emissário
 Do criador destemido
 Pregando a verdade ao povo
 Começa a ser perseguido
 Sofreu Cícero Romão
 Assim o Frei Damião
 É também muito atingido

[...]
 Me mostrem um padre
 Que faz igual Frei Damião
 Se mistura com a pobreza
 No meio da multidão
 Andando nas brenhas secas
 Do mais profundo sertão?

Na relação entre Romeiros e Salvadores há uma troca de benefício. A proteção e a salvação são dadas em troca da fidelidade em seguir piamente os conselhos do Messias, além disso, fica Clara a obediência que se deve prestar diante da Igreja sem deixar escapar as leis da Santa Religião. O Salvador tem o dever de orientar os seus fiéis diante das coisas que pertencem ao mundo e das que pertencem ao céu e fica a cargo do fies se separar do que é inadequado. Essa separação seriam as “interdições religiosas” citadas por Durkheim (1996). Para aqueles que conseguiram ser fiel nos ensinamentos dos Santos Missionários teriam a recompensa de morar junto com eles no Céu, isso percebemos no discurso feito por Padre Cícero no Cordel “o Sermão de Padre Cícero” do poeta Manoel Caboclo e Silva.

[...]
 Quem se valer do meu nome
 E confiar no que eu digo
 Aqui na vida presente

Eu defendo do perigo
E depois na vida eterna
Vai morar junto comigo
[...]

Os discursos presentes nos livretos nos leva a um entendimento de que há sempre dois caminhos para o povo. O primeiro é o da salvação, dos milagres e das curas para aqueles que são ou estão a favor dos messias. O segundo é para os “inimigos”, a esses a consequência fica por conta dos castigos do mundo e dos castigos espirituais. Um dos assuntos tratados para aqueles que não seguem os ensinamentos do Padre Cícero ou do Frei Damião é o fim do mundo que exclui os fieis dando-lhes uma morada eterna.

Os milagres são marcas registradas de um bom Salvador dentro do espaço que compete a Religiosidade Popular não seria diferente. Os Santos precisam se utilizar dos milagres para agregar valores a seus discursos de fé e resistência.

Fica a cargo da Literatura de Cordel o registro desses momentos de fé, que envolvem os favores ou desfavores de Deus através dos seus santos para aqueles que são fiéis. Os fieis são o povo que sofre, pois é através do seu sofrimento que buscam os milagres os infiéis são os que tentam destruir a imagem sacrossanta dos enviados de Deus.

[...]
Na hora que ele abençoa
Um cego pode enxergar
Um aleijado a muleta
Pode não mais precisar
É o poder da oração
que cura qualquer cristão
Depende não duvidar"
[...]

Os milagres vão desde as coisas mais simples como está registrado no Cordel de Rodolfo Coelho Cavalcante denominado “Frei Damião: O Missionário do Nordeste” citado acima, até as mais complexas como é o caso do Cordel de José Bernardo da Silva com o título de “O Nascimento de Padre Cícero” que já nos utilizamos dele para enfatizar outro assunto, porém o Cordel nos dá condições dessa versatilidade.

[...]
Eu quero contar um caso
que em São Pedro se passou
no tempo que meu Padrinho
lá em São Pedro morou
com o seu divino conforto
um homem depois de morto

meu Padrinho levantou
[...]

Neste trecho percebemos um milagre de ressurreição esse feito é algo grandioso para os sertanejos que se envolve na mística da religiosidade popular, pois dentro do Catolicismo Oficial esse milagre só compete ao próprio Cristo. É neste sentido que falamos em um momento acima, deste trabalho, que os santos populares se assemelham a figura do próprio Cristo essa característica é imputado ao Padre Cícero ou a Frei Damião por que, tornamos a repetir, o messias do povo tem que ter corpo e características humanas.

Essa característica imputada aos santos populares da religiosidade expressada pelo povo, aos santos oficiais da Igreja de Roma, bem como a representação destes na cultura dos nordestinos, principalmente no meio rural onde os ensinamentos são transmitidos de pai para filho e que há um desprovimento de conhecimentos intelectuais, que tem como eixo principal a Literatura de Cordel será o assunto que iremos tratar no próximo capítulo deste trabalho.

CAPÍTULO 3

3 RELIGIOSIDADE POPULAR E A CULTURA LITERÁRIA CORDELISTA

Após debatermos os elementos da cultura religiosa popular presente nos cordéis, pretendemos neste capítulo discutir a relação entre religiosidade popular, catolicismo popular e a cultura literária cordelista.

3.1 Cultura literária cordelista

Literatura é linguagem na qual os diversos elementos e componentes do texto entram numa relação complexa.
(CULLER 1999, p. 36)

Literatura Popular, retomando o que já vimos em outros momentos, é sem dúvida a linguagem do povo. Esse tipo de literatura é um dos meios de divulgação da cultura popular nordestina através dos livros de Cordel denominado de Literatura de Cordel. Essa expressão popular é muito tradicional, sempre presente nas feiras livres da região do Nordeste. Estes folhetos, na verdade, são o meio de comunicação, expressão de ideias e de mensagens e noticiários utilizados pelos poetas populares, ou seja, os poetas que faziam versos direcionados ao povo pobre financeiramente, mas também, pobre de conhecimentos intelectuais.

Esses poetas se utilizaram da Literatura de Cordel por que não tinham acesso aos outros meios de comunicação tradicional para divulgar sua sabedoria e também a cultura local que estava impregnada de elementos da vivência desse povo elementos como: a religiosidade, os santos populares, as suas devoções e os seus milagres todos esses pontos que acabamos de citar, nos leva ao catolicismo popular presente nesse tipo de literatura. Nesta perspectiva não é a Literatura de Cordel que se utiliza do Catolicismo Popular, mas exatamente o contrário, é o Catolicismo Popular que se utilizará da Literatura de Cordel para chegar às áreas mais extremas da região Nordeste.

Entre as diversas funções da Literatura Cordelista, encontramos a divulgação da cultura, conhecimento do mundo, compromisso social, exercício de contestações,

denúncia, expressão de um grupo, ideologia, preceitos, orações e devoções. No cordel de Melanio Maia já utilizado no início deste trabalho percebemos um número descomunal de títulos que essa Literatura retrata empregando dignamente elementos simbólicos do povo.

Vejamos:

[...]
 E os Cordéis de sucesso:
 “Juvenal e o Dragão”,
 “O Pavão Misterioso”,
 “A Sina de Lampião”,
 “A Princesa Teodora”,
 “E a Seca no Sertão”

 “A Mulher Que Virou Onça”,
 “Oliveiro e Ferrabrás”,
 Tem “Maria Madalena”,
 E “É Bom Tudo o Que Deus Faz”,
 “Pelé na Copa do Mundo”,
 Tantos que não findam mais

 “As Proezas de João Grilo”,
 “O Meu Sertão no Inverno”,
 “A Vida de Padre Cícero”,
 E “O Paraíso Moderno”
 Cito também: “A Chegada
 De Lampião no Inferno”,
 [...]

Todos esses temas são vivenciados através de poesia. A poesia aproxima o autor dos leitores tornando assim os poetas os verdadeiros divulgadores da cultura local é o que acontece com os temas que citamos através dos versos de Melânio Maia, pois esses temas são fiéis ao imaginário do povo.

[...] as pessoas são capazes de usar os materiais culturais impingidos a elas [...] a fim de produzir uma cultura toda delas. A cultura popular é feita da cultura de massas. A cultura popular é feita de recursos culturais que se opõem a ela e, desse modo, é uma cultura de luta, uma cultura cuja criatividade consiste em usar os produtos da cultura de massas. (CULLER 1999, p. 51)

Na literatura é mais fácil identificarmos um autor da capital que chegar à periferia do que um autor da zona periférica chegar à metrópole. Por outro lado numa espécie de contrapartida, isto não interdita que a literatura popular, na forma de cordel, um veículo da comunicabilidade, trafegue por todos os espaços da cultura popular do Nordeste.

Cultura popular seriam as práticas herdadas pelo homem, passadas pelo grupo à qual ele faz parte. São condutas, danças, liturgias/cerimônias, enfim tradições indenitárias, onde o homem se reconhece habitualmente.

[...]
 E até hoje é o folheto
 Nossa cultura mais forte
 Influenciando músicos,
 Poetas de Sul a Norte
 Levando a todo o Brasil
 O seu ritmo e o seu porte

Muitos artistas famosos
 Se inspiram neste celeiro
 Do universo do Cordel
 Como Jackson do Pandeiro,
 Elba, Geraldo Azevedo,
 Tom Zé e Zeca Baleiro,
 [...]

São os objetos simples, do povo, artefatos, artesanatos, objetos, música, dança, vestiários, comidas, modos de pensar simplórios, rudimentares, desajeitados e deselegantes, que são reproduzidos em festas populares religiosas e que são transmitidas em rima e versos nos cordéis dando origem a uma expressão cultural denominada de Cultura Literária Cordelista que torna-se fonte de inspiração para diversos artistas e personalidades como vimos no cordel de título “O Cordel do Cordel” do poeta Melânio Maia.

A Poesia Literária Cordelista está essencialmente homogeneizada a realidade nordestina. É uma característica social que coaduna diversas particularidades da região. Nesta literatura o nordeste esta, destrinchado dentro dos versos cordelistas. O cordel mergulha na totalidade do problema, na cultura, nos causos, personagens, ditos populares. A cultura da zona rural e zona urbana do nordeste são relacionadas através da cultura Literária Cordelista, isso torna esse livreto, simples e de linguagem local um moderador entre a linguagem urbana e a linguagem rural, isso ocorre na medida em que a cultura rural penetra na cultura urbana.

Essa intercessão de um meio social com outro gera mudanças que alguns cordelistas não deixam passar, vejamos as mudanças ocorridas que o poeta João Ferreira de Lima identificou com seu cordel “A Discussão de Rufino Fonseca com Antônio Eugenio”

[...]
 Quando em minha mocidade
 Irmão respeitava irmão
 Não se falava em ladrão
 E ninguém tinha maldade
 Não havia vaidade
 O povo era comportado
 O solteiro, o casado,
 Não viviam de anarquia
 A desonra não havia
 Tempo bom foi o passado
 [...]
 Para o sujeito perdido
 O mundo está bom demais
 Moça briga por rapaz
Casada deixa o marido
 O solteiro é enxerido
Com a meretriz dum lado
O casado é amigado
 Com ela gasta o que tem
 Disse uma vez e digo cem
 Tempo bom foi o passado
 [...]

Fica claro que, aos poetas, existe uma gama de material para identificar as mudanças ocorridas na sociedade que implicam diretamente na mudança dos costumes religiosos, podemos perceber que os termos em destaques, no cordel citado, faz referência aos pecados capitais, aos 10 mandamentos, aos sacramentos da Igreja como, por exemplo, o matrimônio e a concepção do bem e do mal que são ensinamentos da Igreja e que devem ser seguidos por todos os Católicos.

Os cordéis tem uma necessidade de relatar os fatos ocorridos no dia-a-dia da população. E, retomamos, dizendo que: é essa dependência e utilização dos meios sociais mais pobre que fomenta a Cultura Literária Cordelista.

3.4 Catolicismo Popular

O que é o Catolicismo Popular? Há muitas formas de conhecer o Catolicismo Popular, toda grande religião possui uma versão popular de si mesma e com o Catolicismo Oficial não seria diferente. Max Weber (1978) ressalta que no processo de formação das religiões sempre terá um grupo que ele chama de virtuoso religioso que caracteriza as virtudes de alguém que busca a perfeição dentro de uma tradição

religiosa existente são especialistas que de certa forma dominam os códigos culturais nos quais as experiências religiosas se constituem.

O virtuoso se esforça para atender ao máximo as demandas de sua religião. Estritamente falando, a religiosidade virtuosa é o oposto da religiosidade popular. É esse grupo de especialistas, virtuosos, que determinam quais normativas a religião seguirá. Há ainda um segundo grupo que agrega os fiéis que não dispõem das mesmas condições dos fiéis intelectuais, mas vão assimilando os símbolos e as doutrinas determinadas por esses grupos que introduz uma "coisa nova" ou um "dom" distintivo, enquanto o virtuoso se dedica a incorporar as tradições recebidas de uma comunidade de fé.

Na verdade, os que pertencem ao grupo dos fiéis que não tem conhecimento intelectual, acabam criando caminhos para poder reafirmar a própria experiência e para fazer uma reinterpretação dessa doutrina e dos símbolos oficiais e isso vai se firmando no decorrer da história ganhando uma versão popular da religião. Essa versão popular se constitui porque toda religião tem uma relação íntima com a cultura em que ela se encontra, ou seja, não existe uma religião acultural. Nesse contexto social religião e cultura são homogêneas.

Segundo o teólogo Josemar Azevedo⁹ com relação ao Catolicismo Oficial e Catolicismo Popular existe uma relação entre um e outro, pois é através do Catolicismo Oficial que o Catolicismo Popular se abastece e ao mesmo tempo é através do Catolicismo Popular que o Catolicismo Oficial se renova como, por exemplo, os grandes movimentos da igreja surgem através desses movimentos que se iniciam nos meios populares e que renovam o Catolicismo Oficial. Ainda segundo Josemar Azevedo um dos pontos que fortalecem o Catolicismo Popular foi a expulsão dos Jesuítas a partir do século XVIII, pois foi neste momento que a catequese ficou entregue ao leigo no que diz respeito a forma de pensar e de realizar seus rituais. Então a forma simples de interpretar dos leigos configurou o Catolicismo Popular.

O catolicismo popular tratar-se-á de um misto dos dogmas oficiais da igreja católica com as festas, procissões, romarias, milagres, ritos, expressões, discursos, sentimento de renovação e etc. que compõem o desejo do povo.

Os praticantes são o conjunto de fiéis que exercem seus cultos a margem da igreja, pois suas práticas não são totalmente aceitas. Seus costumes e suas práticas

⁹Entrevista dada ao programa Religare da TV Horizonte. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LeipjrB9LO4> Acesso em 14/04/2018

são transmitidos de pai para filho por gerações, assim como temos as benzedeadas que transmite suas orações e seus segredos para seus afilhados ou seus filhos para que eles deem seguimento as suas práticas. Não escapando, ainda dessa tendência, temos os raizeiros que também passam de geração para geração seus conhecimentos. No Catolicismo Popular, não podemos esquecer-nos de frisar que seus praticantes se situam entre os setores mais pobres e menos esclarecidos da população, como já citamos acima, esses praticantes possui ainda um grande resquício das tradições do Meio Rural contrastando com os setores magistrais da igreja e seus intelectuais que veem essa manifestação com certo desprezo, uma desconfiança e que tentam a todo instante ignorar o reconhecimento dessas práticas como manifestação da Fé Católica.

O catolicismo popular não se opõe as determinações do clero, mas cria para seu melhor entendimento seus próprios atributos todos esses atributos são declarados ou efetivados por fiéis que querem uma autonomia em relação à igreja, mas que ao mesmo tempo não se desligam dela e buscam constantemente um sentimento matriarcal com a instituição. No entanto, mesmo diante das inúmeras divergências existentes entre o Catolicismo Oficial e o Popular Souza diz:

Não é correto, ainda, pensar o Catolicismo Eclesiástico como polo dominante e o Catolicismo Popular como o polo dominado, entre outros motivos por serem os praticantes do Catolicismo Popular _os romeiros, por exemplo_ os primeiros a rejeitar categoricamente tal dualidade. Mas é inegável o fato de que o Catolicismo Popular possui uma vitalidade derivada da vivência cotidiana dos fiéis, e vitalidade esta que nem sempre se encaixa nos rígidos parâmetros eclesiástico, o que faz com que crenças e rituais característicos do Catolicismo Popular transbordem dos limites impostos pela instituição e divirjam dos dogmas católicos. (2013, p. 8-9)

O catolicismo Popular não pretende uma ruptura com a religião oficial, como aconteceu na Reforma Protestante, mas tende a permanecer com suas práticas, que são derivadas de ações históricas, sociais e culturais, paralela aos rituais, dogmas, ensinamentos e catequese que fazem parte do catolicismo oficial buscando sempre uma tentativa de conciliar e fortalecer a Igreja de Cristo.

Na Religiosidade Popular aparece um profundo senso de Deus e de sua Providência, chegando mesmo a certo “fatalismo” aparente. Deus se acha, sobretudo, no culto, dos ritos e nas coisas sagradas. Por isso Catolicismo Popular é muito simbólico. Dá-se muita

importância às bênçãos, aos lugares, as velas, a água benta e aos demais Símbolos religiosos.

Encontra-se também grande capacidade de oração, de aceitação da vida, de sacrifício, da solidariedade... O sentido cristão do pobre, do enfermo, da criança, do ancião são muito forte.

Essas devoções multiplicam-se, existindo muitos cristos e muitos Nossa Senhora – e, frequentemente, o adjetivo parece predominar sobre o substantivo: Virgem de Guadalupe, do Carmo, do Vale; Jesus o Grande Poder, Jesus dos Milagres e etc (GOIS, 2004, p.13).

Gois, em suas pesquisas sobre o catolicismo popular nos deixa essa contribuição a respeito dos cultos e do lugar exercido pelo sagrado nos meios populares, percebamos a importância que se dá às coisas do dia-a-dia como os lugares que são destinados para as práticas religiosas dando origem aos altares domésticos.

Retomando o que já vimos, até agora, percebemos que o nordestino busca incessantemente agregar junto de sua fé todos os elementos que a princípio aparentam ser excluídos pelo Catolicismo Oficial é com essa prática que tenhamos uma riqueza de símbolos e liturgias compondo esse universo do Catolicismo Popular. Para o homem nordestino é essencial imprimir a sua religiosidade, é dessa necessidade que surgem os versos, os casos, bendito, as orações, os ensinamentos e as pregações dentro da Literatura de Cordel. É nesse espaço que o Cordel vai se fazer importante, presente e difusor de novos e antigos ensinamentos.

3.5 Relações entre a religiosidade popular e cultura literária cordelista

Os 30 ou 40 mil livrinhos em verso (segundo avaliação do pesquisador Joseph luyten) que compõe a literatura de cordel do Brasil são um acervo de crenças, costumes e uma maneira única de ver a vida. Além de ser a fonte principal de diversão e educação para o número significativo de brasileiros, os folhetos de cordel são os “jornal em verso” de seu público tradicional. Sua poesia compartilha e registrada muito do que se pode chamar a “essência” do povo brasileiro e sua vida no século XX (CURRAN, 2011, p.13).

É na Literatura de Cordel que essas pessoas irão expressar a sua religiosidade, o seu catolicismo, pois nos versos desses livretos encontramos diversos elementos que nos liga ao Catolicismo Popular, como diz Mark Curran em seu livro “Retrato do Brasil em cordel” há milhares de livretos de cordel que conta a realidade desse povo, que conta as crenças os costumes tudo isso com um significado muito forte.

No livro de Cordel encontramos a evangelização, a catequese, as orações, os castigos etc.

O Papa Francisco tem voltado seu olhar, de uma forma muito especial, para a expressão religiosa do Povo em sua Encíclica *Evangelii Gaudium* exorta que a cultura é um conjunto de múltiplas manifestações e não pode privilegiar um ou outro elemento, devemos ter uma visão ampla quando tratarmos da religião do povo respeitando-a e tendo postura diferenciada quando tratar da diversidade cultural e da disposição dessas pessoas para o serviço da igreja, mesmo quando este serviço for como leigo.

O Espírito Santo constrói a comunhão e a harmonia do povo de Deus. Ele mesmo é a harmonia, tal como é o vínculo de amor entre o Pai e o Filho. É ele que suscita uma abundante e diversificada riqueza de dons e, ao mesmo tempo, constrói uma unidade que nunca é uniformidade, mas multiforme harmonia que atrai. A evangelização reconhece com alegria as múltiplas riquezas que o Espírito gera na Igreja. Não faria justiça à lógica da encarnação pensar um cristianismo monocultural e monocórdico. A mensagem que anunciamos sempre apresenta alguma roupagem cultural, mas às vezes, na Igreja, caímos na vaidosa sacralização da própria cultura, o que pode mostrar mais fanatismo do que autêntico ardor evangelizador. (PAPA FRANCISCO, 2013, p.73).

Ele enfatiza, ainda, que a religiosidade popular é uma guardiã da piedade, da crença, dos símbolos e dos costumes de um povo simples e que se apegua a essas praticas popular no intuito de manter viva a sua ligação com Deus e concretizar assim sua fé.

“Não convém ignorar a enorme importância que tem uma cultura marcada pela fé, porque, não obstante os seus limites, essa cultura evangelizada tem, contra os ataques do secularismo atual, muito mais recursos do que a mera soma dos crentes. Uma cultura popular evangelizada contém valores da fé e solidariedade que podem provocar o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e crente, e possui uma sabedoria peculiar que devemos saber reconhecer com olhar agradecido” (PAPA FRANCISCO, 2013, p.47).

Diante das palavras do PAPA Francisco e de todo exposto com relação à cultura de fé do povo, nos perguntamos qual a relação que podemos identificar entre cultura cordelista e religiosidade popular? Bem! A resposta parece-nos que já foi dada em momentos anteriores desta pesquisa, pois como já vimos o Catolicismo Popular se utiliza da Literatura de Cordel para pôr em pratica sua catequese.

Encontramos assim uma relação de dependência entre Literatura de Cordel e Catolicismo Popular. Mas a que devemos essa reflexão? Para responder vale apenas nos lembrar de que no início da colonização quando portugueses, índios e africanos se encontraram aqui no Brasil não havia clero suficiente para dar suporte aos anseios religiosos da população dessa os novos habitantes juntaram seus conhecimentos sobre religião. Nascia assim a Religiosidade Popular

Mas essa religiosidade precisava de um suporte para ser disseminada pelo território do Brasil e principalmente nas comunidades interiorana. Quem dará o suporte necessário, a esta nova forma de expressão religiosa, que se desenvolvem com mais ênfase nos interiores do Brasil, será a Literatura de Cordel por ter uma escrita que atende as camadas mais populares da sociedade visando principalmente a cultura a linguagem do povo para o povo sobre essa forma de escrita Alfredo Bosi diz que:

Se pelo termo cultura entendemos uma herança de valores e objetos compartilhada por um grupo humano relativamente coeso, poderíamos falar em uma cultura erudita brasileira, centralizada no sistema educacional (e principalmente nas universidades), e uma cultura popular, basicamente iletrada, que corresponde aos mores materiais e simbólicos do homem rústico, sertanejo ou interiorano, e do homem pobre suburbano... A essas duas faixas extremas bem marcadas poderíamos acrescentar... a cultura criadora individualizada de escritores, compositores, artistas plásticos, dramaturgos, cineastas, enfim, intelectuais que não vivem dentro da Universidade, e que... formariam... um sistema cultural alto... Enfim, a cultura de massas, que, pela sua íntima imbricação com os sistemas de produção e mercado de bens de consumo, acabou sendo chamada pelos intérpretes da Escola de Frankfurt, indústria cultural, cultura de consumo. (BOSI, 1992, p. 309).

No Cordel o Catolicismo encontrará espaço para descrever seus santos, que são homens como qualquer outro com defeitos, mas que são admirados por suas virtudes e pela sua vida exemplar como exemplos temos: O Padre Cícero, Frei Damião, Antônio Conselheiro. Temos ainda a presença da Virgem Mãe de Deus, que essa se torna inseparável do homem nordestino, depois temos a fidelidade a Deus, que mesmo na seca ele confia e espera que esse Deus vivo supra suas necessidades. Patativa do Assaré demonstra em um dos seus poemas de nominado “Caboclo Roceiro” a confiança que o nordestino tem em Deus.

Caboclo Roceiro, das plaga do Norte
 Que vive sem sorte, sem terra e sem lar,
 A tua desdita é tristonho que canto,
 Se escuto o meu pranto me ponho a chorar
 Ninguém te oferece um feliz lenitivo
 És rude e cativo, não tens liberdade.
 A roça é teu mundo e também tua escola.
 Teu braço é a mola que move a cidade
 De noite tu vives na tua palhoça
 De dia na roça de enxada na mão
 Julgando que Deus é um pai vingativo,
 Não vês o motivo da tua opressão
 Tu és nesta vida o fiel penitente
 Um pobre inocente no banco do réu.
 Caboclo não guarda contigo esta crença
 A tua sentença não parte do céu.
 O mestre divino que é sábio profundo
 Não faz neste mundo teu fardo infeliz
 As tuas desgraças com tua desordem
 Não nascem das ordens do eterno juiz

Os versos de Patativa nos remete a uma oração que dirigida em forma de conselho e exortação ao homem que se questiona sobre seu sofrimento mas que não se desliga de Deus. É, ainda, através dos cordéis que os poetas irão versejar sobre as orações, os Benditos e ensinamentos fazendo, assim, muitas vezes o papel do padre que não se encontra naquela comunidade.

A literatura de cordel estabelece uma teia de inúmeros elementos da cultura popular reuni santos, imagens, castigo, milagres, oblações, sofrimento, pedidos, exortações, dores e Sofrimentos. É na Literatura de Cordel que o homem nordestino descobre como se comunicar com Deus.

Às vezes chega tristeza
 Uma lágrima sentida
 Neste mundo de incerteza
 Procuramos a saída
 Recorremos a oração
 Para vencer a solidão
 Quem tem Deus no coração
 Tem tudo nessa vida

No cordel de Jerson Brito com o tema de “Quem tem Deus no coração” tem tudo nessa vida” percebemos que mesmo diante da faltas materiais e emocionas que possa afligir o homem a sua fé no Sagrado continua vida, dando-lhe conforto nas horas mais difíceis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que ao longo de toda a história, a literatura está presente como marca oficial dos acontecimentos ocorrido na vida do povo seja o povo de Deus ou não. Desde a criação (gêneses), até um possível fim dos tempos (Apocalipse), tudo está registrado esse registro seria em forma de literatura. A literatura ao mesmo tempo em que registra fatos não aponta para uma realidade, ela consegue falar além do comum, além do que está meramente escrito. A literatura nos leva a uma viagem dentro do sentido figurado de suas palavras.

O sentido figurado que, por estar nas entrelinhas acaba interferindo na totalidade do sentido. Em algumas literaturas (com relação as entrelinhas), não somos capazes de perceber quando fazemos apenas uma leitura, ou seja, para descobrirmos o que realmente a literatura quer dizer temos que nos debruçar sobre a história contada e não apenas ler mas, reler cada palavra tentando descobrir o que o autor quer dizer e quais os caminhos que ele nos leva a percorrer com os fatos que estão sendo narrados.

O leitor de uma obra literária não deve ficar na passividade, apenas recebendo a informação mas, deve entrar no momento de impulsão que o impele a ultrapassar o significado epistemológico de cada palavra. Assim ele deve sondar o que se faz sombrio, obscuro, obsoleto, ou seja, os lugares possíveis e impossíveis da linguagem. É mais ou menos o que acontece nas histórias ou livros bíblicos no Ato dos Apóstolos Capítulo 5 Versículo 12 ao 16

¹²Enquanto isso, realizavam-se entre o povo pelas mãos dos apóstolos muitos milagres e prodígios. Reuniam-se eles todos unânimes no pórtico de Salomão. ¹³Dos outros ninguém ousava juntar-se a eles, mas o povo lhes tributava grandes louvores. ¹⁴Cada vez mais aumentava a multidão dos homens e mulheres que acreditavam no Senhor. ¹⁵De maneira que traziam os doentes para as ruas e punham-nos em leitos e macas, a fim de que, quando Pedro passasse, ao menos a sua sombra cobrisse alguns deles. ¹⁶Também das cidades vizinhas de Jerusalém afluía muita gente, trazendo os enfermos e os atormentados por espíritos imundos, e todos eles eram curados." (At 5, 12-16)

Vejamos que, não basta apenas uma leitura para compreendermos o que está escrito, temos que viajar na ideia do autor. Se analisarmos a literatura no sentido epistemológico da palavra escrita iremos ter uma interpretação que nos levaria a crer

que todos os milagres feitos nesta cena conta com os poderes ilimitados dos Apóstolos, onde além das mãos a sobra de Pedro também realizava curas. Com as sucessíveis curas o povo traziam “pessoas atormentadas por ‘espíritos Imundos’”, usando o significado real da palavra teríamos: espíritos sujos? Com certeza não era a ideia de “sujeira” que o autor dessa narrativa traz para o fato exposto por ele. A literatura nos move a ir além e esse é exatamente o seu fascínio.

Como já vimos há na literatura a liberdade da ambiguidade. Vejamos que no mesmo texto Paulo nos conduz a uma percepção diferenciada do que está meramente escrito. Não é através do poder dos apóstolos que todas as curas e milagres são concretizados, mas é através destes que se abre um canal da graça que conduz os milagres de Deus para o povo que tem fé. Esse dizer poético de Paulo, não percebemos na primeira leitura se não tivemos inclinados ao um sentido que vai além do jogo de palavras escritas.

Outro fato curioso que nos mobiliza a ir além do que está escrito é o que acontece com Jonas ao desobedecer as ordens dada a ele pelo Senhor em ir a cidade de Nínive e converter aquelas pessoas, Jonas desobedece e algo extraordinário acontece com ele, vejamos:

Cap 1 [...] ¹⁷O Senhor fez que ali se encontrasse um grande peixe para engolir Jonas, e este esteve três dias e três noites no ventre do peixe. Cap 2 [...] ²Em minha aflição, invoquei o Senhor, e ele ouviu-me. Do meio da morada dos mortos, clamei a vós, e ouvistes minha voz. ³Lançastes-me no abismo, no meio das águas e as ondas me envolviam. Todas as vossas vagas e todas as vossas ondas passavam sobre mim. ⁴E eu já dizia: fui rejeitado de diante de vossos olhos. Acaso me será dado ainda rever vosso santo templo?! ⁵As águas envolviam-me até a garganta, o abismo me cercava. As algas envolviam-me a cabeça. [...] ¹⁰Então o Senhor ordenou ao peixe, e este vomitou Jonas na praia. (Jn 1, 17; 2, 2-4. 10)

A história da desobediência de Jonas custou a ele receber um castigo de seu Deus. Porém esse castigo vem em forma de uma prisão no ventre de uma baleia. Será que realmente o autor da literatura quis enfatizar que era possível um ser humano ficar dentro da barriga de um “grande peixe” por três dias? Creio que não! Mas podemos perceber que a história nos leva a uma metáfora, onde o Grande peixe pode ser interpretado por outros signos. A baleia pode ser, o mar revoltado onde Jonas ficou preso por três dias; pode ser os problemas enfrentados; pode ser os sentimentos de fraquezas que assolam a vida humana... pois bem a metáfora da história nos leva por

diversos caminhos, que nos apreende e faz-nos entender uma situação apresentada pelo autor com propósito diversos.

Assim, como já tratamos em outro momento, voltamos um uma codependência entre religião e literatura. Essas duas se utilizam de símbolos e signos que direciona a relação do encontro do homem com o sagrado.

A linguagem trabalhada na literatura é uma linguagem escrita, porém não restrita. Já a linguagem religiosa é simbólica e está descrita de forma vertical havendo sempre um fluxo entre o sagrado e o humano, ou seja, traz o sagrado para junto do homem ou leva o homem para junto do sagrado. Essa é a função do símbolo, estreitar as relações entre criatura e criador.

A linguagem literatura, ao contrário da linguagem religiosa, nos coloca em uma relação horizontal com a realidade, porém quando nos utilizamos dos seus mecanismos conseguimos oferecer um novo encontro do humano como divino.

É percebendo a relação da literatura com a religião que os poetas irão se apropriar desses fatos para imprimir nos cordéis esse tipo de relação, que se conectam com o dia-a-dia de povo apropriando-se das metáforas que envolvem o imaginário desse povo. A literatura de cordel, mesmo tendo suas próprias características não se desliga por inteiro da sua função que é passar a mensagem pretendida pelo seu autor.

A construção estética da Literatura de Cordel favoreceu a difusão desses folhetos no cenário nordestino. Com suas características de países europeus, porém quando se introduz nos interiores do Brasil ganhou características específicas de cada região. Aqui no Nordeste a Literatura de Cordel abrange os mais diversos temas pertinentes à sociedade local.

No Nordeste não há preconceito com Cordel por conta do seu tema, todos os temas referente a essa literatura são abraçados de forma genuína pelo nordestino, pois esse homem ver desenhados nas linhas dos cordéis as histórias do sua dia a dia. Ganha espaço temas como: política, religião, história folclórica, romantismo e bebedeira, além dos inúmeros cordéis que retratam a vida religiosa. O sentimento do homem em expressar sua religiosidade vem desde os primórdios da humanidade e o nordestino encontra na poesia do cordel a fórmula exata para tal proeza.

O Cordel é tido como a Bíblia do homem nordestino, pois o aproxima do divino. É nos cordéis que tiram os elementos que desenvolve a concepção Mística do Sagrado. O homem do Nordeste simples e semianalfabeto não sabe interpretar a

Bíblia com sua linguagem culta, porém é nos cordéis que ele acha os ensinamentos que os leva a conexão com Deus.

Esses cordéis os levam também a devoção com os santos os santos que não são canonizados, mas que são santificados segundo a vontade do próprio povo.

Ainda dentro do ciclo místico-religioso dos cordéis encontramos elementos que dividem o bem e o mal, o céu e o inferno, pobreza e riqueza esses são elementos que se contrapõem por natureza, dessa forma trabalha Imaginário popular ditando as regras do certo e errado.

Nessa literatura encontramos os romeiros que em nenhum outro lugar será encontrado com tanta efervescência. Encontra-se no Nordeste uma rede de fios que liga todos os devotos a uma figura Central que em um momento se transfigura na pessoa do Padre Cícero e em outro momento se desdobra na figura do Frei Damião.

A aproximação com esses dois Santos sagrados pela cultura popular nos leva a crer que a popularidade deles chega a ser maior do que a do próprio Cristo tendo em vista o número de cordéis que tratam desses dois ícones. Esse fenômeno (podemos assim dizer diante do número dos fios) acontece porque o nordestino tem a necessidade de ter o sagrado próximo de sua realidade e nesse ponto quem mais se aproxima do nordestino é o Padre Cícero e Frei Damião. Nessa conjuntura entendemos que esses fatos caracteriza o catolicismo popular.

Durante todo o nosso trabalho percebemos o quanto o Catolicismo Popular é significativo para os nordestinos. Sendo algo que tem um peso tão grande, no meio desse povo, fica impregnado em todas as camadas sociais e cultura. E sendo tão importante não poderia ser distanciado da Literatura de Cordel que também é uma das formas de expressão cultural desse povo.

“A fé no nordeste está onde o povo está”. Essas concepções percebemos ao longo de todo o nosso trabalho. Para o nordestino a fé não se limita as paredes das igrejas, nem aos lugares sagrados, para esses homens a fé se encontra nas suas casas, nos seus altares domésticos, nas romarias, nas procissões, nos santos populares, nos seus rosários, nas benzedeadas e raizeiros. Não podemos separar da alma nordestina a cultura popular, entendemos por cultura popular, para este momento, os cordéis e a sua religiosidade que compõe esses livros poéticos tornando essa pratica algo original do nosso povo.

O contato que o homem tem quase que diariamente com a poesia dos cordéis nos leva a concluir a importância que essa literatura desempenhou no meio social.

Usado muitas vezes como livro de oração, muito dos seus ensinamentos populares, teriam se perdido se não fosse à insistência dos poetas em fazer de sua voz registros das peculiaridades decorrentes dos encontros e desencontros desse povo. Essa literatura demonstra uma força esmagadora quando se trata de representatividade do homem Nordestino.

A literatura de cordel vem no seu ciclo religioso trazer figuras icônicas como Padre Cícero, Frei Damião, as benzedadeiras, a Virgem Mãe de Deus Jesus, o diabo, as bruxas, a macumbeira, Lampião e São Pedro todos esses compõem um universo místico e transcendental da experiência do povo com a sua religiosidade, não podemos esquecer que a Literatura de Cordel está impregnada de uma Áurea que se alterna entre a realidade e o imaginário tornando viva e vivida a fé que não se limita às estruturas eclesiais, mas às necessidades de cada grupo.

Assim concluímos diante da análise feita durante toda nossa pesquisa, visitando cordéis e pesquisadores da temática, que a religiosidade do nordestino se constrói e reconstrói a cada necessidade que ele encontra, e para não perder essa ligação com a fé e o milagre alcançado, buscam a Literatura de Cordel para deixar registrado as suas graças esse registro seria sua marca impressa na sociedade.

REFERÊNCIAS

ABLC – **Academia Brasileira de Cordel. Academia Brasileira de Cordel**, Gonçalo Ferreira da Silva, Literatura Brasileira, Literatura popular, Duelo de Repentistas

ABREU, Márcia. **Historia de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de Letras/ALB, 2001.

ACCIOLY, Marcus. **Guriatã: um cordel para menino**. 5ª. Ed. Ilustração José Cavalcante e Ferreira (Dila). Recife: Bagaço: 2006. 224p.

ALVES, Rubem. **O que é religião**. 7. Ed. São Paulo: Abrol Cultura/Brasiliense, 1984.

AMARAL, Amadeu. **Tradições Populares**. São Paulo, HUCITEC, 1976.

ARAGÃO, Gilbraz de Souza. **Fé na Educação: como ensinar Religião?** Disponível em <http://cronicap.blogspot.com/2012-na-educacao.html>. 11/JUN/2017

ASSARÉ, Patativa do. **Cordéis do Patativa do Assaré**. Fortaleza. UFC (coleção nordestina), 1999.

ASSARÉ, Patativa do. **Inspiração Nordestina: Cantos de Patativa**. Hedra, 2003.

BAHIA. Secretaria da Cultura e Turismo. **Antologia baiana de Literatura de Cordel**. Salvador: SECT, 1997.

BANDEIRA, Pedro. **A mulher que virou cabra por zombar de frei Damião**. S/D.

BARCELOS, José Carlos. **Literatura e espiritualidade**. São Paulo: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2001.

BARROS, Leandro Gomes de. In: **O baile das quatro artes**. São Paulo. Martins/MEC, 1963

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. São Paulo: Zahar, 2005.

BOFF, Leonardo. **Espiritualidade o caminho de transformação**. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

BORGES, José Francisco. **A Moça que Virou Jumenta porque falou de Top Less com Frei Damião**. S/D.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo. Companhia das Letras. 1992.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. São Paulo, Vozes, 1989.

CASTRO, Maria da Conceição. **Língua e Literatura**. São Paulo: Saraiva, 1998.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **A sua expressão de cultura nas letras de nosso país**, S/D.

CORDEL, Literatura de. Disponível em: [www.guiape.com.br/culturais/literatura de cordel.html](http://www.guiape.com.br/culturais/literatura-de-cordel.html).

CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa uma introdução À fenomenologia da religião**. São Paulo: Paulinas, 2001.

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária: Uma Introdução**. Tradução Sandra Vasconcellos- São Paulo: Beca Produções culturais Ltda, 1999.

CURTIS, A. Kenneth Os, J. Stephen Lang e Randy Petersen. **100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo: do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na China**; tradução Emerson Justino — São Paulo: Editora Vida, 2003.

Diário do Nordeste – caderno 3. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/regional/padre-cicero-e-os-novos-estudos-1.730646> Acessado em 12/04/2018

DUARTE, Marcelo. **O Guia dos Curiosos.**, língua Portuguesa. São Paulo. Pand 2003.

DUBOIS, Jean et. al. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1973.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Editora FTD ,2006. (coleção entres palavras)

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: A Essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ESPÍRITO SANTO, Moisés. A religião portuguesa. 2ª Ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 1990, p. 115.

FERREIRA, Mauro. Entre palavras, nova edição/ 2.edição – São Paulo:

FILHO, Cavalcante. **Religião na Literatura de Cordel Análise da Religiosidade Popular do Nordeste Brasileiro**, Revista da Cultura Teológica – V, 13 – Nº52 – Julho/Setembro 2005.

FLICK, U. **Introdução à Metodologia de Pesquisa: Um Guia Para Iniciantes**. São Paulo: Penso, 2013.

FREIRE, Paulo, **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. 77p.

FREYRE, Gilberto. “**Nota Previa**”. In: LOPES, R. (org.). **Literatura de Cordel: Antologia**. 3. Ed. BNB: Fortaleza: 1994.

GERIN, Júlia; PORTO, Márcia Flávia; NASCIMENTO, Rubi Rachel.

Gomes de Sá. Alice no país das maravilhas em Cordel: editora nova alexandria, 2010)

GRAY, D. E. **Pesquisa no Mundo Real: métodos de pesquisa**. São Paulo: Penso, 2012.

GRESSLER, L. A. **Introdução à pesquisa: projetos e relatórios**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

HOBBSAWM, Eric. **Bandidos**. Tradução: Donaldson Magalhães Garschagen. Rio de Janeiro: Forense, 1976

<http://poetacostasenna.blogspot.com.br/p/cordeis.html>

https://youtu.be/Mk_RqvA55dk?t=18

IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA. **Catecismo da Igreja Católica**. São Paulo: Vozes/Loyola, 1993.

III CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, Puebla de los Angeles, México. 27-1 a 13-2 de 1979. Disponível em> (<https://spirandiopadre.wordpress.com/documento-de-puebla-texto-integral/>) Acesso em 03/05/2018.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. **Caderno de Literatura Brasileira**: João Cabral de Melo Neto. São Paulo, 1998.

LE GOFF, Jacques. **O Deus da Idade Média: conversas com Jean-Luc Pouthier**. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007

LIBÂNIO, João Batista. **Deus e os Homens, os Seus Caminhos**. Petrópolis: Vozes, 1990.

LIBÂNIO, João Batista; FILHO, Miguel Martins. **A Busca do Sagrado**. São Paulo: FTD, 1991.

LIMA, R. L. D. M. **O ensino da redação: como se faz um resumo**. 3. ed. Maceió: EDUFAL, 2004.

LIRA, Joana. **Cordel para iniciantes. E iniciados**. Mundo Jovem numero 335 abril 2003.

LOPES, J. **O fazer do trabalho científico em ciências sociais aplicadas**. Recife: UFPE, 2006.

LOPES, José de Ribamar. **Literatura de Cordel: antologia**. 3. ed. Fortaleza: BNB, 1994

LUCAS, Fábio. **O poeta e a mídia**. São Paulo: Editora Senac, 2003.

MAGALHÃES, Antônio. **Deus no espelho da palavra: Teologia e Literatura em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2000.

MELLO, Frederico Pernambucano. **Benjamin Abrahão: Entre Anjos e Cangaceiros**. Escrituras Editora e Distribuidora de Livros Ltda., 2014. 248p.

MOÑINO, Antônio Rodriguez. **Diccionario de Pliegos Suelos Poéticos** (Siglo XVI), Madrid: Castália, 1970.

_____. **Los pliegos poéticos de la colección del Marqués de Morbecq**. Madrid: Joyas Bibliográficas, 1962

NETO, Lira. **Poder, Fé e Guerra no Sertão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NICOLAS, José de. **Literatura brasileira das origens aos nossos dias**; 15ª edição, São Paulo, editora Scipione, 1969.

PÁDUA, E. M. M. D. **Metodologia da pesquisa**: abordagem teórico prática. 10. ed. Campinas: Papyrus, 2004.

PATATIVA DO ASSARÉ. **Cante lá que eu canto cá – filosofia de um trovador nordestino**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

PELOSO, Silvano. **O canto e a memória**: história e utopia no imaginário popular brasileiro: *Serie Temas*. Universidade do Texas: Editora Ática, 1996, V. 57 de *Colección Galería*, p. 224

PESSOA, Fernando. **Obra Poética**. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar Editora, 1974.

PRATA, Ranulfo. **Lampião**. 2ª ed. São Paulo: Ed. Traço. 1980.

PROENÇA, Manoel Cavalcanti. (Seleção, introdução e comentários). **Literatura popular em verso: Antologia**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.

RAMPAZZO, L. **Metodologia Científica**: para alunos de cursos de graduação e pós-graduação. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

RODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. D. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROMERO, Sílvio. **Estudos sobre a poesia popular do Brasil**. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

SAFRÁNKOVA, Lucie. **Costa, Narrando o Nordeste**: A imagem do Nordeste Brasileiro na Literatura de Cordel, Universidade de Évora, Copyright, 2010. Schwartz, MOISÉS (2004). *Tree of Souls. the mythology of Judaism* (em inglês). Nova Iorque: Oxford. p. 227

SLATER, Candace. **A Vida no Barbante: A Literatura de Cordel no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984

SOUZA, G. S. D.; SANTOS, A. R. D.; DIAS, V. B. **Metodologia da pesquisa científica**: a construção do conhecimento e do pensamento científico no processo de aprendizado. Porto Alegre: Animal, 2013.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Festa, procissões, romarias, milagres: aspectos do catolicismo popular**. Natal: IFRN, 2013. 160p.

TENÓRIO, Waldecy. **A Bailarina andaluza A Explosão do Sagrado na poesia de João Cabral**. São Caetano do Sul: Ateliê, 1996.

TOLRA, Philippe Laburthe; WARNIER, Jean-Pierre. **Etnologia antropologia**. 2. ed. Trad. Anna Hertmann Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 1999. 469 p.

TOLRA, Philippe Laburthe; WARNIER, Jean-Pierre. **Etnologia antropologia**. 2. ed. Trad. Anna Hertmann Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 1999. 469 p.

WALKER, Daniel. **Biografia do Padre Cícero Juazeiro do Norte**: Os Juazeiros 2004.

WEBER, Max. **Sociologia das Religiões**, Relógio D'Água Editores, Abril de 2006

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz a Literatura medieval** tradução Amálio Pinheiro parte 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1993

REFERÊNCIA –CORDÉIS

ABREU, Casimiro de. **A SAUDADE DA PÁTRIA E DA INFÂNCIA**: Disponível em: <http://educaterra.terra.com.br/literatura/romantismo/romantismo32.htm> Acesso em: 30/03/2018

AGUILAR, Antônio: **CORRIDOS: EL FUSILAMIENTO DEL GENERAL FELIPE ÁNGELES**: Disponível em: <https://www.letras.mus.br/antonio-aguilar/937298/> Acesso em 20/04/2018

ASSARÉ, Patativa do. **CABOCLO ROCEIRO** Disponível em: <https://www.letras.mus.br/patativa-do-assare/893615/>Acesso em: 14/03/2018

ASSARÉ, Patativa. **Cante Lá Que Eu Canto Cá**: Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/patativa-do-assare/cante-la-que-eu-canto-ca.html>. Acesso em 27/03/2018

ASSARÉ, Patativa. **FILHO DE GATO É GATINHO**: Disponível em: <http://curtapoesia.blogspot.com/2009/11/poesia-de-cordel.html> Acesso em 24/12/2017

ATHAYDE, João Martins de. **A VISITA DE LAMPIÃO AO PADRE CÍCERO ROMÃO**: Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/cordel/2746643> Acesso em: 10/03/2018

BANDEIRA, Pedro. **A MULHER QUE VIROU COBRA**: Disponível em: http://200.144.255.38/bibliografia/conteudo_cordel.php?codref=LPCORDEL-FM-001&pagina=11&ordenar= Acesso em 14/12/2017

BATISTA, Abraão. **A MACUMBEIRA QUE FOI FAZER UM DESPACHO E DESPACHOU-SE**: Juazeiro do Norte. 1990

BATISTA, Abraão. **PADRE CÍCERO O CEARENSE DO SÉCULO**. S/D. S/L

BIGIO Mariane. **O ENCONTRO DE LUÍS CARLOS PRESTES E LAMPIÃO**. Disponível em: <https://marianebigio.com/2012/11/27/o-encontro-de-luis-carlos-prestes-e-virgulino-ferreira-da-silva-ou-quando-o-lampiao-teve-um-problema-com-a-coluna/>Acesso em 14/05/2018

BORGES, José Francisco, (J. Borges). **A MOÇA QUE VIROU JUMENTA PORQUE FALOU DE TOP LESS COM FREI DAMIÃO.** Gráfica Borges. Gráfica Borges. 1990

BRITO, Jerson. **QUEM TEM DEUS NO CORAÇÃO** Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/cordel/2284816>Acesso em: 16/03/2018

CARVALHO, João di. **É DESSE SERTÃO QUE EU SINTO SAUDADE NO CORAÇÃO:** Disponível em: <http://educarcomcordel.blogspot.com/2013/04/e-desse-sertao-que-eu-sinto-saudade-no.html> Acesso em 25/01/2018 Acesso em 24/12/2017

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **FREI DAMIÃO O MISSIONÁRIO DO NORDESTE.** Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=cordel&pagfis=34628>Acesso em: 02/04/2018

CAVALCANTI, Carlos Severiano. **VELHA REDE:** Disponível em: <http://www.camelo.recantodasletras.com.br/audio.php?cod=314> Acesso em 24/02/2018

HAURÉLIO, Marcos. **A IDADE DO DIABO.** Disponível em: <http://marcohaurelio.blogspot.com/2011/06/trecho-do-cordel-idade-do-diabo.html>Acesso em: 23/05/2018

<https://www.letras.mus.br/jose-pacheco/a-chegada-de-lampiao-no-inferno/> Acesso em 25/04/2018

INFANTE, Pedro e NEGRETE, Jorge. **CONTRAPUENTEIO:** Disponível

LEITE, José costa. **O RAPAZ QUE VIROU BODE PORQUE PROFANOU FREI DAMIÃO** s/d.

LIMA, João Ferreira de. **A DISCUSSÃO DE RUFINO FONSECA COM ANTÔNIO EUGENIO** S/D. S/L

LIMA, Luiz Gonzaga de. **A CHEGADA DE LAMPIÃO NO PURGATÓRIO:** Ed. Luzeiro.2011, p.32

PACHECO, José. **A CHEGADA DE LAMPIÃO AO INFERNO:** Disponível em:

MAIA, Melanio. **Cordel dos Cordel.** s/d.

MANOEL, Cicero. **OS CONSELHOS DE PADRE CÍCERO PARA PRESERVAR A MÃE NATUREZA.** Santana do Mundaú – Al. 2011

OLIVEIRA, José Fernando de. **O SONHO DE FREI DAMIÃO PROFETIZANDO O FUTURO S/D.** S/L

PACHECO, JOSÉ. **A CHEGADA DE LAMPIÃO NO CÉU:** Disponível em: <http://culturanordestina.blogspot.com/2007/10/chegada-de-lampiao-no-ceu.html>
Aceso em:25/04/2018

PACHECO, José. **O GRANE DEBATE DE LAMPIÃO COM SÃO PEDRO:** Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/7811/grande-debate-de-lampiao-com-sao-pedro>
Acessado em12/11/2017

ROSÁRIO, Maria do. **BEATA MARIA DO ARAUJO** Disponível em <https://filodocordel.blogspot.com/2014/03/cordel-da-beata-mocinha.html>Acesso em 14/12/2017

SANTOS, Antônio Domingos. **NASCIMENTO, VIDA E MORTE DE PADRE CÍCERO ROMÃO S/D.** S/L

SANTOS, Apolônio Alves dos. **ADEUS A FREI DAMIÃO.** Disponível em: http://200.144.255.38/bibliografia/folheto_cordel.php?cod=22017&s=cordelAcesso em 25/04/2018

SILVA, José Bernardo da. **O NASCIMENTO DE PADRE CÍCERO S/D.** S/L

SILVA, José Marcos da. **A MISSÃO DE DEUS:** Disponível em <http://www.aliancaevangelica.org.br/cartilhamissaoredentoradedeus/ct-a-ev2017.pdf>
Acesso em: 16/03/2018

SILVA, Manoel Caboclo e. **O SERMÃO DE PADRE CÍCERO.** S/D. S/L

TORRES, José Antônio (Zé Catolé). **O VELHO QUE ENGANOU O DIABO:** S/L. S/D

XAVIER, J.B. **A LUTA ENTRE DEUS E O DIABO:** Disponível em: <http://www.jbxavier.com.br/visualizar.php?id=2833>Acesso em: 23/05/2018

ANEXOS

ANEXO I

O CORDEL DO CORDEL AUTOR: MERLÂNIO MAIA

Permita me apresentar Com meu verso tão fiel Aos nobres pesquisadores Com meu diploma e anel Meu nome é Merlânio Maia E este é o Cordel do Cordel	Dos trovadores nasceram Cantadores e Violeiros Que andavam pelas vilas E em casas de fazendeiros Levando as informações Por todo Brasil inteiro
--	--

O que chamam de Cordel Na Vera realidade É a grande Literatura Popular de qualidade Folhetos vindos de longe Das européias cidades	Desde lá de Portugal Todo folheto era exposto Em barbante ou cordel Bem dobrado e assim disposto E assim ganhou este nome Que o povo fala com gosto
---	--

Já no século quatorze Na Holanda, Portugal, Espanha, França e Alemanha, Toda Europa ocidental Já havia estes folhetos Em circulação normal	Eram escritos em prosa Até história menor Em quadras metrificadas Em redondilha maior Sete sílabas contadas Dando um ritmo melhor
---	--

Músicos cavalheirescos, Sedutores Menestréis, Bardos que de vila em vila Dessa arte tão fiéis Cantavam esta bela arte Dos folhetos de Cordéis	Na Espanha Pliegos Suelos De poesia popular Portugal eram Cordéis Que tinha em todo lugar Aqui Folhetos de feira Que até hoje pode achar
--	---

E então quando as Caravelas Cruzaram o mar de anil Em busca do Novo Mundo Ali se introduziu Literatura em folheto A caminho do Brasil	O tesouro do Cordel Adentrou nas Caravelas Atravessou sete mares Tornando as vidas mais belas Enfim chegou ao Brasil Nação verde e amarela
--	---

Foi assim que a Pindorama Nossa Nação adorada Conheceu estes folhetos Quando foi colonizada Por levas de Trovadores Cantando pelas estradas	Logo ao nascer da nação O Cordel cantou seu hino Acalentando no berço O enorme país menino Que nasceu bem no Nordeste Pois Brasil é Nordeste
--	---

E assim neste berço esplêndido
 O Cordel tem novo porte
 Foi decantado em sextilhas
 E na setilha tão forte
 Por dois poetas gigantes
 Paraibanos de sorte

Os dois que fizeram história:
 Leandro Gomes de Barros
 Criou mais de mil folhetos
 Sem estanques, nem esparros
 E viveu de fazer versos
 Tantos que enchiam carros

Silvino de Pirauá
 Foi outro paraibano
 Também cultuou poesia
 Fez do Cordel o seu plano
 Junto à viola e violeiros
 O Cordel foi soberano

Este pequeno folheto
 Que precedeu ao jornal
 Divertindo a população
 Com força descomunal
 Também afrontou o rádio
 Sem apagar seu fanal

Mais tarde veio a TV
 Pensaram: - é a sua morte!
 Mas o Cordel não morreu
 Enfrentando toda sorte
 E agora usa a Internet
 Para ficar bem mais forte

Grandes autores vieram
 Fazendo esta sua arte
 João Martins de Atayde
 Que não deixou um descarte
 José Pacheco e Dila
 Também fazem a sua parte

E também Cordeiro Manso
 Joaquim Sem Fim, Antônio Cruz,
 Manoel V. Paraíso
 Joaquim Silveira conduz
 Patativa do Assaré
 Que ainda hoje reluz

José Camelo de Melo,
 Romano Elias da Paz,
 Moisés Matias de Moura,
 José Adão, Manoel Tomás,
 Laurindo Gomes Maciel
 E centenas de outros mais

E os Cordéis de sucesso:
 “Juvenal e o Dragão”,
 “O Pavão Misterioso”,
 “A Sina de Lampião”,
 “A Princesa Teodora”,
 “E a Seca no Sertão”

“A Mulher Que Virou Onça”,
 “Oliveiro e Ferrabrás”,
 Tem “Maria Madalena”,
 E “É Bom Tudo o Que Deus Faz”,
 “Pelé na Copa do Mundo”,
 Tantos que não findam mais

“As Proezas de João Grilo”,
 “O Meu Sertão no Inverno”,
 “A Vida de Padre Cícero”,
 E “O Paraíso Moderno”
 Cito também: “A Chegada
 De Lampião no Inferno”,

O Cordel de “Lampião
 E a Velha Feiticeira”,
 “A Discussão de Um Fiscal
 Com o Matuto na Feira”,
 “Lampião Fazendo o Diabo
 Chocar um Ovo”. Primeira!

Tem “O Pássaro Encantado
 Da Gruta de Ubajara”,
 “A Ameaça de Corisco
 De Atacar Ibiara”,
 E “A Desgraça de Um Corno
 Depois Que Quebrou a Cara”

“O Vale das Borboletas”,
 “Conversa de um Xeletú”,
 Com o Seu Anjo da Guarda”,
 E “A Saga de Rapunzel”,
 “Zé do Brejo, o Caipora”,
 Pois tudo isso é Cordel

E até hoje é o folheto
 Nossa cultura mais forte
 Influenciando músicos,
 Poetas de Sul a Norte
 Levando a todo o Brasil
 O seu ritmo e o seu porte

Muitos artistas famosos
 Se inspiram neste celeiro
 Do universo do Cordel
 Como Jackson do Pandeiro,
 Elba, Geraldo Azevedo,
 Tom Zé e Zeca Baleiro,

Até o Chico Buarque
 Já buscou seu agasalho,
 Gilberto Gil, Gonzagão,
 Gonzaguinha e Zé Ramalho,
 Caetano e Antonio Nóbrega,
 Sivuca sem embaralho...

Além de outros literatos:
 José Lins, Graciliano,
 José Américo de Almeida,
 O Suassuna, Ariano,
 Só para homenagear
 Os maiores deste plano

Aqui trago a homenagem
 Ao grupo contemporâneo
 Astier, Bráulio Tavares,
 Daudeth e o meu conterrâneo
 Que é Bebé de Natércio
 Grande abraço de Merlânio

Minha história não termina
 E mantenho-me cantando
 Rindo-me em muitos momentos
 Lá na frente até chorando
 A levar nossa cultura
 Nas ondas da criação
 Irreverente mistura
 Onde derramo a emoção

ANEXO II

**CONTRAPUENTE
DOS TIPOS DE CUIDADO (COPLAS)
AUTOR: PEDRO INFANTE Y JORGE NEGRETE**

[Pedro Infante]La gente dice sincera Yo soy Malo no lo niego
Cada que se hace un casorio Pero quisiera mezclar
Que el novio siempre la quiera Malo y bueno, por si sale
Si no que le hagan velorio Algo que sea regular

Para esta novia no hay pena [Jorge Negrete]Cierto alacrán de carroña
Pues va a tener buen marido Un colmenar visitaba
Jorge Bueno es cosa buena Para ver si la ponzoña
Por lo menos de apellido Con la miel se le quitaba

Jorge Bueno es muy bueno Como no se da lo bueno
Hijo de Bueno también Para placer del malvado
¡Y su abuelo ¡ay que bueno!
Quien se llamara como él Hoy anda el pobre purgado

[Jorge Negrete]Procurare ser tan bueno Que lo entienda quien lo entienda
Como dice mi apellido Si es que lo sabe entender
Que se trague su veneno Y si acaso no lo entiende
El que velorio ha pedido Hay que obligarlo a entender

Pedro es Malo de apellido [Pedro Infante]Te consta que no soy tonto
Retachar es su quarteta Como tú... lo has presumido
El nomás es presumido [Negrete]Tonto no... si entrometido
Por que no es Malo...es maleta Por el hambre de amistades

Pedro Malo es muy malo [Infante]El hambre siempre la calmo
Malo por obligación Con el manjar del amigo
Y su abuelo... ¡juy que malo!
Hay que comprarle su león [Negrete]Mendigo es si no mendigo
El que roba a sus amigos

[Pedro Infante]En una mañana de oro [Infante] Tú lo dices
Alguien nublaba el paisaje [Negrete] Lo sostengo
Eran un cuervo y un loro [Infante] No te vayas a cansar
Arrancándose el plumaje

Hay que olvidar lo pasado [Negrete] No le saques
Si la culpable es la suerte [Infante] Si le saco
Que bueno y malo mezclado [Negrete] Pues se acabo este cantar
En regular se convierte

ANEXO IV

CANTE LÁ QUE EU CANTO CÁ:
AUTOR: ASSARÉ, PATATIVA

<p>Poeta, cantô de rua, Que na cidade nasceu, Cante a cidade que é sua, Que eu canto o sertão que é meu. Se aí você teve estudo, Aqui, Deus me ensinou tudo, Sem de livro precisá Por favô, não mêxa aqui, Que eu também não mexo aí, Cante lá, que eu canto cá.</p>	<p>Sua rima, inda que seja Bordada de prata e de ôro, Para a gente sertaneja É perdido este tesôro. Com o seu verso bem feito, Não canta o sertão direito, Porque você não conhece Nossa vida aperreada. E a dô só é bem cantada, Cantada por quem padece.</p>
<p>Você teve inducação, Aprendeu munta ciência, Mas das coisa do sertão Não tem boa esperiência. Nunca fez uma paioça, Nunca trabaiou na roça, Não pode conhecê bem, Pois nesta penosa vida, Só quem provou da comida Sabe o gosto que ela tem.</p>	<p>Só canta o sertão direito, Com tudo quanto ele tem, Quem sempre correu estreito, Sem proteção de ninguém, Coberto de precisão Suportando a privação Com paciência de Jó, Puxando o cabo da inxada, Na quebrada e na chapada, Moiadinho de suó.</p>
<p>Pra gente cantá o sertão, Precisa nele morá, Tê armoço de feijão E a janta de mucunzá, Vivê pobre, sem dinhêro, Socado dentro do mato, De apragata currelepe, Pisando inriba do estrepe, Brocando a unha-de-gato.</p>	<p>Migo, não tenha quêxa, Veja que eu tenho razão Em lhe dizê que não mêxa Nas coisa do meu sertão. De quá manêra se pega Num ferro pra trabaiá, Por favô, não mêxa aqui, Que eu também não mêxo aí, Cante lá que eu canto cá.</p>
<p>Você é muito ditoso, Sabe lê, sabe escrevê, Pois vá cantando o seu gozo, Que eu canto meu padecê. Inquanto a felicidade Você canta na cidade, Cá no sertão eu infrento A fome, a dô e a miséria. Pra sê poeta divera, Precisa tê sofrimento.</p>	<p>Repare que a minha vida É deferente da sua. A sua rima pulida Nasceu no salão da rua. Já eu sou bem deferente, Meu verso é como a simente Que nasce inriba do chão; Não tenho estudo nem arte, A minha rima faz parte Das obra da criação.</p>

Mas porém, eu não invejo
 O grande tesôro seu,
 Os livro do seu colejo,
 Onde você aprendeu.
 Pra gente aqui sê poeta
 E fazê rima com preta,
 Não precisa professô;
 Basta vê no mês de maio,
 Um poema em cada gaio
 E um verso em cada fulô.

Seu verso é uma mistura,
 É um tá sarapaté,
 Que quem tem pôca leitura
 Lê, mais não sabe o que é.
 Tem tanta coisa incantada,
 Tanta deusa, tanta fada,
 Tanto mistéro e condão
 E ôtros negoço impossive.
 Eu canto as coisa visive
 Do meu querido sertão.

Canto as fulô e os abróio
 Com todas coisa daqui:
 Pra toda parte que eu óio
 Vejo um verso se bulí.
 Se as vêz andando no vale
 Atrás de curá meus male
 Quero repará pra serra
 Assim que eu óio pra cima,
 Vejo um divule de rima
 Caindo inriba da terra.
 Mas tudo é rima rastêra

De fruita de jatobá,
 De fôia de gamelêra
 E fulô de trapiá,
 De canto de passarinho
 E da poêra do caminho,
 Quando a ventania vem,
 Pois você já tá ciente:
 Nossa vida é deferente

E nosso verso também.
 Repare que deferença
 Iziste na vida nossa:
 Inquanto eu tô na sentença,
 Trabaiano em minha roça,
 Você lá no seu descanso,
 Fuma o seu cigarro mando,
 Bem perfumado e sadio;
 Já eu, aqui tive a sorte
 De fumá cigarro forte

Feito de paia de mio.
 Você, vaidoso e facêro,
 Toda vez que qué fumá,
 Tira do bôorso um isquêro
 Do mais bonito metá.
 Eu que não posso com isso,
 Puxo por meu artifiço
 Arranjado por aqui,
 Feito de chifre de gado,
 Cheio de argodão queimado,

Boa pedra e bom fuzí.
 Sua vida é divirtida
 E a minha é grande pená.
 Só numa parte de vida
 Nós dois samo bem iguá:
 É no dereito sagrado,
 Por Jesus abençoado
 Pra consolá nosso pranto,
 Conheço e não me confundo
 Da coisa mió do mundo

Nóis goza do mesmo tanto.
 Eu não posso lhe invejá
 Nem você invejá eu,
 O que Deus lhe deu por lá,
 Aqui Deus também me deu.
 Pois minha boa muié,
 Me estima com munta fé,
 Me abraça, beja e qué bem
 E ninguém pode negá
 Que das coisa naturá
 Tem ela o que a sua tem.

Aqui findo esta verdade
 Toda cheia de razão:
 Fique na sua cidade
 Que eu fico no meu sertão.
 Já lhe mostrei um ispeio,
 Já lhe dei grande conseio
 Que você deve tomá.
 Por favô, não mexa aqui,
 Que eu também não mêxo aí,
 Cante lá que eu canto cá.

ANEXO V

FILHO DE GATO É GATINHO AUTOR: PATATIVA DO ASSARÉ

Era o esposo assaltante perigoso,
o mais famoso dentre os marginais
porém, se ele era assim astucioso,
sua esposa roubava muito mais

Aspirando o melhor sonho de Rosa,
ambos riam fazendo os planos seus.
E mais tarde a ladrona esperançosa
teve um parto feliz, graças a Deus.

A ladra certo dia se sentindo
com sintoma e sinal de gravidez,
disse ao marido satisfeito e rindo:
- Eu vou ser mãe pela primeira vez!

"Ai, como é linda, que joinha bela!"
diziam os ladrões, cheios de amor,
cada qual desejando para ela
um futuro risonho e promissor.

Ouçã, querido, eu tive um pensamento,
precisamos viver com precaução,
para nunca saber nosso rebento
desta nossa maldita profissão

Mas logo viram com igual surpresa
que uma das mãos da mesma era fechada.
Disse a mãe, soluçando de tristeza:
- Minha pobre menina é aleijada.

Nós vamos educar nosso filhinho
dando a ele as melhores instruções
para o mesmo seguir o bom caminho,
sem conhecer que somos dois ladrões.

A mãe, aflita, teve uma lembrança
de olhar a mão da filha bem no centro.
Quando abriu a mãozinha da criança,
a aliança da parteira estava dentro.

Respondeu o marido: - Está direito,
meu amor, você disse uma verdade.
De hoje em diante eu procurarei um jeito
de roubar com maior sagacidade.

ANEXO VI

O VELHO QUE ENGANOU O DIABO
AUTOR: JOSÉ ANTÔNIO TORRES (ZÉ CATOLÉ)

Havia numa cidade	Sério, sem haver maldade
Um homem já velho e pobre	Vim aqui lhe proteger
Ele com muito desgosto	O meu intento é fazer
Por ser de família nobre	A sua felicidade.
O nome dele era Brás	Disse o velho: - Então explique
Porém com o Satanás	Esse negócio direito
O velho arranjou um cobre.	Para eu ficar ciente

O velho se maldizia	Se para mim terá jeito
Por não poder trabalhar	Quando você explicar
Tinha um roçado pequeno	Se não me prejudicar
E não podia o tratar	Se me servir eu aceito.
Além de velho e cansado	Respondeu o negro assim:
Só trabalhava alugado	- Meu pai sofre uma fraqueza
A vida era lastimar.	Sangue humano é o remédio

Ele dizia: - Ai meu Deus	Se der o seu com certeza
Se algum dia eu alcançasse	Eu sou o seu camarada
Um descanso em minha vida	Não lhe faltará mais nada
Que facilmente passasse	Se acaba a sua pobreza.
Sem trabalhar alugado	O velho disse consigo:
Tratando do meu roçado...	"Eu engano este ladrão
Ah se o bom Deus me ajudasse!	Já sei bem que ele é o Lúçifer

Um dia esse velho estava	Porém não faço questão
Trabalhando no roçado	Comigo ele se embaraça
Quando foi chegando um negro	Porque trabalha de graça
Do cabelo aguaribado	Pra mim inverno é verão".
E disse pro velho assim:	Então disse: - Eu dou meu sangue
- Esta sua vida é ruim	Pra você seu pai curar
Vou lhe fazer melhorado	Porém se você fizer

O velho lhe perguntou:	Tudo quanto eu lhe mandar
- O que você vai fazer?	A você eu não iludo
O negro disse: - Meu velho	Se não fizer perde tudo
Eu vendo o seu padecer	Não tem a quem se queixar.
Achei o senhor beócio	O negro disse: - Está feito
Mas vou fazer um negócio	Eu já vi que a coisa vai
A bem de lhe proteger.	Vou trabalhar noite e dia
Vim dar-lhe uma proteção	A sua pobreza sai

Quando não tiver mais nada
De serviço pra fazer
O senhor fura seu braço
E deixa o sangue correr
Eu lhe explico neste instante
Daquela hora por diante
Você vai me pertencer.

Às quatro da madrugada
O negrão estava tonto
Mas tinha feito um açude
Que valia mais de um conto
Cedinho chegou dizendo:
- Meu sovaco está fedendo
Mas o açude está pronto.

Disse o velho: - Muito bem
Vá me fazer um cercado
Com estacas de primeira
E com arame farpado
Um curral grande e bem feito
E só fico satisfeito
Ele completo de gado.

Disse o velho: - Agora faça
Casas pra meus moradores
Faça cem casas modernas
Para residir doutores
E não quero casa ruim
Todas elas com jardim
Completo com todas flores.

Disse o negro para o velho:
- Isso para mim é nada
Faço tudo num momento
Sem precisar de zoadá
Cerco tudo sem vexame
Num dia cerco de arame
No outro boto a boiada.

O negro com oito dias
Já tinha feito uma praça
Casas modernas bem feitas
Todas elas com vidraça
O negro muito contente
Porém estava inocente
Que trabalhava de graça.

O negro chegou à tarde
Mais preto do que carvão
Com o cabelo assanhado
Com uma foice na mão
Disse: - a cercado está feito
Pra tudo precisa jeito
Tem boi que só no sertão.

O negro disse pro velho:
- O sangue agora eu vim ver.
Do bolso puxou um frasco
Dizendo: - Este é pra encher.
Disse o velho: - É muito cedo
Parece que está com medo
Inda tem o que fazer.

O velho disse pro negro:
- Você vá tirar o grude
Amanhã bem cedo venha
Pra me fazer um açude.
Lhe disse o negro: - Eu não rogo
Se é pra fazer faço logo
Que tenho muita saúde.

Disse o negro: - Já fiz tudo
Que o senhor tem me mandado
Já fiz casas e jardins
Já fiz açude e cercado
Eu sofro de uma fadiga
Se tem mais serviço diga
Que sou um pouco apressado.

Disse o negro: - Aonde quer
Que o açude eu vá fazer?
Disse o velho: - No cercado
Para o meu gado beber.
O negro saiu danado
Sem dar parte de enfadado
Já perto de escurecer.

Disse o velho para o negro:
- Preste atenção bem a mim
Vá amolar sua foice
E roce aquele capim
Que tem dentro do cercado.
O negro ficou zangado
Achando a coisa bem ruim.

Chegou no dito lugar
Agarrou a ferramenta
Dava pancada no chão
Voava fogo da venta
Aquele negro infeliz
Inda tem gente que diz
Que aqui o Diabo não tenta.

Porque no dito capim
Tinha uma cruz enfiada
A cruz lá já era antiga
E de capim rodeada
Por isso o velho sabia
Que o Diabo preto perdia
Por causa da cruz sagrada.

O negro saiu pisando
 Bem na pontinha do dedo
 Com o pescoço esticado
 Todo assustado com medo
 Disse quando viu a cruz
 - Comigo esta não conduz
 Aqui não está de brinquedo.

Chegou no dito terreno
 Roçando o campo a redor
 À foice do cabo grande
 Não podia ser maior
 Ele roçando e dizendo:
 - Pelo jeito que estou vendo
 Ali eu acho pior.

O negro voltou dizendo:
 - O capim está cortado.
 Disse o velho: - Roçou tudo?
 Disse o negro: - Está roçado,
 Só tem um restinho lá
 Por causa do mangangá
 Que tem no chão arranchado.

O velho foi reparar
 Não quis mais ouvir proposta,
 O negro ficou dizendo:
 - Já vi que perdi a aposta
 Deixei o capim todinho
 Por isso sei que o velhinho
 Vendo o serviço não gosta.

O velho disse: - Você
 Deixou o capim inteiro
 Se o sacrifício só é
 Devido àquele cruzeiro
 Por isso você estranha
 Meu sangue você só ganha
 Roçando o capim primeiro.

Nosso trato foi assim,
 Eu quero o serviço feito.
 Disse o negro: - Eu perco tudo,
 Mas assim não me sujeito.
 O negro tomou canudo
 O velho ficou com tudo
 Satã perdeu o direito.

O velho ficou vivendo
 Em sua propriedade,
 Satanás trabalhou tanto
 Mas ficou só na vontade...
 Fui eu que ganhei na festa,
 Deus dê a quem contou esta...
 Saúde e felicidade.

ANEXO VII

A SAUDADE DA PÁTRIA E DA INFÂNCIA
AUTOR: CASIMIRO DE ABREU

<p>Oh! que saudades que tenho Da aurora da minha vida, Da minha infância querida Que os anos não trazem mais! Que amor, que sonhos, que flores, Naquelas tardes fagueiras À sombra das bananeiras, Debaixo dos laranjais!</p>	<p>Oh! dias da minha infância! Oh! meu céu de primavera! Que doce a vida não era Nessa risonha manhã. Em vez das mágoas de agora, Eu tinha nessas delícias De minha mãe as carícias E beijos de minha irmã!</p>
<p>Como são belos os dias Do despontar da existência! - Respira a alma inocência Como perfumes a flor; O mar é - lago sereno, O céu - um manto azulado, O mundo - um sonho dourado, A vida - um hino d'amor!</p>	<p>Livre filho das montanhas, Eu ia bem satisfeito, De camisa aberto ao peito, - Pés descalços, braços nus - Correndo pelas campinas À roda das cachoeiras, Atrás das asas ligeiras Das borboletas azuis!</p>
<p>Que auroras, que sol, que vida, Que noites de melodia Naquela doce alegria, Naquele ingênuo folgar! O céu bordado d'estrelas, A terra de aromas cheia, As ondas beijando a areia E a lua beijando o mar!</p>	<p>Naqueles tempos ditosos Ia colher as pitangas, Trepava a tirar as mangas, Brincava à beira do mar; Rezava às Ave-Marias, Achava o céu sempre lindo, Adormecia sorrindo E despertava a cantar!</p>

ANEXO VIII

É DESSE SERTÃO QUE EU SINTO SAUDADE NO CORAÇÃO
AUTOR: JOÃO DI CARVALHO

De uma manhã orvalhada	Fazer prece a são José
De uma chuva no terreiro	Pra ver se em março cai água
Da sombra de um juazeiro	Mas se a chuva não desagua
Do mujido da boiada	Mesmo assim não perco a fé
De um prato de coalhada	Se o meu sertão assim é
De um guizado de capão	Com seca e desolação
De ver dona Conceição	Quando estourar o trovão
No quintal tangendo um pinto	Outro quadro eu sei que pinto
É desse sertão que eu sinto	É desse sertão que eu sinto
Saudade no coração	Saudade no coração

Tomar banho de barreiro
 Beber água do riacho
 Beliscar queijo de tacho
 Pra tirar da cana o cheiro
 Com um poeta cachaceiro
 Recitar uma canção
 Dedilhando um violão
 Para todos do recinto
 É desse sertão que eu sinto
 Saudade no coração

ANEXO IX

VELHA REDE

AUTOR: CARLOS SEVERIANO CAVALCANTI)

Madrugada, inda noite, a Estrela Dalva
a brilhar como sol no firmamento...

Eu parei no portão por um momento
e voltei caminhar sem mais ressalva.

A saudade cravou-me o seu punhal,
vacilei, mas tornei a retomar
a dorida jornada para o mar
sem vontade, talvez, de completá-la.

Eu deixei minha rede lá na sala
e parti com vontade de voltar.

Esse mito invadia o meu pensar
quanto eu mais caminhava: a capital
era a meta, o destino, e era o mal
que tirou-me o refúgio do meu lar.

O meu peito eu senti a palpitar
e segui nesse afã de conquistá-la.

Eu deixei minha rede lá na sala
e parti com vontade de voltar
mas não mais retornei. E o meu cantar
toma o peito e sufoca a minha fala.

Atirei meu casaco sobre a mala,
e me pus novamente a caminhar.

Essa longa jornada para o mar
escondeu do meu rosto o riso, a fala.

Eu deixei minha rede lá na sala
e parti com vontade de voltar.

Precisava, entretanto, trabalhar
pra poder ser alguém, ganhar a vida
e ter mais liberdade. Essa ferida
em minh'alma eu não sei se vai sarar.

Hoje eu vivo saudoso, a meditar
e, se penso na rede, o peito cala.

Eu deixei minha rede lá na sala
e parti com vontade de voltar.

Outra rede me embala em frente ao
Mare do mar ouço um som que acaricia.

Esse mar me roubou, porém, um dia,
o aconchego do lar, o som da rede.

Essa água não mata a minha sede
e a saudade feroz não alivia.

Eu deixei minha rede lá na sala
e parti com vontade de voltar
a comer rapadura e degustar
água fresca, poder saboreá-la
e sentir-lhe a pureza. A minha mala
inda espera, silente, a decisão
de voltar a meu lar, a meu torrão
sob o sol causticante. Mas aqui
fica um pouco de mim. Aqui vivi
outra vida e prendi meu coração.

ANEXO X

GALOPE À BEIRA-MAR
AUTOR:LUCIANO MAIA

Abrindo os espaços da longa memória,
 escuto uma voz do relembro que abala
 o acento matuto do gesto e da fala
 da lenda-epopéia, de canto de história.

Revejo os avós, seu tempo de glória,
 caminhos tão noite do seu cavalgar.

Amor-utopia do chão secular
 da casa-do-alto, da velha aroeira,
 lembrança a galope, roçando ligeira
 as crinas do vento na beira do mar.

À força da chuva, qual bicho, se esconde
 o sol tão presente no tempo-perigo
 do solo Nordeste, perene jazigo
 de bichos e plantas, sem quando nem onde.

Se a chuva nos ares, nas nuvens estronde,
 é tempo chegado do rio passar.

Semente se lança na terra, a brotar
 tão frágil, tão tenra colheita-esperança,
 que a morte apressada por vezes alcança
 sem ter nunca vindo pra beira do mar.

Roçando os espinhos do cacto acendido,
 vencendo o mormaço da pedra-sertão,
 galopo sem medo o veloz alazão
 no traço rimado do verso medido.

Meu canto é de estrada, caminho estendido
 no dorso da idéia do verbo lutar,
 semente madura que vai germinar
 da lavra do canto, por isso não calo
 o aboio-vaqueiro, soltando o cavalo
 do verso-repente na beira do mar.

Manhã ainda noite, linguagem ronqueira
 dos que se levantam de todos bem antes,
 a fala ofegante dos velhos feirantes
 levando à cabeça seus potes à feira.

O berro-bezerro lembrando a porteira
 à hora de ir ter ao curral e tirar
 da mãe todo o leite e deixá-lo a sugar
 as tetas vazias da vaca tão mansa
 e a flor estavento que gira e descansa
 na brisa-lembrança da beira do mar

Mourão, pau-a-pique, curral, boi de raça,
 fogueira estalando na marca dos ferros,
 o laço certo, a derriba e os berros
 subindo ao abafo da preta fumaça.

Os goles no alpendre da boa cachaça,
 tropel de novinhos, voltando ao seu ar;
 a fala arrastada dos velhos a dar
 as mostras de quem quando moço gozou
 das mesmas delícias e o tempo passou
 mas canta e relembra na beira do mar.

Sovela, serrote, mourão e martelo,
 quadrão oitavado, galope e sextilha
 emprego na lavra da rima que é filha
 do verso esculpido, moldado a cutelo.

Navego a distância entre o feio e o belo
 e nessa viagem procuro encontrar
 enfim o poema que sirva de par
 ao canto formoso da mãe-natureza,
 mas não alcançando tamanha beleza,
 consolo o meu verso na beira do mar.

Caminhos cruzados à força dos dias
 que fazem-se noites, por longes demais,
 exílio dos ventos que agitam varais
 e as asas tão leves das aves esguias.

A volta ilusória, nas fotografias,
 sem tempo, sem fala, sem nada guardar
 do hoje, encerrado no nunca encontrar
 o outrora deixado por trás da barranca
 do rio que passa por nós e destranca
 as portas dos olhos, na beira do mar.

Tinindo as esporas ao vento que arde,
 cavalo e vaqueiro, de sela e gibão,
 são donos da lenda do boi barbatão
 que a morte alcançou, no lombo da tarde.

Herói sem notícia, sem fama ou alarde,
 virou velho e mudo, prefere calar
 a história hoje ingênua do seu campear
 nas longas chapadas dos tempos de outrora,
 já tendo por isso até vindo embora
 findar seu galope na beira do mar.

Mal deita-se o sol em seu berço de ouro,
 levanta-se a lua, vestida de prata.
 Faz-se hora propícia à canção-serenata
 na tarde de missa, quermesse e namoro
 O pinho afinado começa o seu choro
 e a linda morena vem calma, embalar
 um sonho incontido de poeta a cantar
 uns versos tão cheios de amor e desejo,
 poema que fala do mais louco beijo
 roubado ao murmúrio da beira do mar.

Cantor dos alpendres, ao vento das rimas,
 sorvendo as cantigas chegadas da noite,
 trazendo em seu bojo quentura de açoite,
 violas-ponteio, bordões, notas primas.
 O travo-caju e o amargo das limas
 cortando as ardências da cana a alagar
 gargantas dispostas ao canto-avatarar
 na roça-palavra de bocas loquazes;
 com a moça praiana vou fazer as pazes
 trazendo o sertão para a beira do mar.

Palavra vertida na voz desterrada,
 caminhos cumpridos no fado do povo,
 e um sol rotineiro que queima de novo
 a mesma epiderme de rugas vincada.
 O oitão sem reboco da casa deixada
 atrás da colina, suspensa no ar;
 a rosa impossível, de nunca brotar
 do pé-de-fulô da donzela Maria
 e o pé na estrada, em fatal romaria,
 até que sé perca na beira do mar.

Cantor das coivaras queimando o horizonte,
 das brancas raízes expostas à lua,
 da pedra alvejada, da laje tão nua
 guardando o silêncio da noite no monte.
 Cantor do lamento da água da fonte
 que desce ao açude e lá fica a teimar
 com o sol e com o vento, até se finar
 no último adejo da asa sedenta,

que busca salvar-se da morte e inventa
 cantigas de adeuses na beira do mar
 que busca salvar-se da morte e inventa
 Eu canto o galope medido na idade
 sorvendo o que resta da tal mocidade.
 passado e presente é preciso habitar.
 Futuro é o tempo da safra provar
 que hoje é o mais fundo e mais vivo desejo.
 Sou como o incansável, tenaz sertanejo
 que planta o sertão cá na beira do mar.

A seca lagoa, fendida e escura,
 nos lembra um mosaico, de cor tão igual,
 porém a sua forma é poligonal,
 tal como convém ao terreno em secura.
 Pois essa erodida e disforme textura
 é marca ferrada do chão secular
 da pátria Nordeste, que habita o avatar
 das chuvas-verão, de invernos sedentos,
 espírito jocoso de muitos inventos,
 histórias que ouvir cá na beira do mar.

O pai disse ao filho, que ia-se embora:
 - "É hora de planta, meu fio, num arribe,
 é já que mais chove e rio Jaguaribe
 traz água pra roça, em cima da hora".
 Sem crer no seu velho se foi e agora
 recebe a encomenda que vão lhe entregar:
 (espigas, feijão...) e então põe-se a chorar
 com pena de ter desertado da roça
 deixando a família na antiga palhoça
 e ele sozinho, na beira do mar.

ANEXO XI

O ENCONTRO DO CRENTE COM O CATÓLICO
AUTOR:VICENTE DE PAULA

O homem quando nasce	Vi dois homens discutindo
Tem sua predestinação	Me Aproximei para escutar
Todos nascem ateus	Era um crente e um católico
Nascendo sem religião	Que não paravam de falar
Quando seus pais seguem Cristo	O crente falava para o católico
Ele se torna Cristão	— O senhor tem que aceitar
Seja o homem crente,	Eu fiquei só ouvindo
Ou católico de coração	E não quis participar
O importante é seguir Cristo	Eles discutiram muito tempo
Seja em qualquer religião	Sem a uma conclusão chegar
O crente diz que esta salvo	Eu ouvi toda a conversa
Dizendo que o católico não	E no caderno fiz anotar
Por isto quando se encontram	Então fiz este cordel
Sempre tem discussão	Para a história contar
Nunca chegam a um acordo	Tudo que eles falaram
Acaba não tendo solução	Eu agora vou narrar
Mas continuam discutindo	Que eles me desculpem
Pregando o evangelho de João	Mas eu preciso contar

ANEXO XII

“MAMÃE ERA BENZEDEIRA”.
AUTOR: TONHA MOTA

<p>Eu hoje quero contar, Como era antigamente Como se curava gente, Sem um médico consultar Muito difícil encontrar, Era opção derradeira Tinha Meizinha de feira, Que não podia faltar Fazia chá pra tomar, Ou chamava a benzedeira.</p>	<p>Sendo picada de cobra, Só o meu avô rezava Pois ele não ensinava, Ele tinha fé de sobra São poucos os que se dobra, Fazendo muita oração Sem temer vela ou caixão, Nem a cobra venenosa Com uma peçonha Horrerosa, Sempre dá complicação.</p>
--	---

<p>Mamãe era benzedeira, Muita oração rezou Meu avô lhe ensinou, Reza para a vida inteira Por várias vezes foi parteira, Mas nunca se inteirou Da missão se afastou, Para não fazer carreira Sua oração primeira, Ela nunca mais lembrou.</p>	<p>Mãe curou mal de monturo, Doença de erisipela E vinham todos pra ela, Fazer-lhes o esconjuro O local vermelho escuro, Tão inchado que rachava Com uma fita amarrava, Nas não dava resultado Só depois de ser curado, Que o vermelhão passava.</p>
--	---

<p>Para picada de inseto, Minha mãe sempre dizia As orações, que fazia, Eram do vô Anacleto Pense num velho correto, Em tudo que ele fazia! Ensinar sempre queria, Pena que era analfabeto O meu avô predileto, Anacleto José Maria.</p>	<p>Ela curava impinge, Com o leite de pinhão Riscando com um carvão, Que sua tinta até tinge Tem muita gente que finge, Na hora da oração E faz isso profissão, Visando ganhar dinheiro Cuidado! No mundo inteiro, Sempre tem um charlatão.</p>
---	--

<p>Se alguém se machucava, Ou então se contundia Mamãe rezava e cozia, Era assim que ela curava O paciente avisava, Para voltar outro dia Rezava uma Ave-Maria, À Jesus Cristo entregava, E o doente curava, Pela fé, ela dizia.</p>	<p>Mamãe não tinha intenção, Não rezava por dinheiro Rezava o tempo inteiro, Com fé em sua oração À Deus pedia unção, Clamando ele primeiro Em nome do mensageiro, Jesus que e a salvação Em qualquer situação, Siga sempre esse roteiro.</p>
---	--

E para mal de azia? Nas plantas medicinais
Eu á mamãe perguntava, As orações que se faz,
Qual oração que rezava? E guardamos na lembrança
Era de santa Sofia Recebemos de herança,
E tinha a melancia, De todos os ancestrais.

ANEXO XIII

A CHEGADA DE LAMPIÃO NO CÉU

AUTOR: JOSÉ PACHECO

Lampião foi no inferno	São Pedro criou coragem
Ao depois no céu chegou	E falou pra Lampião
São Pedro estava na porta	Tenha calma cavalheiro
Lampião então falou:	Seu nome não está aqui não
- Meu velho não tenha medo	Lampião disse é impossível
Me diga quem é São Pedro	É uma coisa que acho incrível
E logo o rifle puxou	Ter perdido a salvação

São Pedro desconfiado	São Pedro disse está bem
Perguntou ao valentão	Acho melhor dar um fora
Quem é você meu amigo	Lampião disse meu santo
Que anda com este rojão?	Só saio daqui agora
Virgulino respondeu:	Quando ver o meu padrinho
- Se não sabe quem sou eu	Padre Cícero meu filhinho
Vou dizer: sou Lampião.	Esteve aqui mas foi embora

São Pedro se estremeceu	Então eu quero falar
Quase que perdeu o tino	Com a Santa Mãe das Dores
Sabendo que Lampião	Disse o santo ela não pode
Era um terrível assassino	Vir aqui ver seus clamores
Respondeu balbuciando	Pois ela está resolvendo
O senhor... está... falando...	Com o filho intercedendo
Com... São Pedro... Virgulino!	Em favor dos pecadores

Faça o favor abra esta porta	Então eu quero falar
Quero falar com o senhor	Com Jesus crucificado
Um momento meu amigo	Disse São Pedro um momento
Disse o santo faz favor	Que eu vou dar o seu recado
Esperar aqui um pouquinho	Com pouco o santo chegou
Para olhar o pergaminho	Com doze santos escoltado
Que é ordem do Criador	São Longuinho e São Miguel,

Se você amou o próximo	São Jorge, São Simão
De todo o seu coração	São Jorge, São Simão
O seu nome está escrito	São Lucas, São Rafael,
No livro da salvação	São Luiz, São Julião,
Porém se foi um tirano	Santo Antônio e São Tomé,
Meu amigo não lhe engano	São João e São José
Por aqui não fica não	Conduziram Lampião

Lampião disse está bem	Chegando no gabinete
Procure que quero ver	Do glorioso Jesus
Se acaso não tem aí	Lampião foi escoltado
O meu nome pode crer	Disse o Varão da Cruz
Quero saber o motivo	Quem és tu filho perdido
Pois não sou filho adotivo	Não estás arrependido
Pra que fizeram-me nascer?	Mesmo no Reino da Luz?

Disse o bravo Virgulino Senhor não fui culpado Me tornei um cangaceiro Porque me vi obrigado Assassinaram meu pai Minha mãe quase que vai Inclusive eu coitado	Respondeu a Virgem Santa Maria Imaculada Já falaste com meu Filho? Vamos não negues nada – Já ó Mãe Amantíssima Senhora Gloriosíssima Sou uma alma condenada
Os seus pecados são tantos Que nada posso fazer Alma desta natureza Aqui não pode viver Pois dentro do Paraíso É o reinado do riso Onde só existe prazer	Disse a Virgem mãe suprema Vai-te pra lá Ferrabrás A alma que eu pôr a mão Tu com ela nada faz Arrenegado da Cruz Na presença de Jesus Tu não vences, Satanás
Então Jesus nesse instante Ordenou São Julião Mais São Miguel e São Lucas Que levassem Lampião Pra ele ver a harmonia Nisto a Virgem Maria Aparece no salão	Vamos meu filho vamos Sei que fostes desordeiro Perdeste de Deus a fé Te fazendo cangaceiro Mas já que tu viste a luz Na presença de Jesus Serás puro e verdadeiro
Aglomerada de anjos Todos cantando louvores Lampião disse: meu Deus Perdoai os meus horrores Dos meus crimes tão cruéis Arrependeu-se através Da Virgem seus esplendores	Foi Lampião novamente Pelos santos escoltado Na presença de Jesus Foi Lampião colocado Acompanhou por detrás O tal cão de Ferrabrás De Lúcifer enviado
Os anjos cantarolavam saudando a Virgem e o Rei Dizendo: no céu no céu Com minha mãe estarei Lampião ajoelhou-se Dizendo: Senhora eu sei	Formou-se logo o júri Ferrabrás o acusador Lá no Santo Tribunal Fez papel de promotor Jesus fazendo o jurado Pelo seu divino amor
Que não sou merecedor De viver aqui agora Julião, Miguel e Lucas Disseram vamos embora Ver os demais apartamentos Lampião neste momento Olhou pra Nossa Senhora	Levantou-se o promotor E acusou demonstrando Os crimes de Lampião O réu somente escutando Ouvindo nada dizia A Santa Virgem Maria Começou advogando
E disse: Ó Mãe Amantíssima Dá-me a minha salvação Chegou nisto o maioral Com catinga de alcatrão Dizendo não pode ser Agora só quero ver Se é salvo Lampião	Lampião de fato foi Bárbaro, cruel, assassino Mas os crimes praticados Por seu coração ferino Escrito no seu caderno Doze anos de inferno Chegou hoje o seu destino

Disse Ferrabrás: protesto Trago toda anotação Lampião fugiu de lá Em busca de salvação Assassinou Buscapé Atirou em Lucifer Não merece mais perdão	Disse Jesus: Minha mãe Vou lhe dar a permissão Pode expulsar Ferrabrás Porém tem que Lampião Arrepende-se notório Ir até o "purgatório" Alcançar a salvação
--	---

Levantou-se Lampião Por esta forma falou Buscapé eu só matei Porque me desrespeitou E Lucifer é atrevido Se ele tivesse morrido A mim falta não deixou	Ferrabrás ouvindo isto Não esperou por Miguel Pedi licença e saiu Nisto chegou Gabriel Ferrabrás deu um estouro Se virou num grande touro Foi dar resposta a Lumbel
--	---

Disse Jesus e agora Deseja voltar à terra A usar de violência Matando que só uma fera? Disse Lampião: Senhor Sou um pobre pecador Que a Vossa sentença espera	Resta somente saber O que Lampião já fez Do purgatório será O julgamento outra vez Logo que se for julgado Farei tudo versegado O mais até lá freguês.
---	--

ANEXO XIV

O GRANE DEBATE DE LAMPIÃO COM SÃO PEDRO
AUTOR: JOSÉ PACHECO

Para me certificar Da morte de Lampião Arrumei o matulão E andei p'ra me acabar Não escapou-me um lugar Do Brasil ao Estrangeiro Percorri o mundo inteiro Procurando a realeza Até que tive a certeza Da morte do Cangaceiro.	Passei na Chã da Risada Desci na Fazenda Mole Fui à Usina do Fole De Bertolina Pelada Segui pela mesma estrada Do alto da geringonça Do tapado do Mendonça Puxei para virador E mandei um portador Dormir na Boca da Onça
Andei nas areias gordas Pilão sem boca e macumba As ribeiras de cazumba Estas eu remechi todas Passei nas várzea das poudras Fui à baixa da folia Levei uma companhia Deixei no bico da pata Passei nas brechas da gata Dormi na boca da gia.	E atravessei os mares Montado em um planeta Que ao som de uma trombeta Vinha descendo dos ares Visitando aqueles lares Terra de santos e fadas Naquela mesma jornada Encostei no arrebol Cheguei na Terra do Sol Na Casa da Madrugada
Fui à Serra do Cambão Desci na jumenta prenha Mandei Chico Tomás Lenha No Engenho de Filipão Pindoba de Damião Fica perto da Furada Lá deixei um camarada Caminhei mais légua Dormi na baixa da égua Perto da Tábua Lascada	Ela me deu um abraço E prestou-me bem atenção Mandou chamar o verão No reino do mestre Espaço Depois chegou o mormaço E saiu muito vexado Porque estava ocupado No palácio da manhã Tratando da sua irmã Mulher do vento gelado
Depois eu fui à Quinzanga O Engenho de Seu Melo Subi para o Birimbelo Cheguei na Chã da Munganga Treis cassetes de Zé Panga Já fica do outro lado Fui ao Cambito Quebrado Do Rodete de Pinheiro Deixei o meu companheiro Na bargada dum sevado	Continuei a viagem Com boa capa de luva Porque a terra é de chuva E mora Dona Friagem Seu palácio era na margem Do rio Major Relento Descansei no aposento Da velha seca puxada Nesta noite a trovoada Deu uma surra no vento

No reino da Branca Aurora
 encontrei a brisa mansa
 que vinha trazer lembrança
 À princesa Deusa Flora
 A neve aquela hora
 Em sua alcova dormia
 Depois o sol lhe surgia
 Desfazer-lhe do regaço
 Enquanto pelo espaço
 A neve branca corria

Lampião lhe respondeu:
 Não venha com seu insulto
 Você é um santo bruto
 Que ofensa lhe fiz eu?
 E mesmo o céu não é seu
 Você também é mandado
 Portanto esteja avisado
 Se não deixar eu entrar
 Nós vamos experimentar
 Quem é que tem bom guardado

P'ra saber de Lampião
 Qual foi a parada sua
 Subi à terra de lua
 Escanchado num trovão
 Encontrei um ancião
 Velho, barbado e corcundo
 Que vinha do fim do mundo
 Me viu e foi me contando
 Que viu São Pedro açoitando
 Um espírito vagabundo

Você não entre atrevido
 São Pedro lhe disse assim :
 Ingresso a quem é ruim
 Nesta porta é proibido
 Não sabes que sois bandido
 Roubador da vida humana
 Alma ferina e tirana
 Coração cruel perverso!
 Como queres um ingresso
 Nesta mansão soberana

Chegou no céu, Lampião
 A porta estava fechada
 Ele subiu a calçada
 Ali bateu com a mão
 Ninguém lhe deu atenção
 Ele tornou a bater
 Ouvia São Pedro dizer
 Demore-se lá. Quem é?
 Estou tomando café
 Depois vou receber

-É certo fui bandido
 Perverso, estrompa, voraz
 Porém, quem foi não é mais
 É mesmo que não ter sido
 Mesmo eu sou garantido
 Por um provérbio que tenho
 Escrito sobre um desenho
 Por pessoas elevadas
 À qual diz: - Águas passadas
 Não dão voltas a meu engenho

São Pedro depois da janta
 Gritou por Santa Zulmira:
 -Traz o cigarro caipira
 Acendeu no de São Pranta
 Apertou o nó da manta
 Vestiu a casaca e veio
 Abriu a porta do meio
 Falando até agastado:
 -Triste do homem empregado
 Que só lhe chega aperreio

— Não quero articulação
 Você aqui nada tem
 — É como você também
 Lhe respondeu Lampião
 É porque do seu patrão
 Você transmite um mandado
 Eu tenho visto empregado
 Sair do trabalho expulso
 Sem direção, sem recurso
 Por qualquer trabalho errado

Abriu na frente o portão
 Ficou na trave escorado
 Branco da cor de um finado
 Quando avistou Lampião
 Mas com a trave na mão
 Não temeu de lhe falar
 E disse: - Aqui não se dar
 Aposento a gente mal
 Senão que entrar no pau
 Acho bom se retirar

Ali falou São Bernardo
 Que também vinha chegando
 — Pedro você está brincando
 Com este cabra safado?
 Vá me chamar São Ricardo
 E São Francisco da Penha
 Diga a São Tomé que venha
 E chame São Juvenal
 Traga um pau do quintal
 E uma lasca de lenha

São Pedro ergueu-se nos pés E disse de cara feia: — Pra dar num cabra de peia Não precisa oito nem dez E gritou por São Moisés: — Vamos dar no bandoleiro Saltou no meio do terreiro Até preparar a faca Gritando : - Quebra uma estaca Arranque um pau do chiqueiro	Porém antes de pegar Desceu um grande corisco Jogado por São Francisco Da porta do quarto andar Num tremendo ribombar Um trovão também desceu O espaço escureceu Veio um forte pé-de-vento Lampião neste momento Dali desapareceu
---	--

São Paulo estava no quinta Mas ouvindo a discussão Apertou o cinturão E botou a faca na cinta Encontrou Santa Jacinta Que lá vinha no caminho E disse a Santo Agostinho Arretorcendo o bigode: Arreda que tu não pode Eu pego o cabra sozinho	Poeta tem liberdade Sagrado dom da Natura Conforme a literatura Escreve o que tem vontade Também a propriedade Precisa o dono ter Pelo menos vou dizer Se meu espírito não mente Poeta também é gente Também precisa comer
--	---

ANEXO XV

A CHEGADA DE LAMPIÃO NO INFERNO

AUTOR: JOSÉ PACHECO

Um cabra de Lampião De nome Pilão Deitado Que morreu numa trincheira Num certo tempo passado Agora pelo sertão Anda correndo visão Fazendo mal-assombrado	O vigia foi e disse Fique fora que eu entro E eu vou falar com o chefe Por certo ele não lhe quer Mas conforme eu lhe disser Eu levo o senhor pra dentro
E foi quem trouxe a notícia Que viu Lampião chegar O inferno nesse dia Faltou pouco pra virar Incendiou-se o mercado Morreu tanto cão queimado Que faz gosto inté contar	Lampião disse: Vá logo Quem conversa perde hora Vá depressa e volte logo E eu quero pouca demora Se não me derem ingresso Eu viro tudo aos avesso Taco fogo e vou embora
Morreram cem negro velho Que não trabalhavam mais Três netos de Parafuso E um cão chamado Cá-traz Morreu também Bigodeira E um cão chamado Buteira Cunhado de Satanás	O vigia foi e disse A satanás no salão Saiba, vossa senhoria Aí chegou Lampião Dizendo que quer entrar E eu vim lhe perguntar Se lhe dou o ingresso ou não
Vamos tratar da chegada Quando lampião bateu Um moleque ainda moço No portão apareceu Quem é você, cavalheiro? Moleque, eu sou cangaceiro Lampião lhe respondeu	Não senhor, satanás disse Diga a ele que vá simhora Só me chega gente ruim Eu ando muito caipora Eu já to inté com vontade De botar mais da metade Dos que têm aqui pra fora
Moleque, não! Sou vigia E não sou seu pairceiro Hoje aqui o senhor não entra Sem dixé quem é primeiro Moleque, abra o portão Saiba que sou Lampião O assombro do mundo inteiro	Não senhor satanás disse Vá dizer que vá embora Só me chega gente ruim Eu ando meio caipora Eu já estou com vontade De botar mais da metade Dos que têm aqui pra fora
Então esse vigia Que trabalha no portão Dá pisa que voa cinza Sem fazer distinção O cabra escreveu não leu A macaiba comeu Ali não se faz perdão	Disse o vigia Patrão A coisa vai piorar E eu sei que ele se dana Quando não puder entrar Satanás disse isso é nada Reúna aí a negrada E leve o que precisar

Quando Lampião deu fé	Reclamava Lucifer
Da tropa negra encostada	Crise maior não precisa
Disse só na Abissínia	Os anos ruim de safra
Ô tropa preta danada	E agora mais esta pisa
E uma voz que ecoou	Se não houver bom inverno
Satanás foi quem mandou	Aqui dentro dos inferno
Taca-lhe fogo negrada	Ninguém compra uma camisa
Houve grande prejuízo	Quem duvidar desta historia
No inferno nesse dia	Pensar que não foi assim
Queimou-se vinte mil conto	Duvidando de meu verso
Que Satanás possuía	Não acreditando em mim
Queimou-se o livro do pont	Vá comprar papel moderno
Perderam seiscentos contos	E escreva para os inferno
Somente em mercadoria	Mande saber de Caim

ANEXO XVI

A MISSÃO DE DEUS AUTOR: JOSÉ MARCOS DA SILVA

Vou falar de um assunto Que julgo muito importante E com isso abordo um ponto Bem central e interessante No qual a Bíblia Sagrada Registra de capa a capa Do primeiro ao último livro Trata-se de uma missão Que o Autor da Criação Cercou de bastante brilho	Deu a eles liberdade De tudo administrar Nomear coisa por coisa E com todo amor zelar Mas, em busca de ciência Veio a desobediência E o pecado a seguir Trazendo a maldição Para toda a criação Chorar em vez de sorrir
Certa feita quis o Pai Criar algo grande e belo E começou um trabalho Grandioso e singelo Fazendo tudo perfeito Trabalhou bem do seu jeito Com carinho e perfeição E com tudo harmonizado Detalhado e caprichado Terminou a Criação	Mas, o Pai, que é bondoso Rico em misericórdia Iniciou o trabalho Pra desfazer a discórdia E se pôs logo em missão De resgate e redenção Do que foi danificado Entrando em nossa história Para desfazer em glória Os efeitos do pecado
Fez o céu e fez a terra As estrelas e a lua Oceanos, rios, lagos Conforme a vontade sua Animais de todo tipo Com carinho e grande estilo Foi soltando pela mata E no fim do seu trabalho Achou bom o resultado Mas uma coisa faltava	Depois de grande preparo Separando Israel Para ir iluminando Sinais do Reino do Céu O Criador culminou Seu papel de redentor Encarnando em Jesus Cristo Pra viver a nossa história Abrindo mão de sua glória Se tornando o Sacrifício
Faltava quem bem cuidasse De tudo o que Deus criou Alguém que administrasse E que fosse o guardador Caprichoso como é Criou Homem e Mulher E logo dando a missão De provarem dos sabores E serem os cuidadores De sua bela Criação	E com isso o Pai Eterno Fez sua parte na Missão De trazer tudo pro eixo Com reconciliação Pois em Cristo o pecado "Tava" de vez anulado E a vitória garantida Pelo sangue lá da cruz Derramado por Jesus Para restaurar a Vida

Mas, outra vez, com bondade	A missão só pode ser
Um povo comissionou	Executada no Mundo
Para fazer o serviço	No meio da caminhada
De mostrar o Salvador	De um povo moribundo
Ao mundo ainda caído	Engajada em mutirão
E no pecado perdido	Buscando reflexão
Necessitado de paz	Junto com a atitude
Mas que através de Jesus	De imitar o Jesus
Por tudo o que fez na cruz	Não o da glória e sim o da cruz
Volte a ter o que lhe apraz	Em serviço e em virtude

Esse povo reunido	O lugar de operar
É a Igreja do Senhor	Nossa fé no Salvador
Tem uma nobre tarefa	É no mundo bem real
Que cumprida em amor	Ao lado do sofredor
Levará a humanidade	Sempre olhando a premissa
A conhecer a Verdade	De que a paz e a justiça
Essa é sua missão:	São marcadores do Reino
No poder do Espírito Santo	Buscando estabelecer
Proclamar de canto a canto	Sempre o alvorecer
Que é chegada a salvação	De um amor verdadeiro

Mas essa proclamação	Nunca de um amor fingido
Não se resume ao falar	Mas sempre com um coração
E sim dita em atitudes	Que busca um Reino que é
Ou seja: testemunhar	Construído a muitas mãos
De um Deus que em missão	Pois o dono da toada
Traz reconciliação	Já proclamou a chegada
De toda a obra criada	Do seu Reino aqui e agora
Promovendo aqui e agora	Mesmo que a plenitude
Os sinais de sua glória	De sua bela atitude
Como em Cristo anunciada	Só se verá em sua glória

Mas a Igreja precisa	Mas essa glória um dia
Entender que a Missão	Todos vamos enxergar
É de Deus e compreende	E ver a Árvore da Vida
A plena restauração	De volta ao seu lugar
Do Homem com o Criador	Sem choro e sem maldição
Com o próximo e em amor	Veremos a Criação
Com a própria Natureza	Enfim, toda redimida
E não cair no engano	Pelo sangue do Cordeiro
De viver o falso encanto	Que com amor verdadeiro
De ser um fim em si mesma	Empenhou a própria vida

Mas, se a igreja criar
 A sua própria missão
 E achar que é no templo
 Que se opera a salvação
 Entrará num ledor engano
 Viverá um falso encanto
 Da fé se desviará
 Pois religiosidade
 Egoísmo e vaidade
 Podem bem ludibriar

ANEXO XVII

A LUTA ENTRE DEUS E O DIABO

AUTOR: J.B.XAVIER

...Então Deus e o Diabo Travaram luta mortal Para ver com quem ficava Todo o bem e todo o mal.	E esse calor intenso Que te sapeca o traseiro? Vives sempre suarento Noite e dia, o ano inteiro!
Dividiram o universo: A cada um a metade. Mas na divisão levaram Quase meia eternidade.	Um calorzinho da nada Que não perturba ninguém. Antes assim que a chatice De viver dizendo “Amém”.
Da outra metade, porém, Do tempo que lhes restava Gastaram de novo o meio Para ver quem atacava.	E quanto á falta de paz Que perturba a tua vida? Cultuas o sofrimento, Vives abrindo ferida!
A um quarto reduzida A imensa eternidade Disse o Diabo sorrindo, Ataque! Fique à vontade!	Qual o quê! Eu estou sempre Presente a todo segundo. Que culpa tenho, se há tanto. Não visitas o teu mundo?
No pouco tempo que tenho Vou conseguir lhe mostrar A vantagem do empenho Em fazer o homem pecar.	Em cada igreja que existe Sou presente, meu amigo! Já, tu, assustas pessoas, Ninguém quer estar contigo!
“Qual o quê” responde Deus, Olhando feio o diabo. Se tu fosses coisa boa, Não te crescia esse rabo!	Que piada essa de igrejas! E nem tens piadas boas! O meu templo – sim senhor! – Está dentro das pessoas!
Não te esqueça, meu amigo. Que foi de ti que eu vim. Portanto não tenho culpa Se tem algo errado em mim!	Mas ninguém deseja o Mal. Tanto é que ninguém faz Maldades a toda hora. Todo mundo quer a paz!
Tu sim,te revoltaste! Foste tu que não querias Entender que tudo gira Em torno de hierarquias!	Gargalho ao saber que estás Tão enganado com a Terra. Naquele planeta infame Todo mundo quer a guerra!
Que bobagem rematada! Como vê, eu sou feliz. Vinho, mulheres e farras: A vida que eu sempre quis!	Mas só se fala de amor Em meu planeta bendito! Tanto que desse clamor Eu vivo ouvindo o grito!

Eu não sei como é que pode
De Ti todos terem vindo!
São um bando de hipócritas
E estão sempre mentindo!

Veja lá como é que fala
Do meu rebanho, perverso,
Ou eu te expulso de vez
Deste lado do Universo.

Isso é conversa fiada!
Pois a metade já tenho.
Agora é a tua metade
Que em ganhar eu me empenho!

Percebendo Deus que a briga
Virava já um tormento
Resolveu mudar então
Sua linha de argumento.

Uma das coisas que fiz
E que merece atenção,
Foi ter colocado Eva
Tão juntinho de Adão.

Considere que, pra mim,
Isso só trouxe vantagem.
Senão como eu poderia
Fomentar a sacanagem?

Tu crês, então, seu imundo,
Que são esses seus papéis,
Que as mulheres deste mundo
Te serão todas fiéis?

Disso nunca duvidei.
Eu as tenho em minha mão!
E assim vou manipulando
O destino de Adão.

Deus então, já chateado.
Com aqueles burburinhos,
Disse, calando o Diabo:
Então, porque os chifrinhos?

ANEXO XVIII

DISCUSSÃO DO MACUMBEIRO E O CRENTE

AUTOR: GONÇALO FERREIRA DA SILVA

<p>Carnaval e futebol Ficaram pra se curtir. Os santos ensinamentos São para o crente seguir. Religião e política Embora mereçam crítica Não são pra se discutir.</p>	<p>– Que pecado monstruoso – Disse o crente, o dedo em riste É triste um pecador crer Num troço que não existe E fazer o mal com isto Agravando a Jesus Cristo É vinte mil vezes triste</p>
<p>Evangelista e Pilintra Não pensavam do mesmo jeito, Pois enquanto Evangelista Diz que foi por Cristo aceito Pilintra bate no bumba Dizendo que é na macumba Que se faz tudo bem feito.</p>	<p>Pilintra lhe respondeu: – Preste muita atenção, moço, Se macumba não existe Não carece de alvoroço Deus também nunca lhe disse Pra querer ter a burrice De ser santo em carne e osso.</p>
<p>Porém, embora os dois pensem De maneira diferente, Nunca tinham discutido Porque até o presente Não tinham, por sorte rara, Oportunidade para Um encontro frente a frente.</p>	<p>Não era tarde da noite, Umas dez horas, e tantos, Começou a chegar gente Vinda de todos os cantos, Outros vinham feito loucos, Os que há pouco eram poucos Já não se sabia quantos.</p>
<p>Mas um dia Evangelista Voltava alegre do culto Quando avistou muito longe De Pilintra o negro vulto Que já vinha da macumba No morro da Catacumba Já foram trocando insulto.</p>	<p>A rua ficou lotada De toda espécie de gente, Muitos pelo macumbeiro, Outros a favor do crente; Os aplausos ao combate Serviam para o debate Ficar cada vez mais quente Pilintra disse: – Vocês</p>
<p>E onde os dois se encontraram Era uma encruzilhada Onde havia uma bebida Á Pomba Gira deixada E uma galinha preta Pertinho de uma valeta Para um Exu colocada</p>	<p>Os crentes só fazem o bem Mas falam de todo mundo, Razão só vocês que têm E eu na minha macumba Vivo bem com minha dumba Sem falar mal de ninguém.</p>

O crente bateu com as juntas dos dedos na negra capa da Bíblia e ameaçou dar no macumbeiro um tapa e disse: – Na minha crença eu não admito ofensa mesmo que seja do Papa.

Portanto pode chamar seu caboclo furacão Pena Branca de Aruanda, São Cosme e São Damião Zé Pilintra e Preto Velho que a luz do meu Evangelho deixa todos sem ação.

Respondeu Pilintra: – Os guias não são para ser chamados para assistir bate-boca nem para fazer mandados. São emissários benditos que quando estamos aflitos vêm nos fazer consolados. O crente cego de ódio disse: – Cara, muito bem qual é a luz que um espírito que vive nas trevas tem? E como é que tu levas fé num espírito das trevas que nunca ajudou ninguém?

– O mal – respondeu Pilintra que mais combate e censura e que o reino de Deus é pra vocês no futuro, estão errados, declaro para vocês tudo é claro para os demais é escuro.

Convide seus Orixás Iansã, Nanã, Ogum, Omulu, Xangô, Oxóssi, Iemanjá e Oxum, Mariazinha da Praia que quero dar uma vaia pois não respeito nem um.

– Atire esta Bíblia fora – disse Pilintra arrogante, respeite a religião que segue o seu semelhante senão eu lhe meto o murro porque o destino do burro é morrer ignorante.

Um dos espectadores quis o Pilintra agredir, a turma do “deixa disso” fez intruso sair com a recomendação de não entrar na questão deixando os dois discutir.

A discussão nesta altura já parecia uma briga vai ofensa, vem ofensa e no meio da intriga que parecia arruaça a plateia achava graça de dar câibra na barriga.

Os homens tinham energia na garganta como poucos, dando socos no espaço, já completamente roucos uns riam pelo que viam, outros riam dos que riam, era um festival de loucos.

Ninguém mais se entendia no meio da discussão. Evangelista deixou a Bíblia cair no chão, e Pilintra não sabia porque razão discutia com tão voraz decisão.

Certo é que nem um queria perder aquela disputa, Pilintra não ia dar mole nem que fosse a força bruta, até o quinto mandamento não cumpriria no momento para não perder a luta.

Parecia que a disputa,
duraria a noite inteira,
mas antes da hora grande
Pilintra com voz maneira
disse: – Acabo a raça sua,
vou chamar seu Tranca-Rua,
Encruzilhada e Caveira.

Com estas frases Pilintra
ficou muito indignado
e disse: – Cara não faça
juízo precipitado,
até o momento presente
não sei porque todo crente
tem a fala de viado.

Evangelista com isso
perdeu logo a esportiva
e disse: – Convide alma
de preta velha cativa,
de velho catimbozeiro
que quero ver mandingueiro
comigo ter voz ativa.

Destas palavras pra frente
ninguém entendeu ninguém,
foi muito grande o tumulto
guias chegaram do além,
para esquentar o ambiente
no final até o crente
recebeu santo também.

Um gozador que ouvia
a disputa atentamente
fez um boneco de pano
muito negro e reluzente,
jogou para o alto o treco
e a droga do boneco
caiu bem nos pés do crente.

Quando o guia incorporado
no crente foi novamente
para região celeste
todo o pessoal presente
entre risos e charadas,
num festival de risadas
todos mangavam do crente.

O crente soltou um grito
e quis sair na carreira,
mas ao escutar as vaias
daquela cambada inteira
ouviu do canto da praça
um sujeito achando graça
igual

No morro da Catacumba
Pilintra lia convencido
da discussão o poema
achando não ter perdido,
o crente em sua Assembléia
também lia a epopéia
certo que tinha vencido.

O crente, no desespero
quis esboçar reação,
buscando apoio do povo
disse acenando com a mão:
Todo infeliz macumbeiro
é bandido e maconheiro,
é assassino e ladrão.

ANEXO XIX

A IDADE DO DIABO
AUTOR: MARCO HAURÉLIO

<p>Neste mundo de meu Deus Que ninguém se fie por brabo, Pois pode topar um dia Frente a frente com o Diabo, E aí pode descobrir Onde a porca torce o rabo.</p>	<p>— Cá estou às suas ordens, Disse o sujeito a Antônio. Este logo percebeu Que aquele feio quelônio, Fedendo a chifre queimado, Devia ser o demônio.</p>
<p>Num distante lugarejo, No estado da Bahia, Há cerca de oitenta anos, Um pobre homem vivia Com uma velha criada, Lhe fazendo companhia.</p>	<p>Tornou falar o capeta: — Vim aqui lhe ofertar Riqueza para o senhor Não ter mais que trabalhar — Mas daqui a cinco anos Sua alma venho buscar.</p>
<p>O nome dele era Antônio, O da criada era Ana, Num povoado distante Tinha ele uma choupana, Lá vivia com a velha, Cumprindo a sina tirana.</p>	<p>Refazendo-se do susto, Antônio disse: — Rapaz, Aceito a sua proposta, Porque pra mim tanto faz Ir pro céu ou pro inferno, Porque nunca tive paz.</p>
<p>Por só viver na penúria, Ele ficou desgostoso E disse: — Se nesta casa Aparecesse o Tinhoso Para comprar minha alma, Tudo seria só gozo!</p>	<p>O Diabo então furou O braço do desgraçado E o sangue que escorreu Ele aparou com cuidado — Disse: — Negócio comigo É no contrato assinado.</p>
<p>Mal acabou de falar, À sua porta bateu Um estranho cavalheiro — Quando Antônio o atendeu Sentiu um forte arrepio, Todo o corpo estremeceu.</p>	<p>Embebeu no sangue a pena, Deu para Antônio assinar E disse: — Fique tranqüilo, Sua vida vai mudar, Mas daqui a cinco anos, A conta venho cobrar.</p>
<p>O tal sujeito trajava A veste da escuridão, Na boca tinha um charuto E uma bengala na mão — Do corpo todo exalava O cheiro da maldição.</p>	<p>Dizendo isto, foi embora, Montado num alazão, Que saiu em disparada, Fazendo tremer o chão, Dentro duma labareda — Antônio disse: — É o cão!...</p>

Então a sorte do cabra
Mudou da noite pro dia:
Quanto mais ele gastava
Mais dinheiro aparecia;
Disse: — Adeus tempo ruim!
Agora é só mordomia.

Os anos foram passando
Sem Antônio se lembrar
Que quem lhe deu a riqueza
Havia de retornar
E os seus dias de glória
Teriam de terminar.

Quem foi pobre como Jó,
Só passando privação,
Agora era bem mais rico
Do que o rei Salomão!
Perto dele o Tio Patinhas
É um reles pobretão.

Um dia, estava deitado
Alguém na porta bateu.
Ele perguntou quem era.
De fora, a voz respondeu:
— Não se lembra mais de mim?
Sou seu amigo Asmodeu.

Pra quem vivia no angu,
Era de se admirar,
Pois sua comida agora
Era um tal de caviar,
Que mandava vir de longe
Para se vangloriar.

Naquele momento, Antônio
Foi perdendo a esperança,
Pois os fatos do passado
Voltaram à sua lembrança
E disse consigo mesmo:
“Agora é que vem lambança!”

Tinha fazendas e fábricas
No Brasil e no estrangeiro,
E costumava acender
O charuto com dinheiro,
Se esquecendo do trato
Que fez com o catimbozeiro.

Quando ele abriu a porta,
O excomungado entrou
Dizendo: — Amigo, prepare-se,
A sua hora chegou! ...
Antônio, ao ouvir aquilo,
Logo se desesperou.

ANEXO XX

A MULHER QUE VIROU COBRA
AUTOR: PEDRO BANDEIRA

Jesus me dando memória
 não faltando inspiração
 vou ver se conto uma história
 chegada do Maranhão
 enquanto a coragem sobra
 descrevo dobra por dobra
 da mulher que virou cobra
 por zombar de Frei Damião.

Fumou e bebeu cerveja
 tomou vinho e alcatrão
 partiu no rumo da igreja
 perdeu-se na multidão
 com a feição desbotada
 soltou um gargalhada
 e começou dizer piada
 com o Santo Frei Damião

Era um mulher casada
 que traiu o seu esposo
 e passou a viver jogada
 num meretrício seboso
 jogou os Santos no mato
 chamou Jesus de barato
 e botou gás no retrato
 de Frei Damião poderoso

Seu corpo se peneirando
 rinchou depois deu um grito
 aí foi se transformando
 em um fantasma esquisito
 alguém disse a Frei Damião
 ele suspendeu a mão
 e continuou no Sermão
 sem esbarrar o Bendito

Tentada por Satanaz
 cheia de ódio e preguiça
 passou a dizer aos pais
 que não ia mais a Missa
 de Cristo fez zombaria
 sem saber que ainda um dia
 essa sua hipocrisia
 ia findar-se em carniça

Frei Damião já sabendo
 do caso fenomenal
 fez que nada estava vendo
 ali naquele local
 enquanto ele rezava
 a Santa Missão pregava
 a mulher se transformava
 numa serpente infernal.

Quando alguém lhe pedia
 esmolas pras os anciãos
 a condenada saía
 com quatro pedras nas mãos
 assim naquela balança
 foi perdendo a confiança
 do povo da vizinhança
 do pai, da mãe, dos irmãos

Seus membros se demuliram
 em menos de um segundo
 e seus parentes sentiram
 um desengano profundo
 ninguém sabia o que era
 rosnava como pantera
 parece que a bête-fera
 tomava conta do mundo.

Na vida de quem não presta
 feroz como um cão de fila
 um dia foi uma festa
 já se sentindo intranquila
 era uma Santa Missão
 pregada por Frei Damião
 nos brejos do Maranhão
 numa igreja sem vila

O povo se assombrou
 como quem perdia a fé
 mas Frei Damião gritou:
 não sai ninguém desta Sé
 ninguém daqui vai correr
 ela a ninguém vai morder
 depois é que vai dizer
 este segredo o que é

Caía porta e janela
no sopro da saraivada
e até a propria Capela
tambem sentiu-se abalada
a flor perdia o pistilo
voavam barata e grilo
e Frei Damião tranquilo
como quem não via nada.

A serpente se torcia
da cabeça ao mocotó
se estirava e se encolhia
como cobra de cipó
só a cabeça de gente
e o corpo de uma serpente
como um cascavel valente
dos pantanais de Codó

Babava como um dragão
fazia no corpo um jogo
passava o rabo no chão
que as pedras tiravam fogo
enquanto isso se passava
Frei Damião celebrava
como quem não escutava
assombro, conversa ou rôgo

As mulheres se assombavam
a cobra chamava o diabo
suas pernas já estavam
transfiguradas num rabo
toda rôxa e transformada
numa cobrona lavrada
cortando como uma enxada
que a folha encosta no cabo

Como outra cobra qualquer
ficou a triste infiel
a cabeça de mulher
e o corpo de cascavel
como um fantasma teórico
maligno fantasmagórico
brusco, dramático e histórico
rude, assombroso e cruel

Quando correu a noticia
acolá, ali, alem
o batalhão de policia
chegou na festa tambem
Frei Damião vendo o segrêdo
disse balançando o dedo
não corram nem tenham medo
ela não morde ninguém

Frei Damião continuou
rezando a Salve-Rainha
e a cobra se aproximou
do adro do capelinha
disse o Frei: vou perguntar
o que ela veio buscar
nesta festa popular
de Cristo, do povo e minha

Antes dele perguntar
o que a cobra queria
ela começou gritar
falava alto e dizia:
sou treva que apaga a luz
sou carne virada em pus
porque zombei de Jesus
e critiquei de Maria

Sou infeliz pecadora
filha da brutalidade
nasci pra ser portadora
dos crimes da humanidade
me transformei na orgia
na farra, na boemia
sem me lembrar que perdia
o reino da eternidade

Deixei minha casa honrada
difamei do Pai Eterno
passei a viver jogada
no vicio negro e moderno
perdí da vida a caricia
assombro até a policia
e passo até dar noticia
do que se passa no inferno

Mulher que trai o marido
moça que responde os pais
homem casado enxerido
"quiba" que ilude rapaz
vigários amasiados
por Deus estão condenados
pra serem crucificados
nas prisões do Satanaz

Terá o mesmo desprezo
mulher casada que dança
marchante que rouba o pêso
sem dar fiel na balança
o ladrão o assassino
quem nega esmola a um menino
pedeu de Deus o destino
e da luz de céu a esperança.

Disse Frei Damião:
esta certo ouvi sua explicação
mas lá naquele deserto
vai ser sua habitação
passe a viver sua idade
naquela concavidade
e só volte aqui na cidade
com ordem de Frei Damião

Vá pra aquela serrania
viver por entre o rochedo
que pode até inda um dia
você sair do degredo;
a serpente se sumiu
a alegria surgiu
e Frei Damião pediu
pra não contarem o segredo

ANEXO XXI

OS CONSELHOS DE PADRE CÍCERO PARA PRESERVAR A MÃE NATUREZA”
AUTOR: CÍCERO MANOEL

O Santo do Juazeiro” Padre Cicero Romão, Está morando no céu Com seu cajado na mão, Pedindo a Jesus por nós E nos botando a benção.	Pois o nosso Padim Ciço “santo” de muita firmeza, Deixou com sabedoria E uma imensa clareza, Conselhos pra preservarmos A nossa mãe natureza
No século que estamos Tá grande a situação, A nossa mãe natureza Causa assombro sem perdão, Em toda face da terra Ela faz destruição.	No Juazeiro do Norte No Horto eu vi escrito, Numa parede os conselhos E achei muito bonito Pois vou contar em cordel O que ele deixou dito.
Na terra hoje se vê Ciclones e furacões Terremotos, maremotos, Secas e grandes vulcões Enchentes em temporais, Machucando corações.	Meu padrinho deixou dito: “Amiguinho não seja mal, Peço não derrube o mato Não corte um só pé de pau, Não toque fogo na roça Caatinga ou canavial.
Esses fenômenos causam Emoção e muita dor, Matam diversas pessoas Causam medo e pavor, É aí que todo mundo Se lembra do criador.	Não cace mais, deixe os bichos, Que livre possam viver, Crie boi e bode em cercados, Soltos vão lhe aborrecer, Deixe o pasto descansar Pra depois se refazer.
O homem pra natureza É um mosquito valente, Ele pica a natureza E deixa ela doente, Só que a vingança dela Pode esperar vem na frente.	Amiguinho na sua casa Lhe digo de coração, Faça uma grande cisterna, Construa bem no oitão, E guarde a água da chuva Pra quando haver precisão.
A natureza doente Fica bem mal já morrendo, Mas quando vem a vingança O mosquito sai correndo, Prova do próprio veneno E no fim quem é sai perdendo.	Não plante de serra acima Pode dar mau resultado, Em ladeira muito em pé também não faça roçado deixe o mato protegendo crescendo pra todo lado.

<p>Fazer roçado em ladeira Pode de acontecer Da forte erosão da água Arrastar tudo e descer E toda sua riqueza Assim você vai perder.</p>	<p>Deste modo assim o povo Vai ter sempre o que comer, Porém se estes conselhos Ninguém não obedecer, Tudo vai virar deserto Sem dá pra ninguém viver.”</p>
--	--

<p>Amiguinhos os riachos Vocês têm que preservar, Sempre de cem em cem metros Queira isto praticar, Façam até com pedra solta Isto vai lhes ajudar.</p>	<p>Foram estes os conselhos Do Padim Ciço Romão, Preserve a mãe natureza Não maltrate ela não, Porque a vingança dela Pode matar seu irmão.</p>
--	--

<p>Todo dia amiguinhos Façam o que vou falar: Pelo menos uma árvore Vocês precisam plantar Até que o sertão seja Uma mata espetacular.</p>	<p>Preserve a mãe natureza Não faça poluição, Não joguem lixo nos rios Isso traz preocupação, Jogue lixo no lixeiro E não jogue ele no chão.</p>
---	---

<p>O bom proveito das plantas Vocês precisam tirar, A maniçoba, a jurema, E outras deste lugar, Durante a seca essas plantas A vocês podem ajudar.</p>	<p>Com os rios poluídos Neles ninguém pode entrar, As águas que eram limpas Ninguém pode mais usar, Preserve a fonte da vida Que a água pode acabar.</p>
---	---

Se estes ensinamentos
 Todo mundo obedecer,
 A seca vai acabar
 E tudo vai florescer,
 O gado vai melhorar
 Com alegria e prazer.

ANEXO XXII

**BEATA MARIA DO ARAUJO
AUTORA: MARIA DO ROSÁRIO**

Foi uma religiosa De muita dedicação Reconhecida beata Por toda a população E tinha por Padre Cícero Muita consideração	O Padre Cícero sofreu Até a morte chegar Não desprezou a Igreja Obedeceu, quis ficar E sobre o caso da hóstia Ninguém podia falar
No ano de oitenta e nove Um fato lhe ocorreu Estava assistindo a missa Quando a hóstia recebeu Das mãos de Padrinho Cícero E veja o que aconteceu:	Falando agora em Maria Foi triste o destino seu Nos inqueritos que houve Com tudo muito sofreu Levou uma vida penada Depois do que aconteceu
Ao abrir a sua boca Quando estava a comungar A hóstia ficou em sangue Sem saber como explicar Foi por cento e treze vezes Que chegaram a contar	Lá na cidade do Crato Maria foi torturada Na casa de Caridade Ela foi enclausurada Proibida de sair Era muito vigiada
Apareceu umas chagas Em seu corpo e arrebatava E sem pisar pelo chão Dando passada ela andava A hóstia sangrando em carne Muitas vezes transformava	E por quase trinta anos Ela foi bem perseguida Viveu no anonimato Com a existência perdida Novecentos e quatorze Foi o fim de sua vida
A Igreja investigou E pegou muito pesado O caso como um milagre Nunca foi mesmo aceitado E depois de grande inquerito Deu tudo por encerrado	E como se não bastasse Toda esta perseguição Em novecentos e trinta Fizeram a violação Do túmulo em que a sepultaram Sem fazer exumação
A consequência que teve Foi do Padre a suspensão Dos seus atos na Igreja Com grande humilhação Tempos depois também veio Pra ele a excomunhão	Seus pobres restos mortais Sem poder ser descansados Roubaram do cemitério E nunca foram encontrados Ainda não descobriram Aonde foram enterrados

ANEXO XXIII

O ENCONTRO DE LUÍS CARLOS PRESTES E LAMPIÃO
AUTORA: MARIANE BIGIO

Foi no século passado	Era seu objetivo
No ano de vinte e seis	Frear a Coluna Prestes
Não se sabe ao certo o dia	Grupo revolucionário
Especula-se o mês	Vindo do Sul e Sudeste
Que chegou a Juazeiro	Despertando a atenção
O temido cangaceiro	De toda a população
Imbuído de altivez	Marchando rumo ao Nordeste

Virgulino, conhecido	Tinha em Luis Carlos Prestes
Sob o vulgo Lampião	Ex-militar revoltado
Famoso Rei do Cangaço	Liderança principal
Governador do Sertão	Comunista iniciado
Foi em busca do “Padim”	Contra a República Velha
Lá o encontrou por fim	Miguel Costa se emparelha
Padre Cícero Romão	E soma-se um aliado

Ao chegar nesta cidade	Ao longo de poucos anos
Foi muito bem recebido	A Coluna caminhou
Aos pobres lhes dava esmola	Pregando o voto secreto
Jornalistas destemidos	Muito apoio conquistou
Lhe faziam entrevista	Com coragem combatia
Portou-se como um turista	As bases da oligarquia
Pelo Padre protegido	Sua fama se firmou

Mas a súbita visita	Com mil e quinhentos homens
Tinha a sua intenção:	E a técnica da guerrilha
Virgulino recebeu	Foram vinte e cinco mil
O cargo de Capitão	Quilômetros nessa trilha
a patente controversa	Passando por treze estados
sendo por ele malversa	Tenentistas e aliados
em troca d’uma Missão	Gente à causa se perfilha

Nomeado comandante	O confronto encomendado
por Floro Bartolomeu	Jamais se concretizou
no Batalhão Patriótico	Lampião rompeu o pacto
um destino recebeu	À caatinga retornou
Com seu bando enfrentaria	A Coluna e o Cangaço
As tropas da rebeldia	Não dividiram espaço
O que nunca aconteceu	No que a história nos contou

Mas se fosse diferente? Se tivesse acontecido? Se pudesse Virgulino Ter a Prestes conhecido? Como seria então Houvesse a reunião Entre os incompreendidos?	Lampião estarecido Pelo astuto contra-ataque Acalma de pronto o facho Deixa que Prestes matraque E acaba convencido Tendo então reconhecido De Prestes o seu destaque
Eu cá tenho um palpite Pois enxergo a semelhança Entre as personalidades Entre as duas lideranças Lampião, “Rei do Cangaço” E Prestes em seu compasso “Cavaleiro da Esperança”	Lampião veria ali Uma possibilidade De obter a proteção Dada a grande quantidade De soldados na Coluna Aliança oportuna E provável amizade
De dentro daquelas brenhas Saltaria Lampião Com seu bando, logo atrás Lhes dizendo em canção: “Ajoelhem-se agora Obedeçam sem demora Às ordens do Capitão”	Os grupos caminhariam Por um tempo, lado a lado Até que o próprio tempo Os deixasse afastados Lampião seguindo a senda Que o transformou em lenda E Prestes sendo exilado
Antes de tentar a luta Prestes parte a conversar “Meu amigo, tenha calma Ouça o que vou lhe falar... Estamos do mesmo lado Ambos somos os soldados De uma causa singular”	E Jamais esqueceriam Esse tempo, no passado Em que Lampião e Prestes Se tornaram aliados Mesmo suas companheiras Ambas mulheres guerreiras Já teriam combinado
“Não me importo com a causa Sinhôzinho que não presta! Eu só luto por mim mesmo E a caatinga é o que me resta Me fizeram Capitão Essa é minha missão... Meto um tiro em tua testa!”	Elas seriam comadres Trocando cartas amigas Relatando experiências Contando lutas e brigas De seus maridos na estrada A sorte sendo narrada Em bilhetes sem intrigas
“Não és contra o Governo? Pois saiba que também sou Não te afeiçoas aos pobres? Pois eu também me afeiçoo Também tenho o meu bando E enquanto estamos falando Todo ele te cercou”	Grávida de sua filha Que se chamaria Anita Olga Benário recebe Um belo laço de fita No embrulho um recado “Deus lhes guarde com cuidado”] adeus, Maria Bonita”

Prestes entra na política
Lampião decapitado
E a verdade ninguém sabe
Se foi certo ou errado
Se algum deles foi bandido
Ou herói embevecido
Mas serão sempre lembrados

E assim teria sido
Preencho esta lacuna
Minha imaginação
Com a poesia coaduna
Neste cordel que conteve
Quando o Virgulino teve
Um problema com a Coluna!

